



**O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa
densidade**

O caso de Castanheira de Pêra

Sílvia Margarida Tavares Braga

Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção de Grau de
Mestre em Ecoturismo

Orientadora: Professora Doutora Eugénia Devile

Orientador externo: Engenheiro José Pais

Coimbra, 2017



**O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa
densidade**

O caso de Castanheira de Pêra

Sílvia Margarida Tavares Braga

**Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção de Grau de
Mestre em Ecoturismo**

Presidente: Professor Doutor Orlando Simões

Arguente: Professora Doutora Susana Lima

Orientadora: Professora Doutora Eugénia Devile

Orientador externo: Engenheiro José Pais

Coimbra, 2017

“Não são as espécies mais fortes que sobrevivem, nem as mais inteligentes e sim as mais suscetíveis
a mudanças”

Charles Darwin, naturalista e fundador da Biologia moderna

“O corpo fatiga-se, mas o espírito sobrevive e mantém em nós a alegria de viver, trabalhando
sobretudo para os outros; ser útil é a melhor compensação íntima de todas as contrariedades correntes”

Bissaya Barreto, catedrático de Medicina da Universidade de Coimbra, médico cirurgião, humanista
e filantropo nascido em Castanheira de Pêra

Agradecimentos

O meu agradecimento à Professora Doutora Eugénia Devile, pelo seu incentivo, orientação e recomendações. Ao restante corpo docente do Mestrado em Ecoturismo que facultaram a aquisição de novos saberes.

Gostaria de agradecer igualmente aos colegas de curso pela amizade e troca de vivências. Agradecer à minha família e amigos por acreditarem no sucesso desta jornada. E ainda a duas pessoas importantes durante o período de Estágio, o Engenheiro José Pais por toda a informação disponibilizada, por suscitar curiosidade por outras temáticas como a Micologia e orientação externa do estágio e Dona Olga Silva, pelo saber transmitido e companheirismo.

Resumo

O setor do turismo é uma das maiores fontes de rendimento para Portugal e continua em desenvolvimento crescente, tendo o ecoturismo encontrado formas para se desenvolver, resultante de novas tendências e interesses por parte dos ecoturistas, que procuram acima de tudo uma experiência de contacto com a natureza e com o património cultural. Tendo em conta que o concelho de Castanheira de Pêra se localiza no interior do país, de elevada ruralidade, debate-se com problemas graves no que concerne à desertificação e ao desenvolvimento, sendo o ecoturismo visto como um meio capaz de gerar impactes socioeconómicos, demográficos, físicos, ambientais e culturais importantes, contribuindo para o desenvolvimento rural, revitalização económica e a preservação do património natural e cultural.

Este trabalho resulta do estágio desenvolvido no âmbito do curso de mestrado em Ecoturismo, que teve lugar em Castanheira de Pêra e tem como objetivo enquadrar o estágio desenvolvido bem como contribuir para o desenvolvimento sustentado do ecoturismo no concelho de Castanheira de Pêra.

Com base nas vivências de estágio e na aprendizagem adquirida, bem como na revisão da literatura sobre a temática de ecoturismo, elabora-se o levantamento, diagnóstico e análise do sistema turístico do concelho, que inclui os recursos para o desenvolvimento de novos produtos ecoturísticos, e que irão sustentar as propostas contidas no plano de intervenção turística para o concelho de Castanheira de Pêra.

Palavras chave: Ecoturismo, Recursos turísticos, Desenvolvimento ecoturístico, Castanheira de Pêra, SWOT, Plano de Intervenção

Abstract

The tourism sector is one of the largest sources of income in Portugal and is still in increasing development. Ecotourism has found ways to develop, as a result of the new trends and interests of ecotourists, who seek contact with nature and cultural heritage. Being Castanheira de Pêra a highly rural municipality in the interior of Portugal, it has been struggling with serious problems due to desertification and the lack of development. Thus, ecotourism can be seen as a means to produce important socioeconomic, demographic, physical, environmental and cultural impacts, contributing to rural development, economic revitalization and to the preservation of natural and cultural heritage.

This work is the outcome of the internship carried out in Castanheira de Pêra within the framework of the Master's Degree in Ecotourism and it aims not only to support the internship developed, but also to contribute to the sustainable development of ecotourism in Castanheira de Pêra.

Based on the training experiences and acquired knowledge, as well as on the literature review on ecotourism, a survey, diagnosis, and analysis of the municipality's tourism system were elaborated, comprising resources that can help develop new ecotouristic products, and that will support the proposals included in Castanheira de Pêra's tourism intervention plan.

Keywords: Ecotourism, Ecotourism Development, Tourism Resources, Castanheira de Pêra, SWOT, Intervention plan

Sumário

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract.....	vi
Lista de Siglas e Acrónimos	xi
Lista de figuras	xii
Lista de quadros.....	xiv
Lista de Tabelas	xiv
Introdução	1
Parte I – Enquadramento teórico e conceptual	3
1.O Ecoturismo: conceptualização e enquadramento.....	3
1.1.Turismo e sua significância socioeconómica	3
1.2. Ecoturismo: definição do conceito	6
1.2.1. Caracterização do ecoturista.....	7
1.2.2. Impactes do ecoturismo	8
2.A importância do planeamento estratégico em turismo	13
3.Territórios de baixa densidade.....	19
Parte II – Estudo de caso: Concelho de Castanheira de Pêra	21
4. Fundamentação do estudo de caso.....	21
4.1. Enquadramento	21
4.2. Revisão de literatura	21
4.3. Metodologia.....	22
5. Caracterização da unidade turística do concelho de Castanheira	25
5.1. Caracterização Geográfica e Administrativa.....	25
5.2. Caracterização Socioeconómica	26
5.2.1. Caracterização demográfica	26
5.2.2. Densidade populacional.....	29

5.2.3. Caracterização económica	29
5.3. Caracterização abiótica-biótica e antrópica do concelho	31
5.3.1. Caracterização Climática	31
5.3.2. Hidrologia.....	32
5.3.3. Relevo.....	32
5.3.4. Declive.....	33
5.3.5. Geologia	33
5.3.6. Ocupação dos solos	34
5.3.7. Fauna	36
5.3.8. Flora.....	38
5.4. Caracterização etno-cultural do concelho.....	39
6. Atividade Turística no Concelho.....	42
6.1. Oferta Turística.....	42
6.1.1. Recursos Turísticos Primários	43
6.1.2. Recursos Turísticos Secundários	49
6.1.3. Infraestruturas e serviços de apoio ao turismo	53
6.2. Procura Turística.....	54
Parte III – Estágio	56
7. Panorama empresarial e período de aprendizagem prática	56
7.1 Caracterização do local de Estágio Prazilândia- Empresa Municipal de Turismo e Ambiente	56
7.2. Oferta turística concelhia sob gestão da Prazilândia	57
7.2.1. Recursos turísticos primários.....	58
7.2.2. Recursos turísticos secundários	59
7.3. Identificação e caracterização de atividades realizadas no decurso do estágio.....	64
7.4. - Análise crítica do Estágio.....	72
8. Análise SWOT setorial da atividade turística do território	74

9. Plano de intervenção de dinamização ecoturística para o concelho de Castanheira de Pêra	77
Conclusão	90
Fontes de informação e referências bibliográficas	94
ANEXOS	102
Anexo I- Estatísticas do turismo no centro 2015.....	103
Anexo II-Mapa e tabela das regiões com denominação de territórios de baixa densidade	105
Anexo III- Grelhas de observação	112
Anexo IV- Solicitação de informação relativamente à procura turística do Concelho de Castanheira de Pêra INE.....	115
Anexo V-Fauna existente no concelho de Castanheira de Pêra	117
Anexo VI- Flora existente no concelho	121
Anexo VII- Notícia na imprensa local referente à realização dos jantares micológicos ...	125

Lista de Siglas e Acrónimos

BTL- Bolsa de Turismo de Lisboa

CCDR-C-Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional- Centro

CIC - Comissão Interministerial de Coordenação

CIMRL - Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria

CMCP- Câmara Municipal de Castanheira de Pêra

FEADER - Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural

FEAMP -Fundo Europeu dos Assuntos Marítimos e das Pescas

FEDER- Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

FEEI - Fundos Europeus Estruturais e de Investimento

FSE - Fundo Social Europeu

INE- Instituto Nacional de Estatística

IUCN - *International Union for Conservation of Nature*

DGT- Direção Geral do Território

DL- Decreto-lei

DOP- Denominação de Origem Protegida

NUTS - Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos

OMT- Organização Mundial de Turismo

PDM- Plano Diretor Municipal

PIN- Pinhal Interior Norte

PROFPIN- Plano Regional de Ordenamento Florestal do Pinhal Interior Norte

PORDATA- Base de Dados de Portugal Contemporâneo

PROF- Plano Regional de Ordenamento Florestal

RNAL- Registo Nacional Alojamento Local

RNET- Registo Nacional dos Empreendimentos Turísticos

SIC - Sítio de Importância Comunitária

SWOT- *Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*

TCP- Turismo do Centro de Portugal

TER- Turismo em Espaço Rural

TIES- *The International Ecotourism Society*

Lista de figuras

Figura 1- Esquema representativo da importância do Turismo a nível mundial.....	3
Figura 2- Balança de Viagens e Turismo	4
Figura 3-Total de dormidas segundo o país de residência habitual, 2015.....	5
Figura 4- Proveitos totais das dormidas no ano 2015 (todos estabelecimentos hoteleiros, aldeamentos, apartamentos turísticos e outros)	5
Figura 5- Total de dormidas na região de Turismo do Centro em 2015 (todos estabelecimentos hoteleiros, aldeamentos, apartamentos turísticos e outros)	6
Figura 6- Indicadores de distinção para atribuição de denominação de território de baixa densidade	20
Figura 7- Localização da região de Leiria	25
Figura 8- Localização do concelho de Castanheira de Pêra	26
Figura 9- Percentagem de indivíduos do sexo masculino (H) e feminino (M) residentes no concelho de Castanheira de Pêra no ano de 2013.....	29
Figura 10- População empregada nos diversos setores económicos (%) no ano de 2011...	30
Figura 11-Temperatura média diária do ar, valores médios anuais, em °C período 1931-1960	31
Figura 12 - Rede Hidrográfica.....	32
Figura 13 - Mapa hipsométrico do concelho de Castanheira de Pêra	32
Figura 14- Mapa litológico de Castanheira de Pêra	33
Figura 15- Mapa de ocupação de solos no concelho	34
Figura 16- Mapa do Sítio de Interesse Comunitário da Serra da Lousã.....	35
Figura 17- Salamandra lusitânica	36
Figura 18- Guarda rios.....	36
Figura 19- Lontra.....	37
Figura 20 – Veado	37
Figura 21- Azereiro	38
Figura 22- Castanheiro	38
Figura 24- Poço da neve	39
Figura 23- Canastras de transporte de neve.....	39
Figura 25 - Lagar do Corga	58
Figura 26- Complexo de alojamento Villa Praia	59
Figura 27- Interior de um quarto dos Bungalows.....	60

Figura 28- Pormenor de decoração dos quartos alusivo a motivos da natureza.....	60
Figura 29- Número de entradas pagas 2007-2016.....	61
Figura 30- Azeite com funcho para prova	65
Figura 31-Salada de merugem.....	66
Figura 32- Cantariscas	66
Figura 33 - Tartes de Castanheira.....	66
Figura 34- Enquadramento paisagístico de um percurso pedestre	68
Figura 35- Cesto com algumas espécies micológicas e florísticos recolhidas	68
Figura 36- Representação esquemática de dois tipos diferentes de corpos frutíferos	70
Figura 37 - Análise SWOT- Análise Interna	75
Figura 38- Análise SWOT- Análise Externa.....	76

Lista de quadros

Quadro 1- Planos de gestão territorial	14
Quadro 2-Associações desportivas e socioculturais do concelho	41
Quadro 3-Património Natural concelho.....	43
Quadro 4- Património Cultural concelho	44
Quadro 5-Património cultural concelho	46
Quadro 6- Equipamentos concelhios.....	47
Quadro 7- Eventos do concelho de Castanheira de Pêra	48
Quadro 8- Unidades de restauração e bebidas do concelho de Castanheira de Pêra.....	50
Quadro 9- Tipologia dos recursos afetos à gestão da Prazilândia	57
Quadro 10- Plano de Intervenção ecoturística para o concelho de Castanheira de Pêra.....	77
Quadro 11- Proposta de plano de dinamização/intervenção 2018/2020	79

Lista de Tabelas

Tabela 1- Evolução da população do concelho de 1864 a 2011	27
Tabela 2-Variação da população concelhia	27
Tabela 3-Taxa de natalidade no concelho e em Portugal de 1950-2013	28
Tabela 4- Taxa de mortalidade no concelho e em Portugal de 1950-2013	28
Tabela 5 - Variação da estrutura etária da população no concelho, 1991-2011	28
Tabela 6- População economicamente ativa no concelho e PIN, 2011	29
Tabela 7-Classe de declives (graus) do concelho de Castanheira de Pêra	33
Tabela 8- Uso e ocupação do solo do concelho de Castanheira de Pêra	34
Tabela 9-Itinerário de Castanheira de Pêra a diversas cidades.....	52
Tabela 10- Dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico em Castanheira de Pêra em 2012	54
Tabela 11-Origem dos visitantes do posto de turismo concelhia de março a setembro de 2016	55

Introdução

O presente trabalho é elaborado no âmbito do relatório de estágio para obtenção do grau de Mestre em Ecoturismo na Escola Superior Agrária- Instituto Politécnico de Coimbra. E apresenta como objetivo geral refletir sobre a importância do ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade, nomeadamente no de Castanheira de Pêra.

A realização do estágio e relatório de estágio, no concelho de Castanheira de Pêra resulta da proposta de recrutamento de estagiários apresentada à Escola, por parte da Prazilândia (entidade onde decorreu o estágio), com propósito de participar num projeto de ecoturismo a desenvolver no período de outubro de 2015 a março de 2016.

Como indica Fonseca (2012, p.27) a “escolha do tema deve estar ligada à área de atuação profissional, ou que faça parte da experiência pessoal do estudante. Isto torna o trabalho de desenvolvimento monográfico muito mais interessante e eficiente pois o estudante já possui conhecimentos prévios que poderão facilitar a interpretação de textos, ideias ou nomenclatura da área”.

Deste modo, a temática do ecoturismo surge em resposta ao solicitado pelo projeto da Prazilândia e pelo facto do concelho em questão se tratar de um concelho de pequenas dimensões, de localização interior, essencialmente rural e com um potencial elevado para intrinsecar um conjunto de ações que permitam retirar o melhor que o concelho pode oferecer em questões do ecoturismo, não só, apostando na sustentabilidade, mas também na valorização do território, preservação do património cultural, natural e da biodiversidade, permitindo a instrução da população local, assim como dos visitantes para a importância da preservação destes fatores, promovendo a economia local e invertendo o fenómeno de desertificação associado a estes territórios.

Com o propósito de desenvolver este estudo definem-se como objetivos específicos, analisar as potencialidades para o desenvolvimento do ecoturismo no concelho, correlacionar casos de boas práticas de ecoturismo no concelho, propor um programa operacional para o desenvolvimento do ecoturismo neste território, propondo o desenvolvimento de dinâmicas de complementaridade entre práticas de turismo tradicional e formas de turismo emergentes.

Nesta perspetiva, o relatório estrutura-se em três partes. A primeira corresponde aos capítulos 1, 2 e 3 e é essencialmente teórica, servindo de base para fundamentar a componente prática. Partindo do geral para o particular, do conceito lato do turismo para o

ecoturismo, descrevem-se os diversos conceitos, bem como os impactes proporcionados pela atividade ecoturística, nomeadamente impactes económicos, ambientais e socioculturais. Posteriormente, analisa-se a importância do planeamento estratégico para o Turismo, na qual são identificadas as suas diversas diretivas de orientação, assim como a evolução dos planos sectoriais para o turismo (capítulo 2). Por fim, no capítulo 3, apontam-se as particularidades para denominação de territórios de baixa densidade e identificação dos mesmos.

A segunda parte assume uma vertente prática, e é composta pelos capítulos, 4, 5 e 6, inicia-se com o enquadramento dos objetivos e das metodologias utilizadas para concretizar os objetivos propostos. Esta parte, representa a pedra basilar para o conhecimento do concelho, formando uma visão holística dos fatores que compõem a identidade única do concelho, na qual, terão de assentar os propósitos da aplicação do Ecoturismo. Deste modo, o capítulo 4, começa pelo levantamento e diagnóstico do território de Castanheira de Pêra, no que é respeitante à sua caracterização geográfica e administrativa, seguindo-se da caracterização abiótica-biótica e antrópica no capítulo 5 culminando com a representação da atividade turística no concelho, possibilitando identificar os recursos turísticos existentes e analisar a procura para Castanheira de Pêra.

A última parte deste relatório, capítulos 7, 8 e 9, prende-se com a caracterização do local de estágio, distinção dos recursos geridos pela entidade, atividades realizadas durante esse período e análise crítica, capítulo 7. No capítulo 8 realiza-se uma reflexão sobre o atual estágio de desenvolvimento do produto ecoturístico em Castanheira de Pêra, recorrendo à análise SWOT avançando, por fim, com uma proposta de Plano de Intervenção para a implementação e promoção do Ecoturismo no concelho, apresentada no capítulo 9.

Parte I – Enquadramento teórico e conceptual

1. O Ecoturismo: conceptualização e enquadramento

1.1. Turismo e sua significância socioeconómica

O segmento do Ecoturismo é parte integrante de um universo de maior dimensão denominado Turismo. A Organização Mundial do Turismo (OMT) (2014) define turismo como sendo “um fenómeno social, cultural e económico que implica o movimento de pessoas para fora dos países ou ambiente habitual por razões sociais, de negócios ou profissionais. Este grupo de pessoas, intituladas de visitantes, podem ser turistas ou excursionistas; residentes ou não residentes, estando o turismo relacionado com as suas atividades, envolvendo gastos turísticos.”

O Turismo constitui atualmente um dos setores mais dinâmicos ao nível da economia mundial.



Figura 1- Esquema representativo da importância do Turismo a nível mundial

Fonte: Organização Mundial do Turismo (2016)

De acordo com a figura 1, o turismo é responsável pela produção de 10% do produto interno bruto dos diversos países, de 1 em cada 11 empregos, 1,5 triliões de dólares de exportações, comportando 6% das exportações do mercado económico mundial e 30% do mercado alusivo aos serviços.

O setor do turismo, de acordo com Yeoman, Munro, & McMahon-Beattie (2006, citado por Fennell, 2008) tem tido um crescimento médio de 6,6% por ano, durante o último meio século, com um crescimento de viagens de 25 milhões em 1950 para mais de 700 milhões em 2002.

As Estatísticas do Turismo apresentadas pelo INE (2016) referentes ao ano 2015 relatam que “a OMT prevê que as receitas do Turismo Internacional (valores a preços constantes, moedas locais) demonstrem um aumento de 3,6% em 2015, -0,6 p.p. (pontos percentuais) as chegadas de turistas internacionais atingirão 1 183,8 milhões, traduzindo-se num acréscimo de 50,1 milhões de chegadas comparativamente com o ano anterior. O crescimento verificado (+4,4%) foi superior em 0,2 p.p. ao registado em 2014”.

Em Portugal, o desenvolvimento da atividade turística começa a trilhar-se no início dos anos 60, tendo vindo gradualmente a assumir-se como um importante motor de desenvolvimento económico. O setor sofre ligeiro abalo aquando da revolução de 1974, mas recupera forças, apresentando à data de 1985, um volume de receitas externas superiores a outros produtos de maior importância exportados pelo país. (Cunha, 2003)

Desde então continuamos a verificar a inegável importância do Turismo como fator de equilíbrio na Balança de Serviços nacional (contabiliza as prestações de serviços, entre as quais se contam o turismo e os transportes). Como se pode analisar na figura 2, o setor do turismo proporcionou o crescimento do saldo positivo de 1.923,31 milhões de euros no ano de 1996 para um valor de 7.750,10 milhões de euros, no ano 2015, valor que beneficia o progresso das contas nacionais, proporcionado pelo aumento das exportações¹.

O INE refere nas Estatísticas do Turismo (2015) que no universo dos maiores mercados emissores de turistas para o mercado nacional, se encontram 5 países, sendo eles: Reino Unido 23,3%, Alemanha 14,2%, Espanha 10,7%, França 10,0% e os Países Baixos 6,3%. Destes mercados o mercado do Reino Unido apresenta um crescimento de 10,8%, cimentando o peso que este mercado tem no turismo português, seguindo-se o mercado alemão (+12,7%) o espanhol com (+5,5%) e o francês (+14,2%).

Apesar de ainda não terem grande expressividade no mercado nacional o mercado emissor Polónia, Itália e Estados Unidos foram os que representaram maiores percentagens de crescimento +25,2%, +25,0%, +22,3% respetivamente.

O gráfico representado na figura 3 é representativo da percentagem da totalidade de dormidas (estabelecimentos hoteleiros, turismo no espaço rural e de habitação e alojamento local) realizadas pelos turistas dos diversos países emissores no nosso país.

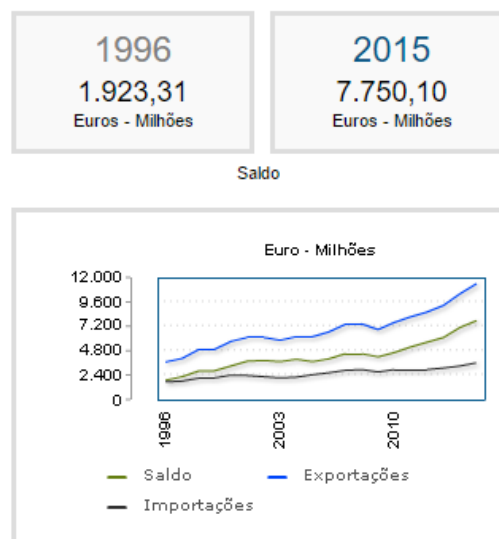


Figura 2- Balança de Viagens e Turismo

Fonte: PORDATA (Base de Dados de Portugal Contemporâneo) 2015

¹ A exportação é sobretudo a venda de bens e de serviços ao estrangeiro. As despesas que os turistas estrangeiros fazem no país, tais como as realizadas nos hotéis, nos restaurantes ou em lazer, são consideradas exportações. PORDATA (2015)

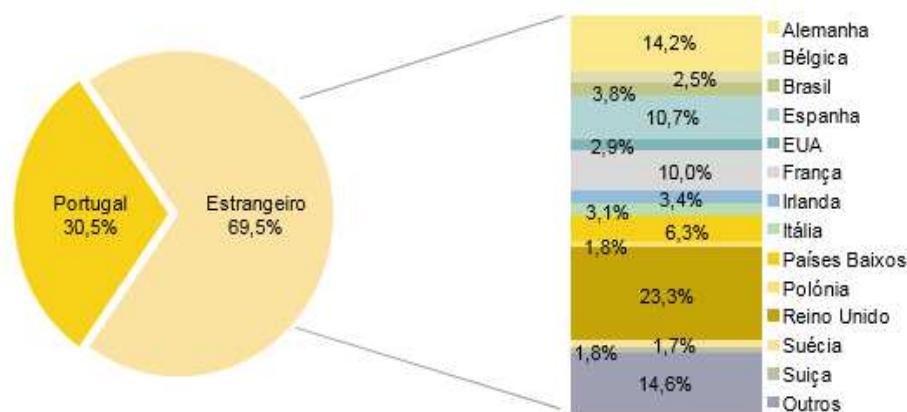


Figura 3-Total de dormidas segundo o país de residência habitual, 2015

Fonte: INE (2015)

No que se concerne ao turismo na região Centro, verificam-se algumas disparidades relativamente aos dados do panorama nacional. A Região de Turismo Centro de Portugal, correspondente à totalidade da NUT (Nomenclatura das Unidades Territoriais) II Centro e na qual se engloba o concelho em estudo, é integrada por 100 concelhos, uma área imensamente vasta de diversidade de valências socioculturais, naturais e históricas, abrangendo concelhos que vão do litoral ao interior do país.

A Região de Turismo do Centro apresenta 7 delegações que proporcionam uma maior proximidade com os diversos territórios: Castelo Branco, Coimbra, Leiria-Fátima-Tomar, Oeste, Ria de Aveiro, Serra da Estrela e Viseu-Dão Lafões.

O valor total de proveitos relativo ao ano 2015 para o Turismo do Centro (Figura 4) aponta para um número de 202.708 milhões de euros, o que representa um crescimento de 14,75% relativamente ao ano anterior, indo de encontro ao crescimento verificado a nível nacional. De referir que este valor de proveitos se encontra relacionado com o alojamento, não existindo modo de apresentar um valor total que comporte todos os valores afectos aos diversos setores da atividade turística (atividades turísticas, operadores turísticos, restauração, etc) ou mesmo saber o efeito multiplicador gerado pelo total de proveitos do alojamento.



Figura 4- Proveitos totais das dormidas no ano 2015 (todos estabelecimentos hoteleiros, aldeamentos, apartamentos turísticos e outros)

Fonte: Turismo do Centro (2016)

Relativamente aos valores de dormidas, apresentados na figura 5, nos diversos meios de alojamento, estas apresentam um valor de 4.537 milhões, tendo como maior número o

mercado interno, seguido do mercado espanhol, o francês e por último o alemão, apresentando todos valores de crescimento. Há ainda outros mercados importantes, como o Brasil, Escandinávia e Itália (Anexo I). Como é natural, este valor é variável ao longo dos meses do ano, verificando-se também na região centro uma forte sazonalidade.



Figura 5- Total de dormidas na região de Turismo do Centro em 2015 (todos estabelecimentos hoteleiros, aldeamentos, apartamentos turísticos e outros)

Fonte. Turismo do Centro (2016)

Pela análise dos dados anteriores, verificamos que o setor turístico tem uma inegável importância económica na região centro, indo ao encontro do que Coccossis (1996, p.3) refere relativamente ao turismo, ou seja, que este oferece oportunidades únicas (de desenvolvimento) em áreas desaproveitadas, como o caso de áreas mais limítrofes como zonas montanhosas rurais.

1.2. Ecoturismo: definição do conceito

O surgimento do segmento denominado ecoturismo resulta de uma consciencialização dos efeitos do desenvolvimento da “civilização ocidental, baseado em padrões e valores consumistas, tornando-nos responsáveis pela problemática ambiental devido ao uso indiscriminado dos recursos naturais” (Ferretti, 2002).

Segundo Molina (1998, citado por Ferretti, 2002) o “turismo do tipo convencional estabelece a necessidade de transformar radicalmente o ambiente, havendo grande consumo de recursos naturais”.

No decurso do movimento ambiental do final dos anos 60 (Fennell, 2008) e dos anos 70 (TIES, 2015), surge uma maior “sensibilização para as alterações ambientais resultantes do turismo de massas, que constitui um modo tradicional de desenvolvimento turístico pensado a curto prazo, para o qual existe um mercado livre onde o lucro é o principal objetivo” (Fennel, 1999) e incremento da preocupação associada ao uso inapropriado dos recursos naturais (Fennell, 2008), gerando um novo conjunto de práticas turísticas, associadas a um desenvolvimento sustentável.

Alguns especialistas da temática como Hetzer (1965) identificaram neste período 4 pilares ou princípios do turismo responsável que eram nomeadamente, “minimizar impactes ambientais, respeitar as comunidades recetoras, maximizar os benefícios para as

comunidades locais e maximizar a satisfação dos turistas.”. Assim sendo esta tipologia turística fomentava o equilíbrio entre as diversas partes interligadas como economia, sociedade e ambiente. (Coccossis, 1996). Posteriormente Ceballos-Lascuráin (1987, p.14) define o conceito de Ecoturismo como uma viagem “para áreas naturais relativamente imperturbadas e descontaminadas com os objetivos específicos de estudar, admirar, e usufruir da paisagem e as suas plantas e animais selvagens, assim como quaisquer manifestações culturais existentes (presentemente e no passado) nessa área.”

Nesta perspetiva, para Buckley (1994) a definição de ecoturismo incluía 4 ligações entre turismo e ambiente: produtos baseados na natureza, gestão sustentável, educação ambiental e contribuição para a conservação.

Atualmente a TIES (2015) refere que o ecoturismo trata de: “Viagens responsáveis a áreas naturais conservando o meio ambiente, sustentando o bem-estar das populações locais, envolvendo a interpretação e educação (dos visitantes e funcionários)”.

O desenvolvimento e crescimento do ecoturismo tomou diversas orientações, estando intimamente ligado a termos como turismo sustentável, turismo responsável, que assumem que o turismo deve beneficiar a conservação do património e promover a qualidade de vida das comunidades onde se desenvolve. Com o desenvolvimento do turismo sustentável fundem-se os princípios e boas práticas do ecoturismo e são aplicadas a um conjunto alargado de espaços (companhias hoteleiras, atrações turísticas urbanas, resorts de praia ou de ski) (TIES,2016). O turismo sustentável é aplicado a todos tipos de destinos, inclusive turismo de “massas” e vários nichos do mercado turístico.

Conforme identifica a OMT(2016) o turismo responsável ou sustentável foca-se no conceito de desenvolvimento sustentável, ou desenvolvimento que vai ao encontro das necessidades atuais sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de satisfazerem também as suas necessidades, os seus princípios prendem-se num balanço estável e de longo prazo entre a dimensão ambiental, económica e sociocultural do turismo.

1.2.1. Caracterização do ecoturista

Com o intuito de desenvolver um projeto da natureza ecoturística é importante caracterizar os turistas que procuram estes produtos para assim aproximar o produto oferecido das suas necessidades.

Os ecoturistas são maioritariamente indivíduos “que residem em centros urbanos e que desejam conhecer outras áreas distintas do seu meio habitual, geralmente ambientes

naturais preservados”, “procurando estar informados sobre os destinos que visitam, compreender a natureza e a rotina diária das comunidades anfitriãs, de modo a poder contribuir para a sua conservação, e preferem conhecer e adquirir produtos típicos da região.” (Aoki, 2005, citado por Antunes, 2012). São indivíduos que apresentam uma grande consciência ambiental, procuram experiências únicas que conservem os recursos naturais e socioculturais e desejam integrar-se nas comunidades locais, esperando que as atividades realizadas venham a beneficiar as populações de acolhimento, melhorar o seu bem-estar e qualidade de vida.” (Ferreira ,2003 citado por Antunes, 2012).

Por outro lado, a TIES (2015) refere também que “ os ecoturistas comportam um largo espectro de idades e interesses, sendo consumidores com uma grande responsabilidade social, económica e ambiental, procurando experiências autênticas e oportunidades para beneficiar as comunidades que visitam, fazendo uma escolha consciente da tipologia de viagem efetuada de modo a diminuir a pegada de carbono”.

1.2.2. Impactes do ecoturismo

A maioria das atividades económicas causa alterações positivas e negativas no ecossistema e nas populações locais, e o ecoturismo apesar das preocupações identificadas anteriormente tem também consequências a vários níveis, que iremos analisar de seguida. A maioria dos estudos neste domínio classifica os impactos em três grandes dimensões: económicos, sociais e ambientais.

1.2.2.1. Impactes económicos

Os impactes económicos associados ao ecoturismo são na generalidade semelhantes aos afetos ao turismo, como criação de empregos diretos e indiretos da atividade.

Lindberg (2001, p.363) refere que os estudos efetuados determinam que o ecoturismo gera benefícios para as comunidades locais, que podem ser agrupados a três níveis:

- A utilização de uma área para ecoturismo fomenta a conservação da mesma, já que o ecoturismo no local proporciona ganhos superiores, por unidade de área, aos proporcionados por atividades tradicionais como a agricultura e criação de animais (Fennell, 2008, p.88). Assim ao realizar-se uma menor prática de atividades tradicionais evita-se o consumo e alteração de recursos importantes (solo, água, fauna e flora) promovendo a manutenção dos habitats (criação de animais, agricultura, exploração florestal e mineração).

- Os ecoturistas como consumidores ao efetuarem gastos beneficiam o setor turismo, produzindo riqueza que será utilizada no pagamento de salários e resultará como ganhos para as empresas.
- O surgimento de benefícios influencia a população local a diminuir a pressão sobre os recursos naturais, tendo os residentes uma maior propensão para apoiar o turismo e a conservação do espaço, pois é dele dependente a sua fonte de rendimento, atuando como inibidores da caça furtiva e invasões do local.

Apesar dos benefícios que o ecoturismo promove e das receitas geradas, nem sempre é a comunidade local a beneficiar dos lucros auferidos, estando dependente da origem dos diversos *stakeholders* (investidores e interessados), ou seja, os lucros poderão vir a ser entregues a ‘‘elites’’ locais, agências governamentais e operadores turísticos no exterior da comunidade, desviando-se de um dos princípios do ecoturismo ou seja a beneficiação da comunidade local (Scheyvens, 1999, p.247). Nas situações em que os residentes verifiquem que estão a suportar os custos da atividade sem que recebam benefícios poderão vir a propositadamente ou inadvertidamente destruir o eco sítio (Brandon and Wells, 1992; Brandon, 1997).

Ao longo do processo de desenvolvimento, as entidades reguladoras do espaço poderão vir a fazer aplicação de taxas de ocupação do local, sendo aplicadas na proteção, construção ou manutenção das infraestruturas existentes. No caso de não existir a aplicação dessas taxas, os financiamentos anteriores podem ter que ser suportados pela população residente (Lindberg, 2001, p.364) através de impostos , o que na prática significa que seriam os residentes a subsidiar a atividade turística.

O modo como a partilha das receitas é efetuado fará do ecoturismo uma atividade mais ou menos valiosa para os eco sítios e para as populações residentes. A receita deverá ser aplicada nas infraestruturas essenciais para o uso dos habitantes (ex. escolas, serviços de saúde, acessibilidades, sistemas de captação e distribuição de água e construção de habitações com materiais de maior durabilidade) de forma a contribuir para a melhoria efetiva da qualidade de vida da população (Scheyvens, 2015).

Sendo o ecoturismo dependente dos recursos naturais, é importante manter o espaço e as espécies existentes preservadas. Deste modo poder-se-á implementar uma política de restrição do acesso aos locais, criando áreas de proteção, evitando que a população local recorra ao uso de materiais existentes na superfície como rochas, fosseis, minerais, solo; elementos da vegetação como árvores ou plantas e animais existentes, fomentando a degradação dos recursos existentes. (Lindberg, 2001) (Fennell, 2008, p.107)

Por outro lado, o aumento da procura turística provoca a inflação nos custos dos serviços, produtos e mesmo terrenos para a construção, o que acaba por ter consequências negativas para a população residente, pois o custo de vida torna-se mais alto (Lindberg, 2001, p.365).

Por outro lado, o ecoturismo irá competir com as outras atividades económicas pela mão-de-obra e uso da terra, como é o caso, por exemplo, da agricultura. Tal poderá provocar o abandono das atividades tradicionais e uma alteração do uso do solo, que podem ser mobilizadas para construção de infraestruturas de suporte ao ecoturismo em detrimento do seu uso para o cultivo. (Scheyvens, 2015)

1.2.2.2. Impactes ambientais

Apesar do desenvolvimento do ecoturismo se diferenciar das atividades propostas pelo turismo de massas, tendo uma preocupação de maior proteção dos valores naturais dos ecossistemas, a verdade é que é frequente a ocorrência de impactes ambientais negativos que podem ter uma dimensão considerável, pois não influencia unicamente o local onde as atividades são praticadas e a comunidade local. De acordo com Buckley (2001), os impactes do ecoturismo são resultantes dos seguintes aspetos:

- Viagem de e para o eco local,
- Alojamento no local ou durante a viagem,
- Atividades recreativas específicas que podem incluir deslocação no local usando diversos meios.

As viagens realizadas para chegar aos locais poderão ser realizadas usando diversos meios de transporte e diversos trilhos ou caminhos. A tipologia de caminhos deve ser projetada de modo a permitir a drenagem dos solos evitando a erosão. Os diferentes meios de transporte poderão ter efeitos nocivos na vegetação calcando-a e impedindo a passagem de animais, ou mesmo causando a morte a alguns ao tentarem atravessar. Os veículos motorizados irão também perturbar o ecossistema pela produção de ruído (Buckley, 2001).

A tipologia do alojamento utilizado, que poderá ir de uma simples tenda a eco resorts mais sofisticados, exigindo a construção de estruturas de apoio como redes de esgotos e estacionamento, poderá ter impactes variáveis, como a seguir se enuncia (Buckley 2001, p.381):

- Destruição da vegetação,
- Alterações do uso do solo,

- Introdução de elementos patogénicos e ervas daninhas,
- Poluição das águas, resultantes dos esgotos,
- Poluição do ar provocada pelas máquinas e veículos,
- Poluição sonora,
- Impactes visuais,
- Perturbação da vida selvagem devido aos fatores anteriores e aos restos de comida e lixo.

Na construção das novas infraestruturas dever-se-á ter em conta a capacidade de carga do solo identificando as tipologias de construções mais adequadas e a utilização de materiais locais proporcionando impacte mínimo. Por outro lado, para reduzir o efeito nefasto que as atividades de animação e de entretenimento praticadas pelos turistas possam ter, por exemplo *birdwatching*, *hiking*, *canyoning*, convém que as edificações dos equipamentos de suporte às mesmas sejam construídas com materiais adequados e com o mínimo de estruturas fixas. As atividades devem visar também a redução da utilização de veículos motorizados, promovendo o uso de transportes não motorizados (como bicicletas ou cavalos e burros) para aceder aos locais, diminuindo o ruído, efeitos sobre o solo e possivelmente atropelamento e esmagamento de animais e plantas (Buckley, 2001, p.382).

1.2.2.3. Impactes sócio culturais

Um dos principais objetivos e pressupostos do ecoturismo refere-se ao desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida das comunidades recetoras dos turistas, ou seja, garantindo que todos beneficiem da atividade turística. De acordo com Wearing, (2001, p.396), os principais benefícios resultantes do ecoturismo são os seguintes:

- Aumento da procura de alojamento e espaços de restauração,
- Aumento de serviços de apoio para as comunidades e turistas (bancos, serviços médicos, aluguer de viaturas, lojas de recordações),
- Aumento da procura de produtos locais (artefactos e produtos produzidos localmente) sustentando as práticas e costumes locais,
- Uso do mão-de-obra local e especializada (guias turísticos, assistentes de vendas e empregados de restaurante),
- Proporcionar uma fonte monetária de financiamento para proteção e manutenção das atrações naturais e dos usos e costumes,

- Aquisição de fundos ou voluntários para investigação arqueológica e da vida selvagem,
- Criação de uma comunidade altamente consciente do valor da sua cultura e do meio ambiente que as rodeia.

Por outro lado, Wearing (2000, citado por Agüera,2014) aponta como impactes socioculturais negativos do ecoturismo:

- Surgimento de diferenças socioculturais entre a povoação nativa e os turistas, choque cultural, que quer a população local como os ecoturistas deverão ser educados de modo a compreender e aceitar as diferenças existentes,
- Pouca intervenção das comunidades locais na tomada de decisões relativas ao planeamento turístico,
- Falta de reconhecimento do trabalho realizado pelos habitantes locais e consequente recurso a mão-de-obra externa,
- Aceleração das mudanças sociais dos residentes do local, aculturação da população (alterações da língua usada acabando por inserir estrangeirismos, mudanças nos trajes tradicionais, alteração da identidade local),
- Aumento de problemas de saúde e segurança. (aumento da população devido à existência dos turistas e “importação” de agentes patogénicos a que a população local não se encontra familiarizada).

2. A importância do planeamento estratégico em turismo

O turismo é inegavelmente uma atividade com capacidade para alterar paisagem, as culturas locais e os ecossistemas, como foi referido anteriormente, atribuindo aos territórios alterações passíveis de ter um comportamento benéfico ou nefasto. Por conseguinte, é necessário que esta atividade seja corretamente planeada de modo a potenciar e incrementar os efeitos benéficos e diminuindo os efeitos nefastos com vista à sustentabilidade e à competitividade deste sector.

Em Portugal a aplicação tardia de um sistema de planeamento e gestão territorial teve reflexos negativos no setor do turismo. Apenas em 1986 foi aprovado o primeiro Plano Nacional para o Turismo, no qual o turismo é considerado um fator estratégico para a eliminação dos desequilíbrios e para a reanimação da economia portuguesa, defendendo a qualidade, diversificação, harmonização e aproveitamento do território, protegendo o património natural e valorizando o património cultural. Durante os anos seguintes procedeu-se à criação de acessibilidades, criação de escolas hoteleiras e lançamento do Turismo em Espaço Rural (TER), em conjunto com a definição de áreas geográficas de interesse turístico. Apesar de este plano não ter alcançado todos os objetivos a que se tinha proposto, deixou ciente a necessidade de implantação de diretrizes a ser postas em prática pelo poder político e pelo setor privado (Cunha, 2003, p.21)

O planeamento da atividade desenvolve-se em diferentes patamares: desde os planos a nível internacional, nacional, às organizações administrativas regionais, municipais e privadas, ou outros planos setoriais que não se relacionam diretamente com o turismo, mas que acabam por ter linhas condutoras nesta área multidisciplinar que é o turismo e mais propriamente o turismo que se desenvolve em áreas naturais.

Por outro lado, o turismo está dependente dos dois tipos de planeamento efetuado, um de gestão territorial e outro de planeamento das atividades turísticas já com uma vertente económica. Os planos de gestão territorial dizem respeito à utilização do território e áreas de interesse biológico, podendo não só restringir como controlar a utilização dos mesmos com vista à sustentabilidade destes espaços físicos Direção Geral do Território, (DGT) (2015).

A nível europeu, a União Europeia funciona como entidade reguladora dos estados membros, implementando diretivas comunitárias, ou seja, “atos legislativos que fixam um objetivo geral que todos os países da UE devem alcançar. Contudo, cabe a cada país elaborar a sua própria legislação para dar cumprimento a esse objetivo” União Europeia (2016). A

título de exemplo, podemos apontar aqui algumas diretivas que estão mais relacionadas com o âmbito do presente trabalho:

“A Rede Natura 2000 é uma rede ecológica para o espaço comunitário da União Europeia² e é o principal instrumento que tem como finalidade assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, contribuindo para parar a perda de biodiversidade. Esta também se aplica ao meio marinho e é composta por:

- Zonas de Proteção Especial (ZPE) - estabelecidas ao abrigo da Diretiva Aves, que se destinam essencialmente a garantir a conservação das espécies de aves e seus habitats e das espécies de aves migratórias cuja ocorrência seja regular;
- Zonas Especiais de Conservação (ZEC) - criadas ao abrigo da Diretiva Habitats, com o objetivo expresso de "contribuir para assegurar a Biodiversidade, através da conservação dos habitats naturais e dos habitats de espécies da flora e da fauna selvagens, considerados ameaçados no espaço da União Europeia". (Rede Natura 2000)

No âmbito do território nacional podem ser identificados diferentes níveis e planos de gestão territorial, conforme se apresenta no quadro 1:

Nacional	Regional	Intermunicipal	Municipal
<ul style="list-style-type: none">• Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território• Plano de Ordenamento de Área Protegida• Plano de Ordenamento de Albufeira de Águas Públicas• Plano Rodoviário Nacional• Plano de Gestão da Região Hidrográfica• Plano Nacional da Água	<ul style="list-style-type: none">• Plano Regional de Ordenamento Florestal• Plano Regional de Ordenamento do Território	<ul style="list-style-type: none">• Plano Intermunicipal de Ordenamento do Território	<ul style="list-style-type: none">• Plano Diretor Municipal• Plano de Urbanização• Plano de Pormenor

Quadro 1- Planos de gestão territorial

Fonte: Adaptado da Direção Geral do Território (2016)

Cunha (2001) refere que cabe à administração pública (Estado) um conjunto de tarefas, tais como a “coordenação, a promoção, planeamento, regulamentação, criação de incentivos e estímulos de produção”.

Relativamente às competências nacionais direcionadas para o Turismo, a entidade do Turismo de Portugal, dependente do Ministério da Economia, tem como funções não só promover, dinamizar e valorizar as atividades turísticas, mas também ser unidade agregadora

² Resultante da aplicação da Diretiva 79/409/CEE do Conselho, de 2 de abril de 1979 (Diretiva Aves) - revogada pela Diretiva 2009/147/CE, de 30 de novembro - e da Diretiva 92/43/CEE (Diretiva Habitats)

entre as diversas competências institucionais relativas à dinamização do turismo, desde a oferta à procura.

Neste sentido, para facilitar a operacionalização dos planos estratégicos do Turismo de Portugal procedeu-se à conceção de 5 unidades territoriais através da Lei n.º 33/2013, de 16 de maio, coincidentes com as NUTS II:

- Turismo do Porto e Norte de Portugal,
- Turismo Centro de Portugal³,
- Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa,
- Turismo do Alentejo,
- Região de Turismo do Algarve,

Deste modo as atribuições previstas no artº3 do Despacho nº 8864/2013 de 08-07-2013 para o Turismo do Centro são nomeadamente:

- Organizar e difundir informação turística, mantendo e/ou gerindo uma rede de postos de turismo e de portais de informação turística,
- Dinamizar e potenciar os valores e recursos turísticos regionais e sub-regionais,
- Colaborar com os órgãos da administração central e local com vista à prossecução dos objetivos da política nacional que for definida para o turismo, designadamente no contexto do desenvolvimento de marcas e produtos turísticos de âmbito regional e sub-regional e da sua promoção no mercado interno alargado, compreendido pelo território nacional e transfronteiriço com Espanha,
- Definir o plano regional de turismo, em sintonia com a estratégia nacional de desenvolvimento turístico, e promover a sua implementação,
- Assegurar a realização da promoção da região, enquanto destino turístico e dos seus produtos estratégicos, no mercado interno alargado compreendido pelo território nacional e transfronteiriço com Espanha,
- Assegurar o levantamento da oferta turística regional e sub-regional e a sua permanente atualização, no quadro do registo nacional de turismo e realizar estudos de avaliação do potencial turístico da respetiva área territorial,

³ Artº3 do Despacho nº 8864/2013 de 08-07-2013

- Monitorizar a atividade turística regional e sub-regional, contribuindo para um melhor conhecimento integrado do setor”.

Durante os últimos anos (2006-2015) esteve em vigor um Plano Estratégico Nacional para o Turismo (PENT) que deu lugar ao Plano de Ação para o Turismo e Desenvolvimento de Portugal - Turismo 2020. As ações são transversalmente aplicadas não só ao turismo, mas também a outros setores, como a valorização dos territórios, das atividades económicas conexas e das condições das populações locais. As informações disponibilizadas pelo Turismo do Centro são também encontradas na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDR-C) e as ações são aplicadas em conjunto, consoante as competências de cada instituição.

O turismo é portanto um impulsionador da economia nacional e com este propósito foi realizado um plano de ação para o desenvolvimento do turismo em Portugal, denominado Estratégia Turismo 2027, que contempla os seguintes objetivos definidos pelo Turismo de Portugal (2014):

- “Dar sentido estratégico e coerência aos projetos a apoiar no Portugal 2020, assegurando um alinhamento estratégico entre estratégia e financiamento, contrariando a dispersão ou a atomização de projetos e iniciativas,
- Promover uma maior seletividade e uma melhor afetação dos fundos comunitários para o turismo no âmbito do Portugal 2020,
- Fomentar uma articulação entre promotores e projetos, promovendo, nomeadamente uma melhor articulação entre os setores público e privado,
- Proporcionar aos promotores de projetos (públicos e privados) e às Autoridades de Gestão dos Programas Operacionais um quadro referencial sobre as ações consideradas prioritárias em matéria de cofinanciamento comunitário para o turismo,
- Criar as condições para o reconhecimento de uma Estratégia de Eficiência Coletiva no Portugal 2020 – destina-se, assim, à constituição do Cluster Estratégico do Turismo no Portugal 2020.”

Os objetivos estratégicos apontados para o Centro no plano de ação para o Turismo2020 são os subsequentes (Turismo Portugal IP, 2014, p.152) :

- Apostar em iniciativas de marketing, promoção e comercialização da Região Centro enquanto tal e como destino turístico, incluindo o aproveitamento das TICE,

sinalética, presença seletiva em feiras e eventos, captação de iniciativas marcantes à escala nacional e internacional,

- Desenvolvimento de um Observatório do Turismo,
- Aposta em novos mercados emissores emergentes, na diáspora regional, na lusofonia, na rede de alunos ERASMUS e em Espanha, através de campanhas direcionadas que concertadamente promovam o Turismo, mas igualmente a Região Centro,
- Captação de novos investidores, dinamização da diferenciação entre o empreendedorismo e de projetos inovadores, adaptados às novas realidades do setor e promoção de parcerias, redes e pacotes integrados de oferta,
- Desenvolver o turismo associado ao território, promovendo a sustentabilidade e a coesão territorial, afirmando a Região Centro enquanto Destino Sustentável,
- Desenvolvimento, qualificação e requalificação da oferta turística existente, explorando as melhores tecnologias disponíveis, e reforçando a sua natureza inclusiva,
- Reforço da capacidade instalada regional de geração do conhecimento e de IDI (Inovação, Desenvolvimento e Investigação) na área do Turismo,
- Reforço entre a coerência e sinergias entre a promoção turística e a promoção regional, em torno do posicionamento delineado no presente documento,
- Aposta no Turismo Médico, de Bem-Estar, Religioso, Turismo de Ambiente, Cultural, Gastronómico, Cinegético, Desportivo e Científico,
- Qualificação do potencial humano do setor, através de ações de formação específicas para toda a fileira, em estreita colaboração com escolas profissionais e instituições de ensino superior,

Existem outros planos de ação e financiamento que promovem o desenvolvimento dos territórios de baixa densidade denominados PROVERE – Programas de Valorização Económica de Recursos Endógenos, com orientação no Plano Operacional Regional do Centro, vigentes durante o último quadro comunitário de apoio QREN (2007-2013) este apresenta como prioridades o “apoio ao crescimento propício ao emprego através do desenvolvimento do potencial endógeno como parte integrante de uma estratégia territorial para zonas específicas, incluindo a conversão de regiões industriais em declínio e desenvolvimento de determinados recursos naturais e culturais e da sua acessibilidade”.

O presente quadro de apoio é denominado Portugal 2020, desenvolve-se entre 2014 e 2020 e aparece no seguimento dos planos anteriores e visa reunir a atuação dos “5 Fundos Europeus Estruturais e de Investimento (FEEI) – FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional), Fundo de Coesão, FSE (Fundo Social Europeu), FEADER (Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural) e FEAMP (Fundo Europeu dos Assuntos Marítimos e das Pescas) - no qual se definem os princípios de programação que consagram a política de desenvolvimento económico, social e territorial para promover”.(Portugal2020 - O que é o Portugal 2020)

O plano tem como intuito estimular o crescimento e a criação de emprego, as intervenções necessárias para concretizar os resultados esperados, com estes financiamentos, apresentam os seguintes objetivos temáticos:

- Estímulo à produção de bens e serviços transacionáveis,
- Incremento das exportações,
- Transferência de resultados do sistema científico para o tecido produtivo,
- Cumprimento da escolaridade obrigatória até aos 18 anos,
- Redução dos níveis de abandono escolar precoce,
- Integração das pessoas em risco de pobreza e combate à exclusão social,
- Promoção do desenvolvimento sustentável, numa ótica de eficiência no uso dos recursos,
- Reforço da coesão territorial, particularmente nas cidades e em zonas de baixa densidade,
- Racionalização, modernização e capacitação da Administração Pública, são os principais objetivos das políticas a prosseguir no Portugal2020.

3.Territórios de baixa densidade

A necessidade da distinção territorial surge da existência de regiões com diversas fragilidades que deste modo poderiam adquirir a possibilidade de fazer a gestão dos Fundos Europeus Estruturais e de Investimento (FEEI) para a recuperação económica do país e para a transformação estrutural da economia portuguesa. Para isso, as políticas públicas cofinanciadas por tais fundos devem concentrar-se na promoção do crescimento e do emprego, direcionando-se para as fragilidades de cada um desses territórios, tal como está presente no Decreto-lei (DL) 137/2014 de 12 de setembro.

As características distintas dos concelhos e/ou freguesias levaram a diferenciação dos mesmos pela CIC2020 a 1 de julho de 2015 (Comissão Interministerial de Coordenação) sendo atribuída a denominação de territórios de baixa densidade a 165 municípios e a 73 freguesias que não fazem parte desses municípios. (ANEXO II),

Para esta classificação foram utilizados os seguintes indicadores para diferenciar os múltiplos territórios:

- Densidade populacional,
- As características físicas do território que se relacionam com a tipologia de utilização do solo,
- A demografia tem em conta a variação populacional, o peso dos idosos e dos jovens na pirâmide demográfica, entre outros fatores,
- O tipo povoamento é a comparação entre a percentagem da população rural e da população urbana,
- As características socioeconómicas, relacionadas com critérios como o rendimento médio mensal ou o peso da população que concluiu o 3º Ciclo do Ensino Básico,
- As acessibilidades, ou seja, as condições de acesso à sede do concelho, à capital do distrito ou à capital regional.

Cada um destes indicadores tem um peso diferente na classificação, conforme se apresenta na figura 6:

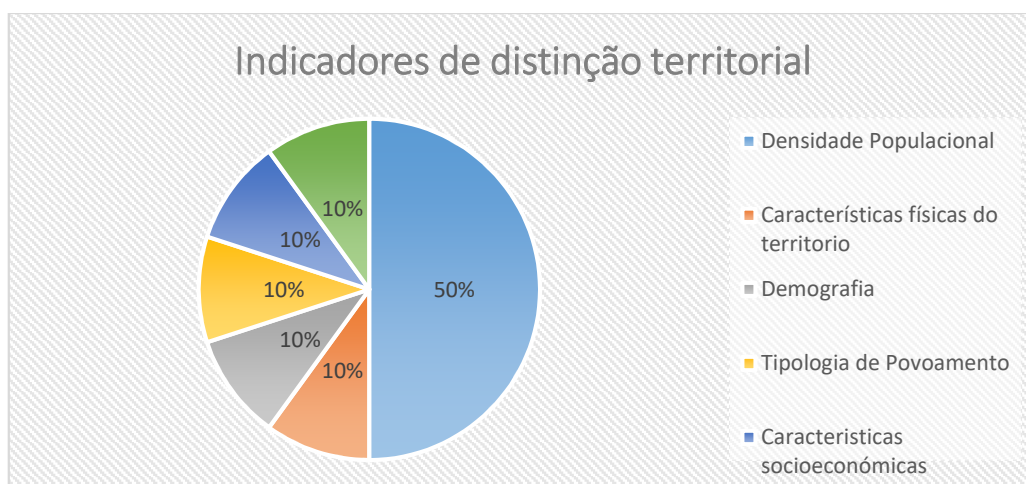


Figura 6- Indicadores de distinção para atribuição de denominação de território de baixa densidade

Fonte: CIC2020 (2015)

Aos concelhos com valores de densidade populacional inferior aos 25 habitantes/km² seria automaticamente atribuída a denominação de território de baixa densidade. No caso do concelho Castanheira de Pêra, os dados relativos ao ano 2014 do Instituto Nacional de Estatística (INE) igualam os 42,9 indivíduos/km² tendo sido necessário avaliar os outros indicadores para lhe conceder a notação de território de baixa densidade.

Parte II – Estudo de caso: Concelho de Castanheira de Pêra

4. Fundamentação do estudo de caso

4.1. Enquadramento

O presente estudo de caso foi desenvolvido no concelho de Castanheira de Pêra na empresa Prazilândia-Turismo e Ambiente E.M., entidade onde se executou o estágio a que se refere este relatório. Os objetivos definidos para este trabalho de investigação foram:

- a) Analisar as potencialidades para o desenvolvimento do ecoturismo no concelho,
- b) Correlacionar casos de boas práticas de ecoturismo no concelho,
- c) Propor um programa operacional para o desenvolvimento do ecoturismo no concelho, desenvolvendo dinâmicas de complementaridade entre práticas de turismo tradicional e formas de turismo emergentes.

4.2. Revisão de literatura

Com intuito de dar resposta às temáticas estudadas durante a execução do relatório foi efetuada uma revisão de literatura, que teve como propósito como refere Coutinho, (2014, p.59) “ gerar informação que possa contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno em estudo”, “ identificação, localização, e análise de documentos que contêm informação relacionada como tema de uma investigação específica” Recorrendo se assim a fontes secundárias (recolhem de forma resumida a investigação levada a cabo por outros autores/investigadores), das quais fazem parte as sebentas, manuais, monografias, revisões bibliográficas, etc. e a fontes primárias, disponíveis em bases de dados eletrónicas (artigos originais e relatórios de investigação em que o autor comunica diretamente ao leitor o que foi o estudo, que metodologia e/ou método utilizou e a que resultados chegou). Complementando com buscas na internet, dando acesso a revistas, informações bibliográficas ou *abstracts*, como são o caso do Elsevier ou Science Direct (Coutinho, 2014, p.65).

4.3. Metodologia

Para determinar a metodologia a ser utilizada na investigação científica importa referenciar que estas poderão apresentar-se através da investigação qualitativa, quantitativa ou mista.

Para Bento, (2012, pp.1-2) “a investigação qualitativa foca um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas perceções dos sujeitos; o objetivo é compreender e encontrar significados através de narrativas verbais e de observações em vez de através de números. A investigação qualitativa normalmente ocorre em situações naturais em contraste com a investigação quantitativa que exige controlo e manipulação de comportamentos e lugares”. Bogdan & Biklen (1994 citado por Bento, 2012) indica que as características da investigação qualitativa são múltiplas, e distinguem se por:

- acontecer em ambientes naturais,
- frequentemente o investigador ir ao local dos participantes para recolher os dados,
- serem usados múltiplos métodos de recolha de dados interativos e humanistas, onde há participação ativa do investigador,
- ser profundamente interpretativa e descritiva; e o investigador fazer a interpretação dos dados,
- descrever os participantes e os locais, analisar os dados para configurar temas ou categorias e retirar conclusões,
- ver os fenómenos sociais holisticamente” proporcionado “visões panorâmicas em vez de microanálises,
- o investigador ter um papel importante na investigação; reconhecendo possíveis enviesamentos, valores e interesses pessoais e usando em conjunto, a recolha de dados, a análise e o processo de escrita; privilegiando os significados e como os participantes dão sentido às suas vidas, o que experienciam, o modo como interpretam as suas experiências.

Segundo Bell (2004, citado por Bento, 2012) os “investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles” enquanto que os investigadores qualitativos “estão mais interessados em compreender as perceções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística” embora existam situações em que “investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas, e vice-versa.” Pois as

“abordagens qualitativas e quantitativas têm sido usadas, com muito sucesso, conjuntamente servindo os dados qualitativos para suplementar, validar, explicar, iluminar ou reinterpretar dados quantitativos obtidos dos mesmos sujeitos.”, assim segundo o autor anterior, as abordagens de investigação, quantitativa e qualitativa, devem ser vistas como técnicas complementares, cada uma delas dando as suas próprias visões a um determinado problema, dando origem uma metodologia mista.

De acordo com Fonseca (2009, pp.35-36), o método quantitativo é fundamentado “em dados mensuráveis das variáveis, procurando verificar e explicar sua existência, relação ou influência sobre outra variável” ...” analisar a frequência de ocorrência para medir a veracidade ou não daquilo que está sendo investigado.” Para tal, o método quantitativo recorre a “técnicas específicas de mensuração, tais como questionários com respostas de múltipla escolha”, assim como a “cálculos de média e proporções, elaboração de índices e escalas, procedimentos estatísticos”. Para que este método de investigação goze de sucesso é preciso “um número significativo de participantes para que se possa produzir dados”.

Relativamente ao método qualitativo, o mesmo autor esclarece que “o pesquisador se propõe a participar, compreender e interpretar as informações” usando como recursos “entrevistas, observações, questionários abertos, interpretação de formas de expressão visual como fotografias e pinturas e estudos de caso. Os procedimentos são interpretativos.” O facto de o método qualitativo ter como base “o pesquisador, como única fonte de interpretação dos dados” pode fazer com que este método não tenha um nível de compreensão científica importante, já que este pode imprimir a sua subjetividade na análise dos resultados, assim “outro pesquisador não observará necessariamente os mesmos aspetos do pesquisador original.” Estas observações poderiam “comprometer a cientificidade das conclusões do estudo”.

Segundo Coutinho (2014, p.26) na perspetiva qualitativa a “pesquisa centra-se na análise de factos e fenómenos observáveis e na medição/avaliação em variáveis comportamentais e/ou socio-afetivas passíveis de serem medidas, comparadas ou relacionadas no decurso do processo de investigação” no que se refere ao método qualitativo o objeto de estudo passa por “investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas intenções a partir dos atores intervenientes no processo”.

De acordo com os autores referidos anteriormente, e tendo em conta que este relatório se apoia num estágio, no qual o investigador (eu) participa ativamente na realização de

tarefas, permitindo a observação e recolha de dados, adquirindo conhecimento “*in situ*”, conforme refere o autor Bento (2012) a método mais adequado seria o qualitativo, no entanto também como refere o autor citando anteriormente o método que incorpora os dois “ tem sido usado, com muito sucesso, conjuntamente servindo os dados qualitativos para suplementar, validar, explicar, iluminar ou reinterpretar dados quantitativos obtidos dos mesmos sujeitos”.

Como estratégia de investigação recorreu-se ao estudo de caso, já que este para Benbasat et al. (1987, p.371) é um método adequado quando o “fenómeno examinado em seu contexto natural, dados recolhidos em múltiplas fontes, um ou poucos elementos sendo examinados, sem utilização de controlos ou manipulação, questão de investigação é do tipo “porque?” ou “como?”, foco em um evento contemporâneo, resultados dependem fortemente da capacidade de integração do investigador”, neste relatório o estudo de caso refere-se à unidade geográfica compreendida pelo concelho de Castanheira de Pêra.

A metodologia aplicada neste projeto, pretendeu construir uma base científica para fundamentação do estudo, de modo a dar resposta aos objetivos pretendidos com a realização do relatório. Para tal foi delineada uma estrutura composta por 3 partes, na primeira procedeu-se ao enquadramento do ecoturismo como conceito, recorrendo à pesquisa das definições dada pelos especialistas da temática, dando depois destaque à necessidade de realização de planeamento na área do turismo.

A segunda parte compreende o estudo de caso e é nela apresentado um conjunto de informações essenciais na definição das particularidades do concelho, onde é em seguida caracterizada a atividade turística (oferta e procura) em Castanheira de Pêra recorrendo-se á criação de grelhas de observação (ANEXO III), onde se sistematizou a informação, de modo a servir de suporte ao desenvolvimento de uma análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats) articulando dois campos de análise: o ambiente interno (as forças e as fraquezas) e o ambiente externo (oportunidades e ameaças) para uma análise objetiva e concisa da problemática do turismo a nível concelhio para a construção do plano de intervenção.

Com base nos resultados desta aplicação metodológica, concluiu-se o trabalho apresentando um plano operacional de dinamização ecoturística com um conjunto de propostas e recomendações para o desenvolvimento futuro do sector eco turístico no concelho em estudo.

5. Caracterização da unidade turística do concelho de Castanheira

Neste capítulo apresenta-se o enquadramento local e regional de Castanheira de Pêra, visto que o conhecimento das realidades locais e apreensão das dinâmicas e singularidades de um território é fundamental para a construção de modelos de desenvolvimento adaptados às necessidades reais. Assim focar-se-ão as temáticas da economia, educação e formação/qualificação dos recursos humanos e contexto administrativo, institucional e territorial, com vista ao reconhecimento de sinergias potenciais para o desenvolvimento do concelho.

5.1. Caraterização Geográfica e Administrativa

O concelho de Castanheira de Pêra integra a NUT II Centro e NUTIII (2013) Região de Leiria e NUTIII (2002) Pinhal Interior Norte (PIN). Este localiza-se no vertente sul da Serra da Lousã, no nordeste do Distrito de Leiria, figura 7 e é estremado pelos concelhos de Góis (nordeste e leste); Pedrógão Grande (leste e sul); Figueiró dos Vinhos (oeste); Lousã (noroeste), como se apresenta na figura 8. PDM CMCP(2015)

A rede de cidades da NUTII Centro é policêntrica, destacando-se como eixo mais



Figura 7- Localização da região de Leiria

Fonte: Carta Administrativa Oficial de Portugal (2016)

próximo Coimbra e Leiria como os principais polos de desenvolvimento, em que as sedes distritais são as cidades de média dimensão que polarizam a ocupação urbana da região por força da concentração administrativa e de serviços.

O concelho de Castanheira de Pêra tem com a cidade de Leiria (sede de Distrito) os vínculos regionais mais fortes.

a nível sub-regional é com os

concelhos limítrofes de Lousã, Figueiró dos Vinhos e Pedrogão Grande que existe maior tradição de cooperação. Associação de Municípios do Pinhal Interior Norte (2008)

Castanheira de Pêra tem a área total de 66,86 Km² e passou a ser constituído por uma freguesia denominada União de Freguesias de Castanheira de Pêra e Coentral, após a reorganização administrativa das freguesias. INE (2016)

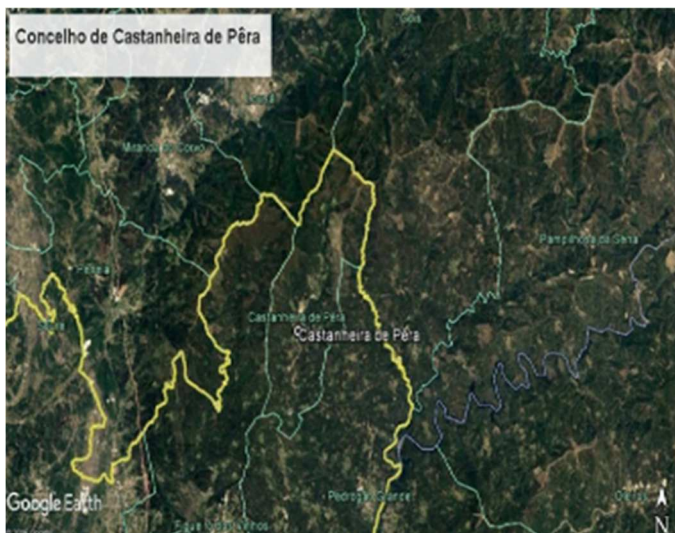


Figura 8- Localização do concelho de Castanheira de Pêra

Fonte: CAOP (2016)

5.2. Caracterização Socioeconómica

5.2.1. Caracterização demográfica

O modo como a população se distribui por idade e sexo, permite estimar o significado dos extratos populacionais, decisivos na vitalidade de uma região, compreendendo a sua estrutura e conhecendo as tendências de evolução dessa população.

A população no concelho, durante o último século, teve uma grande variação, como se pode observar na tabela 1, que surgiu com a implementação de uma diversidade de indústrias têxteis e lanifícios, que se foram desenvolvendo e fortalecendo a malha industrial, chegando às 11 fábricas e dando emprego a cerca de 1000 pessoas, tornando-se um dos 3 maiores polos industriais de lanifícios do país. No segundo período o crescimento populacional diminuiu, o que está associado à incursão de Portugal na 1ª Grande Guerra Mundial e ao aumento da taxa de mortalidade associada a epidemias e gripes. PDM CMCP (2015)

No período posterior, de 1920-1950, dá-se uma recuperação na fixação de população, devido ao consequente aumento de implantação de indústrias, contando já com 27 unidades industriais.

Posteriormente há um decréscimo de população, proporcionado pela crise textil (maior empregador concelhio) e migração para outras zonas do país.

Nos 80 dá-se uma ténue recuperação resultante do regresso de emigrantes e ex-colonos.

Tabela 1- Evolução da população do concelho de 1864 a 2011

Ano	Total	Varição (%)
1864	3972	
1878	4999	26
1890	5959	19
1900	6213	4
1911	6523	5
1920	5839	-10
1930	6116	5
1940	6411	5
1950	6330	-1
1960	5739	-9
1970	4660	-19
1981	5137	10
1991	4442	-14
2001	3733	-16
2011	3191	-15

Fonte: PDM CMCP (2015)

Por fim verifica-se uma das perdas populacionais mais elevadas a partir de 1991, fenómeno que se continua a verificar entre 2001-2011.

O concelho apresenta assim uma variação negativa comparativamente com o distrito onde está incluído e até mesmo a nível nacional, conforme se pode observar na tabela 2, já que estas áreas apresentam um ligeiro aumento de população ao longo das ultimas duas décadas. O concelho contava com 3191 indivíduos aquando os últimos censos realizados em 2011. As estimativas do INE para a população residente dadas para o ano de 2015 são de 2.801 indivíduos.

Tabela 2-Varição da população concelhia

Unidade Geográfica	1991	2001	2011	1991-2001 Var %	2001-2011 Var %
Concelho de Castanheira de Pêra	4442	3733	3191	-16,0	-14,5
Distrito de Leiria	426152	459426	470930	7,8	2,5
Portugal	9867147	10356117	10562178	5,0	2,0

Fonte: Plano Diretor Municipal (PDM) Câmara Municipal de Castanheira de Pêra (CMCP)(2015)

A tabela 3 demonstra a evolução da natalidade nos últimos 20 anos, verificando-se que o concelho tem uma taxa inferior à registada a nível nacional e apresenta uma tendência futura de decréscimo, atingindo o valor de 3,7 ‰.

No concerne ao indicador taxa de mortalidade apresentado na tabela 4, o concelho apresenta um aumento, embora com oscilações ao longo dos últimos anos, representando valores de 18,1‰, valor este superior à realidade nacional que apresenta uma taxa de 10,2 ‰ para o ano de 2013. PDM CMCP (2015)

Poder-se-á concluir que o aumento da taxa de mortalidade e a diminuição da taxa de natalidade dos últimos anos irá resultar na regressão da população, convertendo-se numa população mais envelhecida.

Esta conjuntura poderá ser confirmada na tabela 5, onde está representada a variação da estrutura etária da população concelhia, que é notoriamente mais elevada na população com idade 65⁺, 31% comparativamente à população dos 0-14 anos, 11%, sendo este valor de 1000 indivíduos e 368 respetivamente. PDM CMCP (2015)

Tabela 3-Taxa de natalidade no concelho e em Portugal de 1950-2013

Taxa de natalidade		
Anos	Concelho	Portugal
1950	20,8	24,5
1960	16,9	23,7
1970	16,2	21,0
1981	12,3	15,4
1991	10,0	11,7
2001	8,6	10,9
2013	3,7	7,9

Fonte: PDM CMCP (2015)

Tabela 4- Taxa de mortalidade no concelho e em Portugal de 1950-2013

Taxa de mortalidade		
Anos	Concelho	Portugal
1950	10,7	12,5
1960	12,4	10,7
1970	14,5	11,0
1981	13,2	9,5
1991	14,2	10,4
2001	17,1	10,2
2013	18,1	10,2

Fonte: PDM CMPC (2015)

Tabela 5 - Variação da estrutura etária da população no concelho, 1991-2011

Concelho	Anos	Classes Etárias							
		0-14	%	15-24	%	25-64	%	65 ou +	%
	1991	755	17	587	13	2175	49	925	21
	2001	487	13	433	12	1865	50	948	25
	2011	338	11	293	9	1560	49	1000	31
	1991-2001	-35,5	-	-26,2	-	-14,3	-	2,5	-
	2001-2011	-30,6	-	-32,3	-	-16,4	-	5,5	-

Fonte: PDM CMCP (2015)

O concelho apresenta uma percentagem ligeiramente superior de indivíduos do sexo feminino, sendo a percentagem dos indivíduos do sexo feminino 53% e do masculino 47%, conforme se apresenta na figura 9. INE (2016)

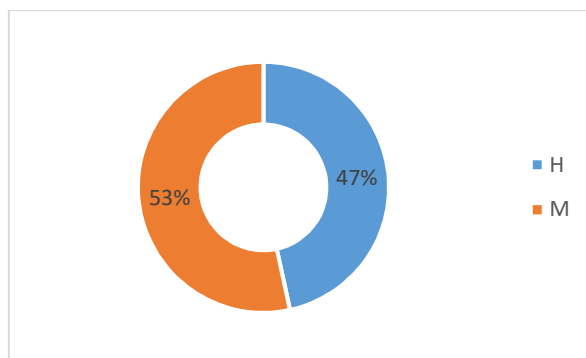


Figura 9- Percentagem de indivíduos do sexo masculino (H) e feminino (M) residentes no concelho de Castanheira de Pêra no ano de 2013

Fonte: INE (2016)

5.2.2. Densidade populacional

Castanheira de Pêra, sede do concelho, apresenta a densidade mais elevada, cerca de 62 habitantes / km², valor este ainda baixo, mas superior ao verificado no restante concelho. A antiga freguesia de Coentral, por sua vez, apresenta uma densidade bastante baixa, cerca de 6 habitantes / km². Estes fatos poderão ter influenciado a atribuição ao concelho a denominação de território de baixa densidade. INE (2016)

5.2.3. Caracterização económica

A compreensão da situação económica da população ativa no concelho, empregados *versus* desempregados, é essencial para avaliar características e condições de vida da população de modo a saber quais as tendências e apresentar dinâmicas.

Da totalidade de indivíduos residentes no concelho em 2011, 1168 indivíduos faziam parte da população ativa; Como se verifica na tabela seguinte, esta população corresponde a 37% da população total concelhia, valor inferior em 5% ao que se verifica na NUT do Pinhal Interior Norte. PDM CMCP (2015)

Tabela 6- População economicamente ativa no concelho e PIN, 2011

	TOTAL	EMPREGADA	DESEMPREGADA	TAXA DE ATIVIDADE	TAXA DE DESEMPREGO
CONCELHO	1168	1000	168	37%	14,38%
P.I. NORTE	54690	48737	5953	42%	10,88%

Fonte: PDM CMCP (2015)

O valor indicado para a taxa de desemprego é de 14%, também superior ao verificado na totalidade da NUT PIN, 11%.

Analisando a figura 10, verificamos que a população do concelho se encontra na maioria empregada no setor terciário representando uma percentagem de 60%, mas com uma percentagem inferior à realidade nacional 70,5%. Por outro lado, os setores secundários e primários encontram valores superiores as percentagens nacionais. INE (2016)

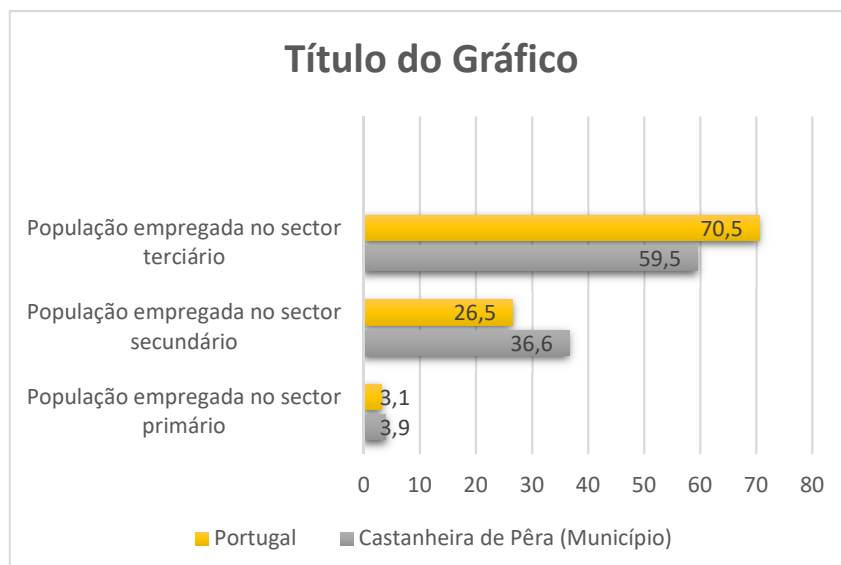


Figura 10- População empregada nos diversos setores económicos (%) no ano de 2011

Fonte: INE (2016)

O sector primário apresenta mesmo assim pouco significado no concelho, as áreas agrícolas existentes são diminutas e são adstritas às aldeias e às zonas limítrofes da Ribeira de Pêra. A agricultura é, portanto, uma agricultura de subsistência onde se poderão encontrar olivais, vinha, cereais de regadio e de sequeiro, complementando outras atividades exercidas no setor secundário e terciário.

Existiam, em 2012, 8 empresas do setor primário 3 das quais sociedades, empregando no total 21 indivíduos, ou sejam 3,6% da totalidade das pessoas empregadas no tecido empresarial do concelho.

O setor empresarial terciário, no qual se incluem os “serviços” poderá vir a apresentar alternativas aos restantes setores, proporcionando desenvolvimento económico e melhoria da qualidade de vida da população. Este setor é maioritariamente representado pelo comércio por grosso e a retalho, representando 42% da totalidade de empresas sediadas no concelho, seguido pelas atividades de alojamento, restauração e similares com 16%, atividades administrativas e de apoio com 11% e outros 10% entregues à educação. De salientar o desenvolvimento das atividades turísticas irá aumentar o número de efetivos e unidades empresariais neste setor. PDM CMCP (2015)

5.3. Caracterização abiótica-biótica e antrópica do concelho

5.3.1. Caracterização Climática

O clima, um dos pontos fulcrais para compreender a constituição e a formação dos territórios, está interdependente da atividade biológica proporcionando um parâmetro importante para distribuição de unidades territoriais.

5.3.1.1. Temperatura do ar

A temperatura média anual encontra-se entre os 7,5°C e os 10°C, na zona de maior de altitude localizada a Norte do concelho, na encosta sul da Serra da Lousã. A média na zona central do concelho apresenta valores médios entre os 10°C e os 12,5°C. na zona central do concelho e 12,5°C e 15°C mais a Sul. A temperatura média anual para a totalidade do concelho é de 15,6°C (figura 11).

Segundo o PMDFCI de Castanheira de Pera, 2011 “para um período de 30 anos [1930 – 1960], a temperatura média anual é de 15,6 °C, sendo o mês mais quente o mês de agosto com temperatura média de 22,7 °C e o mais frio o mês de janeiro com 8,9 °C. A média das máximas e mínimas registam-se nos meses de agosto e janeiro, com 30,7 °C e 4,1 °C, respetivamente.

Como fator de alteração das temperaturas do ar temos as massas de ar que provem do Oceano Atlântico e as massas de ar vindas do Sul.

5.3.1.2. Precipitação

A precipitação influencia o clima de cada região, intensificando o crescimento vegetativo da flora existente e influenciando o caudal dos cursos hídricos. O valor total da precipitação média anual para o concelho é de 1051,8 mm, sendo os meses mais chuvosos os meses de novembro a fevereiro, com precipitações médias a 128mm, durante o ano cerca de 26,5 dias são de chuva. Os meses de menor precipitação são os meses de julho e agosto com valores médios mensais de 15,4mm. PDM CMCP (2015)

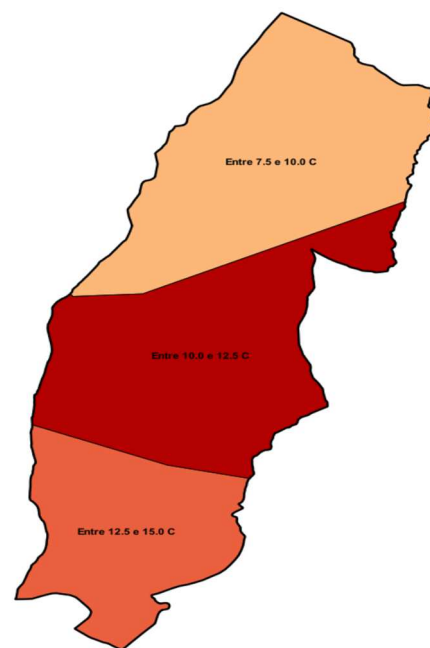


Figura 11-Temperatura média diária do ar, valores médios anuais, em °C período 1931-1960

Fonte: PDM CMCP (2015)

5.3.2. Hidrologia

Em termos da rede hidrográfica, (figura 12) o concelho de Castanheira de Pera está inserido na sub-bacia hidrográfica do Rio Zêzere, sendo a principal linha de água a ribeira de Pera (afluente do Rio Zêzere), com distribuição Norte-Sul, tendo 34,9 km de extensão, alimentada por outras linhas de água de menor caudal como as ribeiras de Quelhas, Cavalete e Coentral Grande. A Este afigura-se a ribeira de Mega com 4 km de comprimento. PDM CMCP (2015)



Figura 12 - Rede Hidrográfica

Fonte: PDM CMCP (2015)

5.3.3. Relevo

O relevo do concelho de Castanheira de Pêra, distribui-se ao longo de um eixo Norte-Sul. O concelho distribui-se na face sul da Serra da Lousã e na extremidade Sudoeste da Cordilheira Central, sendo esta a primeira grande formação montanhosa de Sul-Norte.

As cotas mais baixas, de 340 metros, encontram-se a sul junto à Ribeira de Pêra e as mais elevadas já na área da Serra da Lousã, no Castelo do Trevim a 1200 metros, figura 13. A paisagem concelhia é assim composta por um mosaico de vales profundos e encostas expostas aos agentes erosivos. PDM CMCP (2015)

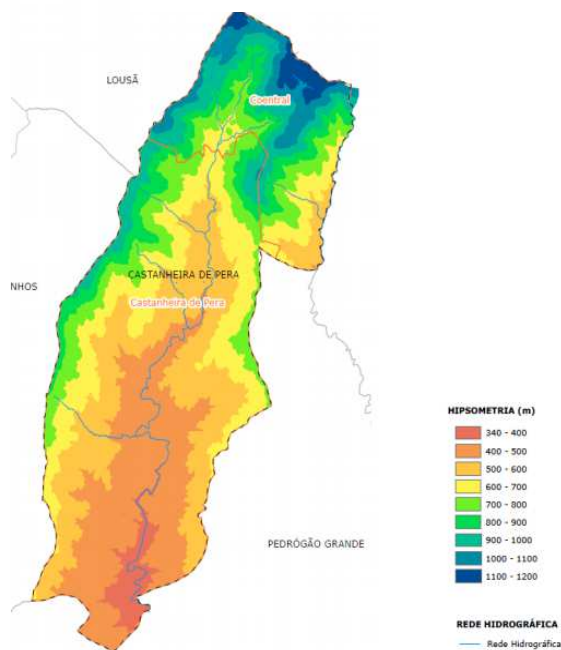


Figura 13 - Mapa hipsométrico do concelho de Castanheira de Pêra

Fonte: PDM CMCP (2015)

5.3.4. Declive

A variação do declive vai proporcionando a variação de incidência dos raios solares gerindo a insolação do solo, em que o declive mais marcado irá gerar uma maior escorrência de águas à superfície e, por conseguinte, um menor armazenamento de água no solo provocando erosão.

O declive do concelho é mais acentuado nas zonas de maior altimetria e áreas limítrofes aos cursos de água. Conforme se pode observar na tabela 7, 28% do concelho tem declives superiores a 20°, cerca de 50% do território possui declives superiores a 15° e a classe com de 0-5° é respeitante a zonas populacionais e agrícolas. PDM CMCP (2015)

Tabela 7-Classe de declives (graus) do concelho de Castanheira de Pêra

Declives (graus)	ha	(%)
0-5	796,88	11,93
5-10	826,21	12,37
10-15	1688,50	25,29
15-20	1493,09	22,36
20 ou superiores	1873,06	28,05
Total	6677,73	100

Fonte: PDM CMCP (2015)

5.3.5. Geologia

Em termos geológicos, o concelho localiza-se no Maciço Hespérico ou Maciço Antigo, uma das formações rochosas mais antigas da Península Ibérica, é maioritariamente constituído por rochas de maior antiguidade e dureza. Este maciço rochoso no concelho de Castanheira de Pêra apresenta a seguinte repartição, como se representa na figura 14.

- Formações Sedimentares e Metamórficas

Está representado pelo Complexo Xisto – grauváquico que cobre a maior parte do Concelho, e que se apresenta em camadas bastante dobradas e inclinadas.

- Rochas Eruptivas e Plutónicas

Existe um afloramento granítico no setor Norte do Concelho – na zona em que este afloramento contacta com o Complexo Xisto –

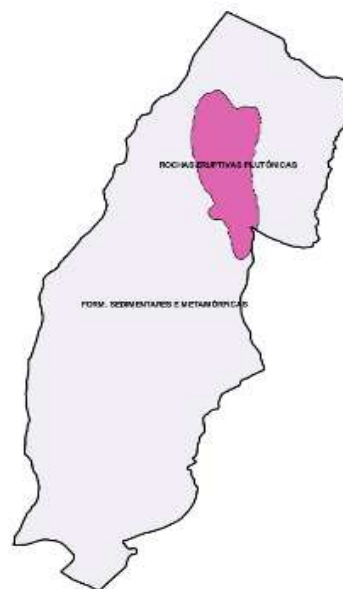


Figura 14- Mapa litológico de Castanheira de Pêra

Fonte: PDM CMCP (2015)

Grauváquico, aparecem orlas metamórficas geralmente constituídas por Rochas de natureza xistosa. PDM CMCP (2015)

5.3.6. Ocupação dos solos

O concelho tem 48,1% da sua ocupação de solos entregue a um regime florestal, 15,7% a solos não produtivos, 14,7% a incultos (tabela 8), (partes destas áreas são compostas por matos e herbáceas), zonas agrícolas 9,2% situadas na periferia dos agregados populacionais (Centro e Sul do concelho), as áreas sociais correspondem a 6,5% e por fim a área respeitante a ambientes aquáticos e fluviais, (figura 15) e tabela 8. PDM CMCP (2015)

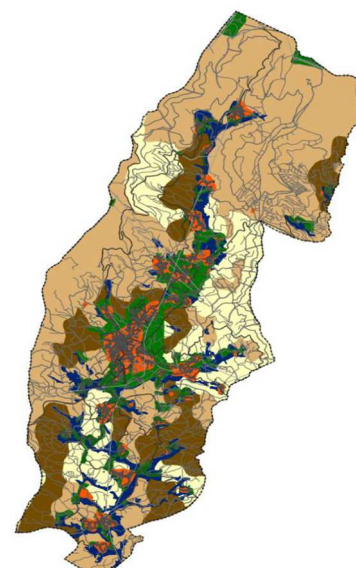


Figura 15- Mapa de ocupação de solos no concelho

Fonte: PDM CMCP (2015)

Tabela 8- Uso e ocupação do solo do concelho de Castanheira de Pêra

Uso e Ocupação do solo	Áreas sociais	Agricultura	Floresta	Improdutivos	Incultos	Superfícies Aquáticas	Total
Castanheira de Pêra	ha	433,6	616,6	3211,0	1046,4	980,1	6673,3
	%	6,5	9,2	48,1	15,7	14,7	100

Fonte: PDM CMCP (2015)

O concelho engloba as diversas elevações que separam a bacia hidrográfica do Rio Mondego e Zêzere e a cumeada Sul da Serra da Lousã. Os declives acentuados, com encostas íngremes e com vales inacessíveis em diversas áreas proporcionam uma grande variação de temperaturas permitindo a influência do clima atlântico e mediterrânico.

Ao concelho sobrepõe-se a uma importante área de proteção e classificação da RN2000, o SIC da Serra da Lousã (PTCON0060) criada por resolução do conselho de ministros nº76/00 de 5 julho, distribuindo-se num total de 15158ha, dos quais fazem parte 20% da área concelhia de Castanheira de Pêra, (3026,28ha), como delimitado a azul na figura 16. Pelas especificidades associadas à riqueza e presença de espécies de elevado grau de conservação e valor único de seus habitats, surgiu a necessidade da proteção desta área. Rede Natura 2000 (2015)

O SIC da Serra da Lousã constitui uma área com elevado interesse a nível paisagístico e com áreas relevantes para a preservação de ecótipos e seu valor genético. As linhas de água apresentam também uma elevada importância de biodiversidade do SIC, distinguindo a presença de galerias ripícolas e habitats relíquia. ICNF (2015)

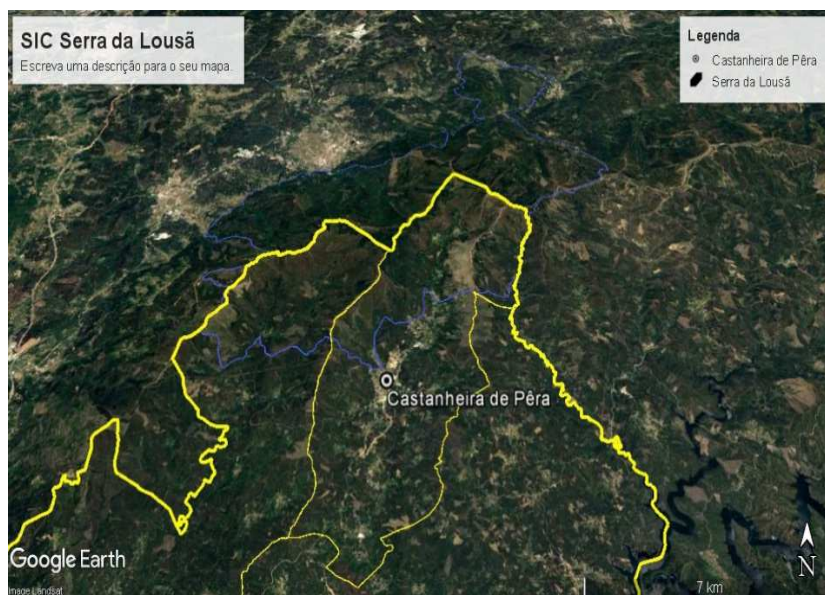


Figura 16- Mapa do Sítio de Interesse Comunitário da Serra da Lousã

Fonte: ICNF (2015)

5.3.7. Fauna

A fauna (ANEXO V) é um dos pontos-chave para a prática do ecoturismo, pois não só o ecoturismo pode contribuir para a sua preservação, mas também proporcionar aos ecoturistas uma sensibilização para a importância da mesma no ecossistema, tendo como princípio base conhecer para preservar. Ao ecoturista deverá ser transmitido conhecimento sobre as espécies de modo a reduzir o distanciamento entre o ser humano e os restantes animais, não fazendo de nós uma espécie superior, mas uma espécie integrante do todo e, acima de tudo, largamente responsável pela preservação das espécies faunísticas.



Figura 17- Salamandra lusitânica

Pelo facto deste concelho poder apresentar características abióticas de clima temperado e mediterrânico, apresenta, algumas particularidades como a possibilidade da presença de salmonídeos, como a truta, de zonas de clima temperado e dos ciprinídeos como a boga de zonas mediterrânicas, convertendo-se assim num dos concelhos mais a sul com esta biodiversidade. Algumas das espécies faunísticas existentes no concelho são por exemplo os seguintes endemismos ⁴ da fauna ibérica, anfíbios como Salamandra Lusitânica (*Chioglossa lusitânica*), figura 17, classificada como quase ameaçada pela *International Union for Conservation of Nature* (IUCN), o Tritão-de-ventre-laranja (*Triturus boscai*) e a Rã-ibérica (*Rana iberica*). Existem também outras espécies não endémicas como as aves de rapina, Açor (*Accipter gentilis*), a Águia-cobreira (*Circaetus gallicus*) ou o Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) outras espécies de aves preciosas que se encontram junto a cursos de água com boas condições ambientais tais como o Melro-d'água (*Cinclus cinclus*) e o Guarda-rios (*Alcedo atthis*). figura 18. ICNF (2015)



Figura 18- Guarda rios

Fonte: Turismo do Centro-
Birdwatching

⁴ O endemismo corresponde à existência de espécies cuja área de distribuição natural está toda contida num só território. Assim, as espécies endémicas de Portugal, apenas ocorrem no nosso País e em mais nenhum lugar no Mundo. NATURDATA (2016)

No grupo faunístico dos mamíferos poder-se-ão encontrar espécies carnívoras como as Doninhas (*Mustela nivalis*), o Toirão (*Mustela putorius*), a raposa (*Vulpes vulpes*) e a Lontra (*Lutra lutra*) (figura 19), espécie cada vez menos vista nos cursos de água do concelho. Entre os mamíferos de médio-grande porte encontra-se o Javali (*Sus scrofa*), o Veado (*Cervus elaphus*), (figura 20) e o Corço (*Capreolus capreolus*), que se encontram com mais frequência na zona serrana. ICNF (2015)



Figura 19- Lontra

Fonte: Naturdata (2016)



Figura 20 – Veado

Fonte: Naturdata (2016)

5.3.8. Flora

Assim como as espécies faunísticas, as florísticas também poderão ser consideradas fatores de ancoragem do ecoturismo, apesar do coberto vegetal atualmente existente poder não corresponder ao original, muito por intervenção humana e ao uso do solo para a pastorícia e atividades agrícolas e também devido à introdução de espécies como o Eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e Pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), com uma perspetiva unicamente económica, com percentagem de ocupação do solo de 35% e 52% respetivamente detrimento de espécies autóctones. PDM CMCP (2015) Em algumas zonas do concelho poder-se-ão encontrar resquícios da floresta Laurissilva, característica dos climas temperados que teria coberto as costas do Mediterrâneo norte ocidental, antes das últimas glaciações há 5 milhões de anos. As espécies representativas desta floresta e existentes na serra da Lousã são: o Azereiro (*Prunus lusitânica*) (figura 21), o Azevinho (*Ilex aquifolium*), o Feto-real (*Osmunda regalis*), o Folhado (*Viburnum tinus* subsp. *tinus*), a Hera (*Hedera helix*), o Loureiro (*Laurus nobilis*) e o Medronheiro (*Arbutus unedo*). ICNF (2015)

O restante coberto florestal é composto maioritariamente por Carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), Azinheira (*Quercus rotundifolia*), Zambujeiro (*Olea sylvestris*) e o Carvalho-cerquinho (*Quercus broteroi*). Com menor surgimento, mas com um grande interesse para a população local está difundido o Castanheiro (figura 22) (*Castanea sativa*). Este conjunto florestal tem um comportamento caducifólio, permitindo o crescimento de outras espécies no sub-coberto vegetal. ICNF (2015)



Figura 21- Azereiro

Fonte: Jardim botânico da UTAD



Figura 22- Castanheiro

Fonte: Autoria própria

5.4. Caracterização etno-cultural do concelho

A etnografia e cultura de um povo ou região encontram-se associadas às histórias, aos modos de subsistência, ao modo como está organizada a vida social e de interação com o meio envolvente e com a população em geral. Cada povo tem as suas singularidades e é nestas singularidades que se terá de focar a atividade ecoturística, permitindo que as atividades etno-culturais se preservem, mantendo-se vivas não só para os turistas, mas sobretudo para a população local. O ecoturismo poderá ser o mote para as valorizar e ajudar a estimular na população a necessidade da preservação dos seus saberes, reflexo da identidade local.

A memória do concelho aponta para a lenda associada à princesa Peralta, filha do Rei Arunce que reinava na cidade de Conimbriga, que, por se apaixonar por um guerreiro inimigo, Laurus, levou a que este fosse morto num local onde existia um pequeno castelo enveredado na mata, para onde a família real tinha fugido. Por tristeza da morte do seu amor, a princesa jorrou lágrimas que deram origem à ribeira de Pêra, e ao local onde perdeu a sua vida deu-se o nome de Terra de Laurus (Lousã). Algumas das localidades pertencentes ao concelho aparecem associadas às terras de Pedrogão e aponta-se a passagem de D. Afonso Henriques por estas paragens ao seguir de Coimbra para Santarém. Barreto (2004, p.99)

O concelho tinha uma população maioritariamente analfabeta que vivia essencialmente ligada à agricultura de subsistência e à pastorícia, isolada nas faldas da serra da Lousã, com a necessidade de sobreviver com aquilo que a natureza proporcionava. Ao longo do tempo, vão-se desenvolvendo algumas atividades sendo uma delas diferenciadora: a neve que caía nos cumes da serra da Lousã no inverno era recolhida e transportada em canastras (figura 23) pelos neveiros, sendo preservada em poços de neve (figura 24) e posteriormente transportada por carroças em direção ao Rio Zêzere, sendo por fim transportada para Lisboa de barco, onde era



Figura 24- Canastras de transporte de neve

Elaboração própria



Figura 23- Poço da neve

Fonte: Site Castanheira de Pêra (2016)

usada para preservar comida e bebidas, proporcionando uma melhor qualidade de vida na corte portuguesa. Barreto (2004)

Os aglomerados habitacionais eram constituídos por habitações que não passavam de simples cabanas, com camas de mato, pertencentes aos residentes com menores posses. As mais abastadas teriam dois andares, nos quais o primeiro era destinado a guardar as alfaias, bens alimentares, como o azeite, o vinho e a salgadeira, e os animais estando estes numa divisão anexa, tendo também como função o aquecimento do andar superior. As habitações eram o reflexo da envolvente, sendo os materiais aplicados os existentes nos locais. Por exemplo, no concelho é possível encontrar habitações construídas com xisto assim como algumas partes das habitações a granito, característica das habitações do norte de Portugal, mas também existente neste concelho. Era habitual nestas habitações a existência de eiras e fornos e, caso a habitação não os tivesse, existiriam fornos de uso comunitário para o usufruto da população local.

A alimentação destas gentes era essencialmente baseada em produtos locais, como os cereais, milho e centeio, as hortaliças como as couves, nabos, feijões, o azeite, as castanhas, fruta como ameixas, figos e cerejas, vinho morangueiro e peixe proveniente da ribeira como as enguias, os barbos e trutas. A maioria dos animais eram criados para venda, só os porcos seriam mortos com finalidade de consumo pelas famílias, sendo a carne transformada em chouriços de massa e as pás e presuntos pendurados a defumar. O mel também existente na serra da Lousã seria usado para adoçar papas e para fortalecer o sistema imunitário.

A população local vivia o seu dia-a-dia por entre as lides agrícolas, usando as alfaias agrícolas com tração animal para o cultivo da terra e usando outras peças na recolha dos cereais e recolha do mel. Mas, apesar da rigorosa vida na agricultura, as populações encontravam nas romarias, bailes e festividades a oportunidade para confraternizar, onde se poderia dançar ao som de tocadores de gaita, harmónio ou concertina. Algumas das romarias ainda hoje se realizam como a Romaria do Sto. António das Neves e Senhora da Guia. Outras importantes épocas de celebração prendiam-se com os Reis, Natal e Carnaval (evento que ainda hoje conduz muita gente às ruas de Castanheira de Pêra). Para acompanhar o Enterro do Entrudo (boneco de palha), juntavam-se alguns foliões e outras personagens, entre as quais as carpideiras que choram a morte do Entrudo entoando cânticos no final do cortejo, onde o entrudo é cremado e é lido um testamento com teor jocoso. Barreto (2004, pp. 380-388)

A existência da Ribeira de Pera levou a implantação de diversas indústrias de produção de lanifícios e têxteis que trabalham com a força motriz da água da ribeira, e onde eram fabricadas, entre outros lanifícios e têxteis, as meias de lã e os barretes de lã dos campinos ribatejanos e pescadores da Nazaré.

A produção destes produtos conduziu ao surgimento de uma classe profissional responsável pela sua venda na região de Figueiró dos Vinhos e Pedrogão Grande a que se associa a invenção de uma gíria própria que lhes permitia comunicar entre si, combinando preços sem serem entendidos por outros vendedores ambulantes- a Laínte de Casconha⁵ (Castanheira de Pera) é única e tem um conjunto de regras associadas que remontam ao século XVI, embora haja fontes fidedignas do seu surgimento já no século XIX. (Barreto, 2004, pp.365-375)

Com o propósito de preservar e desenvolver os valores e tradições locais da região têm sido criadas diversas associações, que se apresentam no quadro 2.

Quadro 2-Associações desportivas e socioculturais do concelho

Amicaper – Associação Castanheirense de Apoio às Atividades Culturais e Recreativas	Associação Cultural e Desportiva do Carregal Fundeiro
Associação Cultural e Desportiva das Gestosas	Associação Cultural e Desportiva Soeirense
Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Castanheira de Pera	Associação Molusa – Moçambicana, Lusa, Africana
Associação Unitária dos Reformados e Pensionistas do Concelho de Castanheira de Pera	Atlético Clube Recreativo Mocidade do Vilar
CAPERARTE – Associação para o Desenvolvimento Económico e Cultural de Castanheira de Pera	Casa de Convívio do Camelo
Centro de Convívio do Coentral Pequeno	Casa de Convívio dos Pisões
Centro de Instrução e Recreio União Coentralense	Centro Paroquial de Solidariedade Social de Castanheira de Pera
Centro Paroquial de Solidariedade Social da Freguesia do Coentral	Centro Recreativo e Cultural das Sarnadas
Centro Recreativo de Convívio da Gestosa Cimeira	Centro Recreativo da Moita
Centro Recreativo do Rapos	Centro Recreativo União Perense
Cercicaper – Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Castanheira de Pera	Ponte de Sobrinho – Associação para o Desenvolvimento de Botelhas
Rancho Folclórico Neveiros do Coentral	Rancho Folclórico União Recreativa Sapateirense

⁵ Exemplo de uma frase em Laínte de Casconha: Cames vê-se da Casconha. / Eu sou da Casconha.

Santa Casa da Misericórdia de Castanheira de Pera	Sociedade Recreativa União Sarzedense
Teares da Serra – Associação Recreativa e Cultural	TERRAS DE PERALTA – Associação para o Bem-Estar e Desenvolvimento
União Recreativa Sapateirense	
Extraconcelhia	
Lousitânea – Liga dos Amigos da Serra da Lousã-Gois	Pinhais do Zêzere – Associação de Desenvolvimento- Pedrogão Grande

Fonte: Adaptado da página web concelhia e Monografia do Concelho (Barreto, 2004)

6. Atividade Turística no Concelho

6.1. Oferta Turística

A oferta turística é definida por Cunha (2001, p.63) como sendo “o conjunto de elementos, bens e serviços, podendo incluir o alojamento, os recursos naturais, as atividades recreativas ou serviços prestados aos turistas, tornando-se um conjunto integrado de todos os bens e serviços produzidos exclusivamente para consumo dos visitantes e ainda todos aqueles que são destinados aos residentes, mas que também são consumidos pelos visitantes.”

A oferta turística poderá ser desagregada nos seguintes fatores:

- Recursos turísticos primários
- Recursos turísticos secundários
- Infraestruturas e serviços de apoio
- Hospitalidade e acolhimento

Os recursos turísticos apresentam-se como sendo os elementos naturais, a atividade das populações ou os seus produtos com capacidade de motivar as pessoas a deslocar-se, a ocupar os tempos livres ou a usufruir dos serviços durante a estada. Os componentes das ofertas turísticas primárias deveram fundamentar uma política de desenvolvimento de recursos turísticos secundários.

Para que o sistema turístico tenha êxito é necessária uma articulação entre os diversos intervenientes e o máximo aproveitamento dos recursos primários por parte das entidades responsáveis pela atividade.

6.1.1. Recursos Turísticos Primários

6.1.1.1. Recursos turísticos primários - Património Natural

O património natural refere-se ao “conjunto de formações físicas ou biológicas com valor do ponto de vista estético ou científico. Formações geológicas e fisiológicas e zonas delimitadas que são habitat de espécies animais ou vegetais de sensibilidade ambiental e que têm interesse a nível científico ou de conservação.

Espaços de interesse natural ou zonas naturais delimitadas e com valor do ponto de vista científico, beleza natural ou de conservação”. (“Património Natural e Cultural - Programa Bandeira Azul | Associação Bandeira Azul da Europa,” n.d.).

No concelho os recursos referentes a esta tipologia são os apresentados no quadro 3

Quadro 3-Património Natural concelho

Categoria	Descrição	Localização
Rios/Ribeiras	Ribeira de Pêra	Castanheira de Pêra
	Ribeira de Quelhas	Coentral
Serras	Serra da Lousã	Castanheira de Pêra
Praias Fluviais	Praia Fluvial do Poço do Corga	Bolo
	Praia Fluvial das Rocas	Castanheira de Pêra
Espaços naturais de recreio e lazer	Parque de merendas do Ameal	Ameal
	Carvalhal do Corga	Bolo
	Fonte das Bicas	Coentral Grande
	São João da Mata	

Fonte: Elaboração própria

6.1.1.2. Recursos turísticos primários- Património Cultural

“O património cultural reúne todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade. Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas e quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais.” Lei nº 107/2001 de 8 de setembro

De acordo com o levantamento realizado, o património cultural de Castanheira de Pêra compreende os elementos que se apresentam no quadro 4 e 5.

Quadro 4- Património Cultural concelhio

Categoria	Subcategoria	Descrição	Localização
Monumentos	Estações arqueológicas	Saфра (mamoa)	Pisões
		Lajedo (afloramento rochoso com covinhas)	Ameal e Vilar
		Ponte das Cabras/Ponte de Pedra	Sarnadas
	Património classificado (Imóveis de interesse publico)	Poços da Neve	Sto. António da Neve
	Locais com valor potencialmente arqueológico	Rodados dos Carros de Bois	Coentral
		Antigo caminho das Sernadas	Sernadas/Coentral
		Caminho dos Neveiros	Sarzedas de S. Pedro
	Igrejas/ capelas/ ermidas	Capela de St António da Neve	Coentral
		Igreja matriz do Coentral Grande	Coentral Grande
		Capela da Nossa Senhora das Neves	Camelo
		Igreja do Mártir S. Sebastião	Pêra
		Capela Velha de Pêra	Pêra
		Ermida da Nossa Sra. da Guia	Sapateira
		Igreja da Misericórdia	Castanheira de Pêra
		Igreja Matriz de Castanheira de Pêra	Castanheira de Pêra
	Palácios/Solares/ Casas apalaçadas	Casas apalaçadas das Ruas: Visconde de Castanheira, Dr. José F. D Carvalho, João Bebiano	Castanheira de Pêra

		Casa Bissaya Barreto	
		Paços do concelho	
		Casa da Criança D. Leonor	
	Escolas	Escola primária Viscondessa de Nova Granada	Castanheira de Pêra
	Fontes/Chafarizes/Aquedutos	Fonte do Ameal	Ameal
		Fonte da Retorta	Retorta
		Fonte da Silveirinha	Coentral
		Fonte do Moinho Velho	Castanheira de Pêra
Artísticos	Museus	Museu Etnográfico Casa do Neveiro	Coentral Grande
		Museu Lagar do Corga	Bolo
		Museu Casa do Tempo	Castanheira de Pêra
		Museu da Presidência	
	Grupos musicais	Grupo de Cavaquinhos do Coentral	Coentral Grande
Complementar	Parques/Jardins públicos	Jardim da Casa da Criança D. Leonor	Castanheira de Pêra
	Lagares/Fornos	Lagar do Corga	Bolo
		Fornos Comunitários	Castanheira de Pêra e Camelo
	Pontes	Ponte dos Esconhais	Castanheira de Pêra
Etnográfico	Rancho folclóricos	Rancho Folclórico Neveiros do Coentral	Coentral Grande
		Rancho Folclórico União Recreativa Sapateirense	Sapateira
Industriais	Fábricas	Fábrica de Meias do Coentral	Coentral Grande
		Fábrica dos Barretes de Sarnadas	Sarnadas
		Fábrica de Lanifícios da Várzea	Várzea
		Fábrica de Lanifícios de Pereiros	Pereiros

		Fábrica de Fiação e de Lanifícios de Além da Ribeira	Além da Ribeira
		Fábrica de Lanifícios dos Esconhais	Esconhais
		Fábrica Têxtil da Retorta	Retorta
		Fábrica de Lanifícios da Foz	Foz
		Fábrica de Lanifícios de Abelheira	Retorta
		Fábrica de Lanifícios de Souto Escuro	Souto Escuro
		Fábrica de Lanifícios de Rapos	Rapos

Fonte: Elaboração própria

Quadro 5-Património cultural concelhio

Categoria	Subcategoria	Denominação
Gastronomia/Vinhos	Pratos típicos	Arroz de miúdos especiais de cabrito
		Cabrito assado
		Trutas de escabeche
		Sarrabulho
		Torresmos
		Javali
		Queijo
		Requeijão
	Doces Típicos	Bolo de Erva-doce
		Mel da serra de Lousã Denominação de Origem Protegida (DOP)
Artigos típicos		Barretes das sarnadas cadeiras e
		Bonecas de pano
		Painéis de madeira a representar miniaturas de janelas tradicionais
		Bancos e mesas em madeira e corda
		Tapeçarias

Fonte: Elaboração própria

6.1.1.3. Recursos primários - Equipamentos

Completando os recursos primários referentes aos equipamentos existentes no concelho, que podem ser utilizados pela população local assim como pelos turistas/visitantes recolheram-se os dados que se apresentam no quadro 6.

Quadro 6- Equipamentos concelhios

Categoria	Subcategoria	Descrição	Localização
Culturais	Artes e espetáculos	Biblioteca Municipal de Castanheira de Pêra	Castanheira de Pêra
		Auditório/Cineteatro Praça da Notabilidade	
		Casa do Tempo	
Desportivos	Zonas de caça	Zona de Caça Municipal	
	Zonas de pesca desportiva	Zona de Pesca na Ribeira de Pêra e afluentes	Todas
	Campo de Tênis	Campo de ténis do complexo desportivo da Praça da Notabilidade	Castanheira de Pêra
	Pavilhões multiusos	Pavilhão Gimnodesportivo da EB Dr. Bissaya Barreto	Castanheira de Pêra
		Pavilhão Municipal	Castanheira de Pêra
		Polidesportivo de Sapateira	Sapateira
	Campo polidesportivo	Campo de jogos da EB Dr. Bissaya Barreto	Castanheira de Pêra
		Estádio da Retorta	Retorta
		Campo de jogos de Pera	Pêra
	Campo de Tiro	Campo de tiro do Ameal	Ameal
Recreativos	Piscinas de Recreio	Piscina da Praia das Rocas	Castanheira de Pêra

Fonte: Elaboração própria

6.1.1.4. Recursos turísticos primários-eventos

No que se refere aos eventos que se realizam no concelho, há um conjunto de iniciativas diversificadas, que procuramos organizar em diferentes tipologias, conforme se apresenta no quadro 7.

Quadro 7- Eventos do concelho de Castanheira de Pêra

Categoria	Subcategoria	Descrição	Localização
Religiosos	Feiras/Romarias	Mártir S. Sebastião, 20 janeiro	Coentral
		Sta. Luzia, 1.º Domingo de julho;	Gestosa Cimeira
		S. Domingos 1.º Domingo de agosto;	Castanheira de Pêra
		N. Sra. do Amparo, 1.º Domingo de agosto;	Camelo
		N. Sra. da Nazaré, dia 15 de agosto;	Coentral Grande
		Mártir S. Sebastião, 2.º Domingo de agosto;	Pêra
		N. Sra. da Guia, 3.º Domingo de agosto;	Sapateira
		Festa do Senhor, último Domingo de agosto;	Castanheira de Pêra
		S. Pedro, 1.º Domingo de setembro;	Sarzedas de S. Pedro
		S. Nicolau, 2.º domingo de setembro;	Troviscal
		Nossa Senhora do Bom Sucesso, no 3.º Domingo de setembro.	Moita
Desportivos		Grande Prémio de Atletismo, 4 de julho	Castanheira da Pêra
		Sprint Enduro Praia das Rocas	Castanheira de Pêra
		<i>Skyroad</i> Aldeias do Xisto	Castanheira de Pêra
		UTAX	Castanheira de Pêra
Negócios	Feiras	Feira de Arte e Artesanato- 2.º domingo de cada mês, de abril a dezembro	Pêra
		Feira Medieval, julho	Castanheira de Pêra
		Feira Anual, dias 21 e 22 de julho;	Castanheira de Pêra
		Feira do Livro e da Multimédia, agosto;	Castanheira de Pêra
		Feira de Rua – da Castanha, do Mel e do Artesanato, outubro.	Coentral Grande
		Feira/mercado semanal-Sábado	Castanheira de Pêra

Fonte: Elaboração própria

6.1.2. Recursos Turísticos Secundários

6.1.2.1. Alojamento

Este será um dos recursos que se associam primeiramente ao turismo de uma região. No concelho de Castanheira de Pêra existem seis unidades de alojamento, apresentadas na tabela 9, que totalizam um total de 113 camas

Tabela 9- Caracterização das tipologias de alojamento existentes no concelho de Castanheira de Pêra

Nome	Tipologia	Localização	Nº Camas	Nº Quartos
Hotel Lagar do Lago⁶	Hotel ***	Castanheira de Pêra	42	21
Villa Praia	Alojamento local	Castanheira de Pêra	24	12
Casa Ribeira de Pêra⁷	TER-Casa de Campo	Castanheira de Pêra	6	5
Quinta dos Esconhais	TER-Casa de Campo	Castanheira de Pêra	14	10
Casa de Hóspedes D. Delfina	Alojamento Local	Castanheira de Pêra	8	4
Aldeia do Camelo⁷	TER-Casa de Campo	Camelo	19	9
		Total	113	61

Fonte: Elaboração própria dados do RNAL (2015), RNET (2015)

Apesar da existência de estabelecimentos de alojamento local, nenhum destes se encontra registado no RNAL, Registo Nacional Alojamento Local. A capacidade de alojamento concelhia é dada por número de camas*365 dias, considerando que esta é a capacidade potencial, pois não se sabe se todos estarão abertos na totalidade do ano, resultando então numa capacidade potencial de 41.245 camas/ano. O concelho ao nível do alojamento tem uma oferta deficitária e pouco diversificada.

⁶ Empreendimentos registados no Registo Nacional dos Empreendimentos Turísticos (RNET)

6.2.2.2. Restauração

As unidades de restauração localizadas nos limites do território do concelho estão representadas no quadro 8.

Quadro 8- Unidades de restauração e bebidas do concelho de Castanheira de Pêra

Nome	Localização
Restaurante Praia das Rocas	Castanheira de Pêra
Restaurante Albergaria Lagar do Lago	Castanheira de Pêra
Snack-Bar O Gil	Castanheira de Pêra
Restaurante Casmel	Castanheira de Pêra
Albino Rosário Coelho – Churrasqueira	Castanheira de Pêra
Churrasqueira Castanheirense	Castanheira de Pêra
Europa	Moredos
Restaurante de Poço do Corga	Bolo
Quase Bar	Castanheira de Pêra
RockBeat	Castanheira de Pêra
O Cortiço - Café/Snack-Bar	Castanheira de Pêra
Bar Chicote	Castanheira de Pêra
Café Snack-Bar Expresso	Castanheira de Pêra
Café Central	Castanheira de Pêra
Padaria Santa Filomena	Castanheira de Pêra
Pastelaria Antígona	Castanheira de Pêra

Fonte: Elaboração própria

6.2.2.3. Atividades

Os recursos turísticos secundários apresentados no quadro 9, servem de complemento à atividade turística e estão em muitos casos relacionados com atividades de índole cultural local atribuindo ao produto turístico uma identidade diferenciada.

Quadro 9- Atividades turísticas

Categoria	Denominação
Circuitos Turísticos	Percorso pedestre Pelos Encantos da Vila
	Percorso pedestre nas fragas da Ribeira das Quelhas
	Rota da Ribeira de Pêra
	Rota dos Neveiros

Fonte: Autoria própria

6.2.2.4. Animação turística

Existem diversas empresas que desenvolvem atividades de animação no espaço concelhio, como a Lousitânea – Liga dos Amigos da Serra da Lousã, a Transerrano e a Baldios da Lousã, mas a única que tem como sede o concelho é a Prazilândia- Turismo e Ambiente E.M.

- Lousitânea- Liga dos Amigos da Serra da Lousã- Góis

A Lousitânea - Liga de Amigos da Serra da Lousã, é “uma associação sem fins lucrativos que tem como finalidade promover atividades de conservação da natureza, valorização do património cultural (rural, etnográfico, histórico, gastronómico e artesanal) e promoção de atividades de animação educativa, desportiva, turística e social da região da Serra da Lousã.”(“Lousitânea - Liga de Amigos da Serra da Lousã | Aldeias do Xisto,” n.d.)

- TransSerrano – Formação e Serviços na Natureza, Lda. – Góis

A TransSerrano tem como missão “evitar o desaparecimento da cultura e natureza serrana, implementando para isso formas inovadoras de criação de riqueza, através da organização de programas e serviços em que os participantes interajam com esses aspetos culturais e ambientais, permitindo a rentabilização de atividades económicas tradicionais e a visita a locais de interesse natural”(“Trans Serrano » Historial,” n.d.)

- Baldios da Lousã

Esta associação é sem fins lucrativos, foi formada em 1978, e que assenta nos princípios da preservação da natureza, em concreto da Serra da Lousã, promovendo atividades de lazer para o público em geral para desenvolver os níveis culturais da população portuguesa e estrangeira.

Prazilândia Turismo e Ambiente E.M. – Castanheira de Pêra

A entidade visa “contribuir para o desenvolvimento sustentável do concelho de Castanheira de Pêra e melhoria da qualidade de vida dos seus residentes e visitantes, assumindo-se como uma referência no território, através de uma atividade orientada para a preservação, qualificação e valorização do Turismo e Ambiente no concelho e região”.

6.2.2.5. Transportes e rede viária

A rede de transportes do concelho é bastante débil, e tem como ponto de enlace Coimbra e Leiria, cidades que apresentam alguma distância geográfica. Neste momento a Rede Expressos estabelece a ligação de Castanheira de Pêra para Coimbra e vice-versa uma vez por dia, no entanto não disponibiliza viagens para a sede de distrito, Leiria.

A companhia rodoviária Transdev efetua também diariamente ligação entre Castanheira de Pêra e Figueiró dos Vinhos.

O concelho não apresenta linha ferroviária, mas poderá usar o metro Mondego serviços alternativo ao Ramal ferroviário da Lousã ou a linha norte-sul, em Pombal.

O concelho, devido às suas características de montanha, apresenta traçados sinuosos e inclinações acentuadas. Além disso, este concelho encontra-se numa zona limítrofe do distrito e apesar de ter um número de rodovias suficiente, algumas não se apresentam nas melhores condições de conservação. A ligação ao concelho vizinho Figueiró dos Vinhos efetua-se de forma aceitável, no entanto, a ligação aos concelhos de Pedrogão Grande, Lousã e Góis é bastante complexo e tem de ser efetuado por traçados em zona montanhosa, condicionando ainda mais a deslocação a estes concelhos em condições de queda de gelo/neve. Embora atravessado por diversas estradas nacionais, não apresenta nenhuns itinerários complementares ou principais, embora o IC8 (Figueira da Foz-Castelo Branco) passe na proximidade.

No concelho existem também oferta de serviços de táxi, contando com 5 prestadores deste serviço.

A localização interior e periférica do concelho não inviabiliza o rápido acesso aos maiores núcleos populacionais limítrofes ou até mesmo das grandes cidades como Lisboa ou Porto, onde se poderão recorrer aos transportes aéreos, como se verifica na tabela 10.

Tabela 9-Itinerário de Castanheira de Pêra a diversas cidades

Localidade	Distância (km)	Tempo de Viagem (hr)
Pombal	49	1
Coimbra	68	1
Porto	180	2:15
Lisboa	195	2:35

Fonte: Autoria própria adaptado Via Michelin

6.1.3. Infraestruturas e serviços de apoio ao turismo

6.1.3.1. Saneamento básico

“Atualmente cerca de 90% da população está ligada ao serviço público de tratamento de esgotos estando as restantes ligadas a um sistema individual de tratamento de águas residuais, fossas sépticas que na sua maioria funcionam bem, no entanto a autarquia não tem algum tipo de controlo a ETAR projetada para recolher os efluente do concelho está dimensionada para servir uma população de 4878 habitantes” (*Plano Diretor Municipal de Castanheira de Pêra*, 2014)

6.1.3.2. Saúde e Ação social

Este concelho possui um conjunto diversificado de entidades que desenvolvem trabalho na área da saúde e da ação social com intuito de promover um trabalho de parceria, envolvendo diversos agentes locais, alertando para os problemas sociais e dando respostas aos mesmos. As diversas entidades constituintes desta equipa são:

- Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social de Leiria,
- Coordenação Educativa,
- Centro de Saúde de Castanheira de Pera,
- Santa Casa da Misericórdia,
- Cercicaper,
- Fundação Bissaya Barreto/ Casa da Criança Rainha D'. Leonor,
- Junta de Freguesia de Castanheira de Pera,
- Junta de Freguesia do Coentral,
- Centro Paroquial de Solidariedade Social de Castanheira de Pera,
- Centro de Apoio Familiar,
- Centro Paroquial de Solidariedade Social do Coentral.

O concelho possui um Centro de Saúde pertencente ao Agrupamento dos Centros de Saúde do Pinhal Interior Norte, que presta serviços à população local, não tendo no entanto Serviço de Apoio Permanente (só existe no concelho vizinho de Figueiró dos Vinhos).

6.1.3.3. Segurança

As forças de segurança fazem-se representar no concelho pelo Posto Territorial de Castanheira de Pêra, presente na sede de concelho.

6.1.3.4. Hospitalidade e Acolhimento

Estes fatores embora importantes são difíceis de quantificar e delimitar por se tratar de elementos intangíveis. A hospitalidade está relacionada com a capacidade de bem receber, de um modo agradável, com serviços de qualidade voltados para o cliente, criando conforto durante a estada.

Para que exista qualidade no acolhimento será necessário formar os recursos humanos de modo a que a estada não saia defraudada e supere as expectativas, voltando se para as necessidades dos visitantes, antecipando-as e apresentando soluções para as satisfazer.

6.2. Procura Turística

“A procura turística traduz as diversas quantidades de bens e serviços que os visitantes, residentes e não residentes adquirem num determinado momento, expressando-se em quantidade” (Cunha, 2001) A metodologia utilizada para medir os fluxos turísticos num determinado território prende-se com a contabilização das dormidas, número de hóspedes, estadas médias e taxas de ocupação dos diversos meios de alojamento, podendo os hóspedes ter origem no estrangeiro ou no próprio país.

Os dados existentes para as dormidas no concelho remontam ao ano de 2014, não dispondo o INE de informação adicional relativamente a este concelho (ANEXO IV) A análise à tabela 10 aponta que a maioria das dormidas é efetuada por hóspedes nacionais, seguidamente, mas com uma presença largamente inferior apresentam-se os hóspedes do mercado espanhol, seguidamente os do mercado britânico e por fim o mercado alemão.

Tabela 10- Dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico em Castanheira de Pêra em 2012

Dormidas nos Estabelecimento de alojamento turístico em Castanheira de Pêra em 2012							
Nacional	Alemanha	Espanha	França	Reino Unido	África	América	Outros Países
2844	6	34	5	8	3	2	17

Fonte: Anuário estatístico da região centro INE (2014)

Para complementar a caracterização da procura turística concelhia poder-se-ão analisar também as entradas no complexo de piscinas da Praia das Rocas, que em 2016 foram 121.687, embora muitas destas entradas sejam de excursionistas e de residentes, poder-se-á presumir que estas entradas também se irão repercutir em dormidas nos estabelecimentos de

alojamento. Os dados que começaram a ser recentemente recolhidos das visitas (tabela 11) à Casa do Tempo, (posto de turismo) podem ser outro indicador, número bastante escasso, mas mesmo assim útil. O posto de turismo teve a visita durante este período de tempo março e setembro, de um número total de 6 estrangeiros e 152 portugueses, sendo o distrito emissor de maior quantidade de visitantes o de Lisboa e o de Leiria. Os meses com maior de números de visitas ao posto de turismo são os meses de julho e agosto.

Tabela 11-Origem dos visitantes do posto de turismo concelhia de março a setembro de 2016

	Meses								
		Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Total
Locais de origem	Bélgica					1			1
	Finlândia					1			1
	Reino Unido							2	2
	Brasil						2		2
	Aveiro				1	2	7		10
	Beja						3		3
	Castelo Branco					3			3
	Évora				2				2
	Leiria	4		1	5	6	3	11	30
	Lisboa		6			13	17	13	49
	Portalegre							4	4
	Porto					2		8	10
	Santarém		2			2	5		9
	Setúbal	3			3	1	8	4	19
	R.A.Açores						3		3
	Total	7	8	1	11	31	48	42	

Fonte: Autoria própria, dados facultados pelo posto de Turismo de Castanheira de Pêra

A existência destes dados aponta para um fenómeno usual em territórios que fazem dos setores de praia o seu foco, ou seja, a sazonalidade⁷.

⁷ Sazonalidade - Desigual distribuição da procura turística ao longo do ano, composta por períodos de grande procura (época alta) e períodos de reduzida procura (época baixa), correspondentes, respetivamente, aos meses de tempo quente e meses de tempo frio.

Parte III – Estágio

7. Panorama empresarial e período de aprendizagem prática

7.1 Caracterização do local de Estágio Prazilândia- Empresa Municipal de Turismo e Ambiente

O local de estágio curricular designa-se Prazilândia E.M. Empresa Municipal de Turismo e Ambiente e está localizada no município de Castanheira de Pêra, município este que detém 100% do seu capital social (50.000 €). A empresa entrou em atividade no dia 17 de junho de 2003, (sob orientação da Lei n.º 58/98, de 18 de agosto) e é responsável pela gestão de diversas entidades/ estruturas no concelho como Casa do Tempo/Posto de Turismo, Museu do Lagar do Corga, Edifício do Clube de Ténis, Praia das Rocas e Villa Praia assim como pela promoção de atividades relacionadas com índole cultural, desportiva e de lazer. A missão desta empresa municipal é:

“ Contribuir para o desenvolvimento sustentável do concelho de Castanheira de Pêra e melhoria da qualidade de vida dos seus residentes e visitantes, assumindo-se como uma referência no território, através de uma atividade orientada para a preservação, qualificação e valorização do Turismo e Ambiente no concelho e região.”(Prazilândia, Turismo e Ambiente E.M., 2003). Tem como valores

- - Proteção e valorização dos recursos naturais,
- - Enquadrar e potenciar o património territorial,
- - Gestão com criação de valor,
- - Orientação para as pessoas,
- - Respeito pelos valores ambientais e humanos.

A empresa tem nos seus quadros 11 colaboradores com contratos trabalhos por tempo indeterminado no âmbito do Código do Trabalho e tem como presidente do conselho de administração, José Augusto Ferreira Pais, também orientador externo do estágio.

7.2. Oferta turística concelhia sob gestão da Prazilândia

A Prazilândia é uma empresa municipal e funciona como promotora da atividade turística no concelho, sendo responsável pela realização, qualificação e implementação de boas práticas turísticas. O conjunto de serviços sob a responsabilidade da Prazilândia são diversificados e encontram-se sistematizados no quadro 9.

Quadro 9- Tipologia dos recursos afetos à gestão da Prazilândia

Tipologia dos Recursos	Denominação	Época Alta	Época Baixa
Recursos primários	Museus	Casa do Tempo	
		Lagar do Corga	
	Equipamentos desportivos	Campo de Ténis	
Recursos secundários	Alojamento	Villa Praia	
	Atividades turísticas	Escalada	
		Gaivotas	
		Rapel	
		Insufláveis	
		Barquinhos	
		Canoagem	
		<i>Rollertube</i>	
		Praia das Rocas	Passeios pedestres temáticos
			<i>Team building</i>
		Hidrogenástica	Jogos de dinâmica de grupos
			Passeios de BTT
		<i>Roller tube</i>	Paintball
			Tiro ao alvo
	Restauração	Restaurante-Bar de Apoio ao complexo da Praia das Rocas	Restaurante-Bar de apoio aos pequenos almoços, Jantares temáticos e Eventos

Fonte: Elaboração própria dados da página web Praia das Rocas (2016)

7.2.1. Recursos turísticos primários

Património Cultural- Espaços museológicos

Estes recursos estão ao dispor dos turistas/visitantes e também da população local durante a totalidade do ano.

- Casa do Tempo-Posto de turismo

Este espaço museológico que funciona também como Posto de Turismo concelhio, é composto por duas salas unidas pela receção, sendo uma alusão ao passado e futuro. Uma das salas apresenta uma exposição permanente dedicada a um dos meios de comunicação social do concelho, o jornal O Castanheirense e também à tipografia. A outra sala vai apresentando exposições temporárias de artistas locais ou de vivências de outras zonas fomentando a pedagogia e a divulgação cultural.

- Lagar do Corga

O Lagar do Corga, representado na figura 25, encontra-se contíguo à praia fluvial do Corga. Este lagar desativado tem cerca de 400 anos e era usado no fabrico de azeite utilizando a capacidade motriz das águas da Ribeira de Pêra para fazer funcionar as suas varas. Sendo uma infraestrutura intrinsecamente ligada aos usos da população na produção do seu ouro líquido, o azeite, a evolução tecnológica e a localização junto à linha de água levou a que a estrutura artesanal fechasse.



Figura 25 - Lagar do Corga

Fonte: Autoria própria

7.2.2. Recursos turísticos secundários

7.1.2.1. Alojamento

Este recurso da Prazilândia é composto pelo Villa Praia, unidade de Alojamento Local⁹ localizado dentro do complexo da Praia das Rocas (figura 26), a sua localização junto à albufeira da Praia das Rocas propicia um enquadramento paisagístico muito interessante composto pelo espelho de água da albufeira e pela Serra da Lousã que, no Inverno, nos apresentava com o seu manto de neve. Neste espaço também se podem visualizar exemplares da avifauna ripícola, como é o exemplo do guarda-rios. Será interessante referir que o projeto arquitetónico de construção dos bungalows e espaço destinado ao restaurante tem inspiração nos poços da neve, construções existentes no concelho que remontam ao último quartel do século XVIII, nas quais era armazenada a neve, formando gelo para depois ser transportado para Lisboa.



Figura 26- Complexo de alojamento Villa Praia

Fonte: Praia das Rocas (2015)

O espaço de alojamento tem acesso direto ao recinto do Parque Azul (piscina de ondas) e é composto por 12 quartos duplo) com os seguintes recursos: WC, ar condicionado, frigorífico, cafeteira, Wi-Fi e TV por satélite. A inexistência de uma *kitchenette* nos *bungalows* tem como justificação a utilização das unidades de restauração existentes no concelho.

O preçário do alojamento inclui o acesso à praia na época alta. No caso de a estada ser em época baixa, o preçário do alojamento inclui um voucher de desconto para a entrada na Praia das Rocas em época alta e o serviço é complementado com pequeno-almoço, acesso ao campo de ténis, ginásio, bicicleta, passeio de cisnes e canoas e bilhetes de entrada para a praia das Rocas na época balnear posterior.

⁹ Unidade de Alojamento Local não registada no RNAL

Tem-se vindo a apostar na requalificação do interior dos quartos para permitir um maior conforto e maior diferenciação, conferindo à decoração um motivo silvestre, com alguns materiais recolhidos na serra da Lousã, atribuindo ao interior do espaço um maior enquadramento com a envolvente, conforme se pode verificar nas figuras 27 e 28.

Esta unidade de alojamento não funciona com intuito de ser concorrente com as outras unidades locais, mas sim um complemento aos outros estabelecimentos de alojamento existentes no concelho. Nos últimos anos têm-se vindo a desenvolver parcerias entre os outros alojamentos existentes e a Prazilândia, das quais que resultou, por exemplo um desconto no complexo da Praia da Rocas durante a época alta.



Figura 27- Interior de um quarto dos Bungalows

Fonte: Prazilândia (2016)



Figura 28- Pormenor de decoração dos quartos alusivo a motivos da natureza

Fonte: Prazilândia (2016)

7.1.2.2. Animação Turística

- Praia Fluvial das Rocas

Este espaço lagunar é um complexo de lazer e animação turística, com cerca de 1km de extensão ao longo da Ribeira de Pêra, localizando-se no centro da vila de Castanheira de Pêra. Este complexo é composto por duas zonas de piscinas, tendo uma delas ondas e a dimensão de 2100m². Neste espaço pode dar-se simplesmente uns mergulhos nas águas da ribeira reservadas nas piscinas ou usufruir de outras atividades turísticas.

A localização privilegiada da Praia das Rocas a sul da Serra da Lousã permite que os clientes possam vivenciar uma experiência diferente com a serra como cenário por entre as palmeiras plantadas na praia. A existência da Serra a norte proporciona a este local uma baixa prevalência de dias de vento.

A Praia das Rocas é um caso de sucesso a nível regional impulsionando a economia local na época alta, como se poderá deduzir pelas entradas apresentadas nos últimos anos, apresentadas na figura 29. Pode-se verificar que houve um aumento do número de entradas pagas nos últimos anos no complexo da Praia das Rocas (nos anos 2015 e 2016 as crianças com idade inferior a 5 anos tinham entrada gratuita, nos anos 2013 e 2014 as entradas eram gratuitas para idade inferior aos 6), sendo o valor relativo ao ano de 2016 de 121687 entradas.

Como sempre o turismo nesta época acaba por ter o seu efeito multiplicador proporcionando uma maior taxa de emprego no concelho assim como desenvolvimento das atividades do comércio local, não só as relacionadas com o turismo (alojamento e restauração) mas também comércio de retalho,

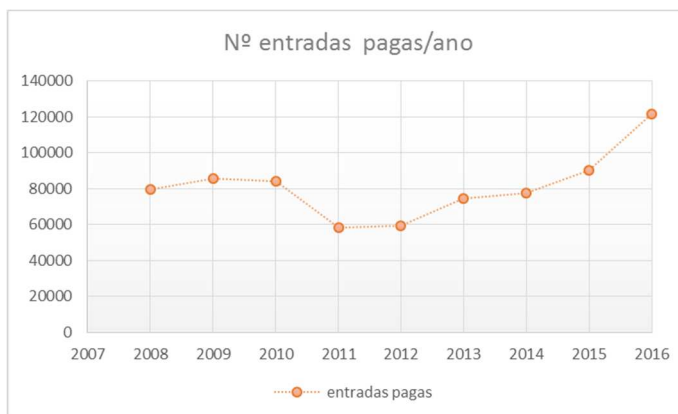


Figura 29- Número de entradas pagas 2007-2016

Fonte: Elaboração própria

artesanato e outros produtos regionais. De referir que o fenómeno turístico não se limita ao concelho de Castanheira de Pêra, já que muitos dos visitantes do espaço encontram satisfação das suas necessidades em concelhos vizinhos sendo este complexo também uma alavanca para o turismo nos concelhos limítrofes.

- Atividades turísticas

Todas as atividades turísticas proporcionadas pela Prazilândia têm como objetivos satisfazer os praticantes, proporcionando experiências únicas, a preservação e sustentabilidade dos ecossistemas e dos materiais usados durante as suas práticas assim como a promoção dos espaços naturais, da cultura e dos serviços da região.

Durante o verão as atividades que se vão desenvolvendo são atividades interrelacionadas com a Praia das Rocas, como o uso do *rollertube*, a prática da hidroginástica, da canoagem, da escalada e rapel estando o acesso aberto a estas atividades todos os dias.

Nos restantes meses do ano as atividades turísticas que são proporcionadas pela Prazilândia estão restritas a eventos marcados, no entanto, mediante marcação, poder-se-ão usar os equipamentos existentes no Parque Azul, como as canoas, a parede de escalada, o rapel, os insufláveis, o *paintball*, manobras de cordas, tiro ao alvo ou as bicicletas para prática de BTT, a acrescentar aos passeios pedestres temáticos e aos jantares temáticos.

Algumas destas atividades são programadas no ano transato de modo a serem incluídas no plano de atividades do ano seguinte. Por exemplo, durante o ano de 2015, foram efetuados alguns planos de multiatividades a serem postos em prática durante o ano de 2016 como as que a seguir se referem:

- Férias Desportivas

Estas atividades eram direcionadas aos jovens do concelho e seriam realizadas em parceria com o Centro Comunitário de Castanheira de Pêra, para a animação dos tempos livres (ATL) no período de férias letivas de Natal, Pascoa e eventualmente no Verão.

- *Challenger* Concelhio Prazilândia

Esta atividade, a realizar em época baixa, era direcionada à população de Castanheira de Pêra e região envolvente, sendo para isto necessário celebrar protocolos com diversas entidades concelhias como os Bombeiros Voluntários, Sport Castanheira de Pêra e Benfica, Câmara Municipal, Agrupamentos de Escolas Dr. Bissaya Barreto, Centro Comunitário e entidades privadas. Este evento assentava numa prova cronometrada baseada em orientação por carta ou mapa, havendo ao longo do percurso diversas estações onde teriam de ser efetuadas provas (canoagem, slide, rapel, etc.) e posteriormente seriam atribuídos pontos consoante o desempenho, sendo depois dadas pontuações às equipas de 3 ou 5 pessoas e por fim seria atribuído o prémio.

- Campeonato *paintball* bombeiros municipais da Zona do Pinhal Interior

Esta atividade teria como alvo as corporações de bombeiros da Zona do Pinhal Interior mais próximas da sede de concelho: Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pedrogão Grande, Pampilhosa da Serra, Ansião e Alvaiázere. As provas realizar-se-iam nos diversos concelhos de proveniência das corporações e seria aplicado um sistema de um contra todos ou sistemas de 2 grupos, jogando de modo a definir um ranking e ganhando a equipa que reunisse mais pontos no final do evento.

A Prazilândia presta apoio e promove, ainda outras atividades como Enduro, *Downhill*, *Trails* como o UTAX que trazem ao concelho praticantes e simpatizantes das modalidades.

7.2.2.3. Restauração

Este espaço na época alta tem como finalidade o apoio ao funcionamento da Praia das Rocas, fornecendo refeições leves, contribuindo em muito para o *income* da Prazilândia. Durante alguns anos, este espaço esteve entregue a exploração externa, no entanto, nos últimos 2 anos tem funcionado sob alçada da gestão da Prazilândia.

Na época baixa o espaço do restaurante apoia o Villa Praia na oferta do serviço de pequeno-almoço, assim como no suporte às atividades turísticas como os passeios pedestres temáticos, os jantares temáticos ou outros eventos que se realizem com gestão da Prazilândia.

7.3. Identificação e caracterização de atividades realizadas no decurso do estágio

7.3.1. Jantares temáticos

Esta atividade, realizada nas terças-feiras à noite, trazia ao convívio diversos curiosos de uma atividade que se quer definir como eco gastronomia, pois cimenta os seus pressupostos na biodiversidade, gastronomia local, utilização de produtos ecológicos e de produção tradicional e local em pequena escala.

O grupo de clientes presentes nos jantares temáticos poderia ser caracterizado por serem maioritariamente adultos, entre os 40-70 anos, residentes nas proximidades do concelho e de nacionalidade portuguesa, que eram atraídos pela curiosidade da degustação de um menu diferente. Pontualmente participavam estrangeiros que residem no concelho ou nos limítrofes. A publicitação deste evento nos jornais locais, regionais e na página do Facebook da Praia das Rocas proporcionava a vinda de outras pessoas das cidades de Leiria ou Coimbra. (ANEXO VII)

A localização do continente português possibilita o desenvolvimento da flora silvestre durante o período de inverno, aliada à perda de folhagem por parte das árvores e consequente aumento de luminosidade no coberto vegetal, situação que não acontecerá em locais de temperaturas mais baixas. Olhando atentamente poder-se-á verificar o desenvolvimento, florescimento e reprodução de diversas espécies da flora silvestre, daí ser interessante usufruir destes recursos existentes em “época baixa”.

O que diferencia os projetos culinários com recursos a cogumelos, realizados nos jantares temáticos, do que é executado noutros países como a Inglaterra e a França, onde são aplicadas gorduras que anulam o paladar dos cogumelos, é dar-se primazia ao uso do azeite, já que este está intrinsecamente ligado à culinária mediterrânica e também por este ser um produto elaborado localmente.

Não se poderá negar a importância que a gastronomia tem na identidade local, proporcionada por tradições ancestrais assim como pelo modo de confeção tradicional que pode ir variando de local para local e que confere aos pratos uma diferenciação regional, estimulada pela localização do concelho que contribui para o aguçar das práticas e saber fazer com os produtos oferecidos pela natureza. As receitas pertencentes à etnografia local vão sendo enriquecidas com outras inovadoras, mas sempre tendo em conta a utilização de produtos endógenos locais. A maioria das espécies silvestres eram recolhidas no concelho de Castanheira de Pêra e os cogumelos eram recolhidos na Serra da Lousã normalmente

durante o dia de terça-feira, para estarem frescos e em ótimas condições de serem confeccionadas para o evento.

Estes jantares tinham também como objetivo possibilitar a aprendizagem sobre algumas espécies e fomentar a sustentabilidade dos ecossistemas onde estas se apresentam, pois nestas atividades eram incluídas uma grande panóplia de espécies silvestres de cogumelos e plantas, que eram devidamente enquadradas pelas explicações do Engenheiro José Pais e por algumas histórias associadas as espécies confeccionadas.

Com as combinações de várias espécies de cogumelos ou de plantas silvestres surgiam pratos, na sua maioria, vegetarianos, que surpreendiam os comensais e que também captavam a atenção de um público-alvo diferente.

A título de exemplo dos pratos confeccionados, podemos referir, as feijoadas, quiches, chicharadas, massas, arroz e sopas complementadas com os doces de castanha e o chá de calaminta, nunca esquecendo as provas de azeites complementadas com ervas. A imaginação associada à confeção dos pratos praticava-se também na atribuição dos nomes dos pratos como o Arroz de Tudo ou as Cantariscas, bem como na forma como eram apresentados. A seguir, descreve-se um exemplo de menu:

Provas de azeite

Estas provas de azeite eram apresentadas no início dos jantares, ao azeite de produção castanheirense eram adicionadas plantas, cogumelos ou castanha dando ao cliente a possibilidade de experimentar diversos sabores. Das diversas plantas usadas nestas provas refiro o funcho figura 30, a urtiga, sementes de zimbro, saramago ou a erva das sete linhas e ainda a castanha.



Figura 30- Azeite com funcho para prova

Sopa de Urtiga (*Urtica dioica*)

Sopa confeccionada com base tradicional de batata e legumes que seriam complementadas com urtigas. A utilização desta planta acaba por conferir utilidade a uma planta que apesar de largamente dispersa pelos solos portugueses não tem aplicação frequente.

Fonte: Facebook Praia das Rocas (2016)

Salada de merugem (*Stellaria media*)

Esta salada, apresentada na figura 31, é composta por várias espécies de plantas silvestres, mas principalmente pela merugem, flores de saramago (*Raphanus raphanistrum*), dente de leão (*Taraxacum officinale*) e a flor azul da erva-das-sete sangrias (*Lithodora prostrata*). Neste como em todos os outros pratos confeccionados, o tempero usado é azeite produzido por um lagar local.



Figura 31-Salada de merugem

Fonte: Elaboração própria

Cantariscas

Esta receita utiliza uma base semelhante às conhecidas e tradicionais pataniscas de bacalhau, mas usando o aromático cogumelo cantarelo (*Cantharellus cibarius*) ou *Cantharellus lutescens* na sua confeção, visível na figura 32.



Figura 32- Cantariscas

Fonte: Autorial própria

Tarte de Castanheira

A tarte de Castanheira (figura 33) servia como mote para a finalização dos jantares. Esta tarte apresenta uma textura distinta das demais conferindo ao consumidor a possibilidade de degustar pequenos pedaços de castanha. As castanhas usadas como ingrediente essencial para esta receita são de origem local, produzidas nos soutos do concelho, proporcionando o desenvolvimento e recuperação da economia local, uma das principais funções da Prazilândia e, como referimos na primeira parte deste trabalho, um dos princípios basilares do Ecoturismo.



Figura 33 - Tartes de Castanheira

Fonte: Elaboração própria

A tarte tem uma receita única desenvolvida pela Prazilândia e que poderá fazer parte do desenvolvimento de um conjunto de ecoprodutos com a marca Castanheira de Pêra. Apesar de não estar ainda muito difundida e da sua produção estar circunscrita à Prazilândia,

apresenta já um grupo de entusiastas que referem esta tarte como sendo um produto bem conseguido e com um excecional futuro.

Os menus incluíam ainda um prato do regional Serrabulho acompanhado por castanha, provas de compotas de cogumelos e por outras espécies já referidas que se utilizam de acordo com a sua disponibilidade na natureza (ex.: cogumelos *Suillus bellinii*, *Suillus bovinus*, *Amanita ceasarea*, *Lactarius deliciosus*, *Xerocomus badius*, *Hydnum Repandum* e *Lepista nuda*, entre outras espécies e as plantas silvestres mostarda-negra (*Brassica nigra*), funcho (*Foeniculum vulgare*), finalizando com um chá de *Calamintha nepeta*.

7.3.2. Passeios temáticos com o foco na biodiversidade Micológica da Serra da Lousã

Os diversos passeios micológicos realizados durante o estágio eram supervisionados e orientados pelo Engenheiro José País, com formação em Engenharia Florestal e Micologia. Os passeios temáticos têm como foco o micoturismo, atividade já conhecida a nível internacional, mas que a nível nacional ainda se encontra em fase embrionária. O micoturismo foca-se em dois pressupostos complementares e inerentes às práticas de ecoturismo: a conservação da biodiversidade, que se prende com o desenvolvimento sustentável, e o uso da atividade para desenvolvimento local usufruindo dos recursos florestais/silvestres.

Estas atividades são realizadas no outono após as primeiras chuvas e na primavera pois é nestas alturas do ano que se desenvolvem as condições edafoclimáticas para o desenvolvimento destas espécies.

As atividades eram frequentadas tanto por curiosos como por turistas com algum conhecimento já na micologia. A colheita baseia-se no conhecimento popular que vai fazendo parte da herança cultural. É interessante verificar que a colheita/ consumo dos cogumelos a nível local está envolta numa relação de curiosidade e medo que é associada ao desconhecimento relativamente às espécies de fungos, e também ao receio de ingestão de espécies venenosas que podem conduzir à morte. Por esta razão, a colheita destas espécies tem que ser feita por pessoas conhecedoras e carece de um cuidado redobrado.

O passeio inicia-se no Restaurante da Praia das Rocas, local onde são confirmadas as inscrições, e posteriormente, os turistas dirigiam-se à zona florestal da Serra da Lousã. É efetuada uma pequena introdução do tempo de duração do passeio e das práticas adequadas a utilizar para recolher as espécies, por exemplo retirar todo o cogumelo (de modo ter o

espécime completo para a sua identificação) deixando o substrato vegetal no local onde estava depositando os cogumelos num cesto, permitindo a dispersão dos esporos.

Durante o percurso descendente vai-se tomando contato com a natureza e com a sua biodiversidade (figura 34), vão-se verificando as diferenças resultantes dos diversos patamares de altitude, desde as espécies florestais de altitude, como o pinheiro bravo, até outras espécies introduzidas mais recentemente na reflorestação da serra, mas mais adaptadas aos climas frios, que suportam o peso da neve. Chegando à zona mais baixa, junto dos riachos, por caminhos térreos ou trilhos feitos pelos animais, encontramos bétulas, carvalhos e mais esporadicamente loureiros e azevinhos, espécies remanescentes da floresta relíquia. A existência de espécies florestais diferentes fomenta o aparecimento de espécies diferentes de fungos diferentes. (figura 35)



Figura 34- Enquadramento paisagístico de um percurso pedestre

Fonte: Autoria própria

Nos trilhos, os olhos mais atentos iam encontrando vestígios da passagem dos javalis que iam comendo parte de cogumelos, as “piscinas” feitas pelos mesmos ou mais raramente a passagem dos veados. Os participantes durante o seu percurso vão recolhendo diversas espécies que vão encontrando, uma espécie de “caça ao tesouro”, os diferentes formatos e cores dos cogumelos despertam a curiosidade levando à sua recolha para posterior catalogação dos mesmos.



Figura 35- Cesto com algumas espécies micológicas e florísticas recolhidas

Fonte: Elaboração própria

Feita a recolha regressava-se ao espaço do restaurante, onde se juntavam os diversos cestos e eram escolhidos os diversos espécimes recolhidos, figura 36. Fazia-se depois uma introdução à micologia referindo a importância dos fungos (Reino Fungi) para a existência de vida no planeta Terra, pois estes são responsáveis pela manutenção da fertilidade do solo, pela capacidade de desintegrarem espécies vegetais e animais, mineralizando e reciclando os nutrientes. O seu uso em associação permite a criação de espécies vegetais em condições edafoclimáticas desfavoráveis como solos pobres ou com pouca água, sendo importantes na produção de alimento por associação a espécies importantes na alimentação das populações. Os fungos também são usados desde há milhares de anos na produção de cervejas, pão ou queijo.

Às espécies de fungos que formam cogumelos e a que se atribui a nomenclatura de macrofungos pertence na maioria ao filo¹⁰ *Basidiomycota* e a alguns ao filo *Ascomycota*.

A parte que recolhemos a que se chama cogumelo é a parte do organismo responsável pela reprodução do mesmo, sendo a parte vegetativa do fungo formada por um conjunto de minúsculos filamentos que se denominam hifas, cujo conjunto se denomina de micélio, rede minúscula que pode atingir diversos quilómetros. As hifas diferenciam-se dando origem ao corpo frutífero onde se formaram os esporos.

Estes seres vivos podem ser classificados como saprófitas, parasitas ou mutualistas dependendo do modo como recorrem aos nutrientes necessários, pois não têm capacidade de produzir carbono orgânico através da fotossíntese.

Os fungos saprófitos alimentam-se absorvendo substâncias orgânicas normalmente provenientes de matéria orgânica em decomposição. Os fungos parasitas sobrevivem associando-se a seres vivos sendo na maioria das vezes causadores de doenças. Os fungos mutualistas estabelecem ligação com as espécies vegetais, ligação efetuada pelas hifas que se unem às raízes das plantas (micorrizas), recebendo o fungo o resultado da atividade fotossintética das plantas e as espécies vegetais recebem água e sais minerais. De referir que, por vezes, os fungos apresentam maior mutualidade com umas espécies vegetais que outras, por isso se podem encontrar determinadas espécies de fungos unicamente junto ou perto de determinadas espécies de arvenses.

¹⁰ Filo é um dos níveis taxonómicos, assim como Reino, Classe, Ordem, Família, Género e Espécie, usado para classificar os indivíduos. O termo filo corresponde ao nível exatamente abaixo do reino, para a nomenclatura zoológica, enquanto o termo divisão corresponde exatamente ao mesmo nível mas é usado na nomenclatura botânica. *Filo - Knoow*, (2016)

Depois de serem disponibilizadas estas informações, era descrito o corpo frutífero, representado na figura 37, dividido em diversas partes.

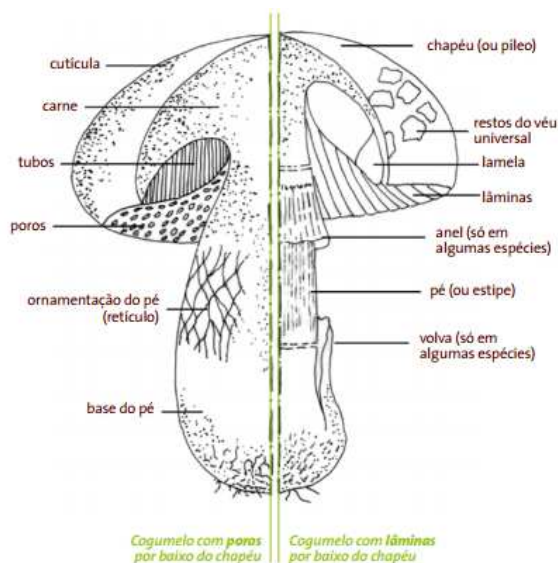


Figura 36- Representação esquemática de dois tipos diferentes de corpos frutíferos

Fonte: Guia do coletor de cogumelos (Silva, Vicente, & Baptista-Ferreira, 2013)

As diferentes características morfológicas dos cogumelos, com as cores o tamanho o formato do chapéu, a existência ou não do anel ou da volva, existência de lâminas, agulhas ou esporos, a existência de latex, etc. levam à diferenciação de uma espécie, o que nem sempre é fácil, já que existem milhares de espécies e algumas ainda não estão nos manuais.

Depois da identificação das espécies comestíveis e não comestíveis procede-se à preparação e limpeza (tendo as diversas espécies metodologias diferentes de preparação) das espécies comestíveis para serem confecionadas. Os participantes podem entrar na cozinha e ajudar na preparação dos diversos pratos, permitindo a aprendizagem de modos de confeção dos cogumelos e fomentando a inovação e interação dos participantes. Na preparação dos pratos dá-se primazia ao uso do azeite, por este manter o sabor natural dos cogumelos.

As diversas receitas vão depois sendo apresentadas aos participantes dando a possibilidade de saborearem o resultado da sua tarefa de recolha.

7.3.3. Confeção de produtos locais

Também associado à vertente gastronómica dos projetos realizados, durante o período de estágio fui colaborando na confeção de produtos gastronómicos, como a referida tarte de Castanheira, queijadas e compotas de diversos cogumelos recolhidos na Serra da Lousã. Desta atividade resultavam produtos para venda ou promoção da empresa junto de diversas entidades, perante as quais a tarte era utilizada como *ex-libris*.

7.3.4. Participação da Praia das Rocas na BTL (Bolsa de Turismo de Lisboa)

A participação na BTL (2015) decorreu de 25 de fevereiro a 1 de março e teve como mote a promoção da Praia das Rocas junto do mais diversificado público e profissionais do setor do turismo, assim serviu para apresentar quais as atividades e equipamentos disponibilizadas pela Prazilândia/ Praia das Rocas, através da projeção de um vídeo promocional, oferta *flyers* e produtos desenvolvidos pela Prazilândia como a Tarte de Castanheira, as queijadas de castanha ou a compota de cogumelos. Tive como funções apresentar os produtos, assim como explicar aos visitantes quais as valências da empresa assim como responder a potenciais dúvidas dos mesmos relativamente à empresa.

7.4. - Análise crítica do Estágio

O estágio decorreu de outubro 2014 a março 2015, na Prazilândia começando a ser desenvolvida nessa data a atividade dos jantares micológicos. Durante o período de estágio colaborei nas diversas atividades para as quais fui solicitada, como os jantares micológicos, formações e passeios temáticos desenvolvidos, assim como na presença da Prazilândia/ Praia das Rocas na Bolsa de Turismo de Lisboa no ano 2015.

A participação nas atividades através da recolha dos ingredientes usados (plantas e cogumelos) na serra da Lousã, sempre com a supervisão do Engenheiro José Pais, possibilitaram conhecer uma parte da serra, algumas das suas espécies de fauna e flora, o que constituiu uma grande oportunidade de aprendizagem através da experimentação e envolvimento nas tarefas. Com esta a atividade tive a possibilidade de visualizar algumas das espécies apontadas nos quadros descritivos da fauna e flora local, verificando o modo como esta se distribui pela serra da Lousã, visualizando por exemplo trilhos de javalis ou até mesmo os veados, a nível de flora verificar a distribuição de espécies como o azevinho ou o loureiro no seio da serra, estas atividades atribuíram ao relatório uma componente prática importante, já que para o desenvolvimento de atividades ecoturísticas é relevante conhecer o território em questão, não só ao nível teórico mas também prático contactando com as realidades desse mesmo território.

As tarefas realizadas em conjunto com o Engenheiro José Pais e Olga Silva concederam a perspetiva da importância da inovação em novos produtos gastronómicos e da reação do cliente às inovações. Estas atividades representaram a autêntica experiência no “superar expectativas” tendo presenciado situações que de outro modo seriam difíceis de descrever como a admiração dos utentes da Universidade Sénior da Sertã ao experimentarem o Arroz de Tudo, do qual faziam parte os saramagos, e que referiram “nunca pensei provar saramagos” apesar de conhecerem bem esta planta. A admiração e felicitação por parte dos comensais dos jantares temáticos, sempre abertos a novas experiências constituíram um motivo de honra pela possibilidade de participar no trabalho desenvolvido. Estas atividades proporcionaram verificar a abertura e motivação por parte dos indivíduos para a participação em atividades ecoturísticas, embora estes valores tivessem sido unicamente observáveis e não quantificáveis, mas podendo vir a ser ponto de averiguação numa futura investigação.

Durante o período de estágio houve a participação na preparação de produto para realização de ficha técnica da Tarte de Castanheira, que teria como objetivo inicial a confeção numa maior escala para ser vendida em diversos pontos, como imagem da doçaria

local e em conjunto com outros produtos locais, perfazendo um cabaz de produtos locais. Esta atividade facultou a sensibilização para a tipologia de procedimento a serem realizados para a comercialização de um produto de carácter gastronómico.

A participação no estágio despertou o interesse por áreas como a micologia e a gastronomia, promovendo a aquisição de mais conhecimento nessas áreas.

O estágio proporcionou a aquisição de conhecimentos essenciais para o complemento da investigação, dando a possibilidade de observar muitos dos recursos existentes no concelho, essenciais para a construção do produto ecoturístico e para dar a perspetiva das lacunas existentes no concelho. O estágio em conjunto com a pesquisa bibliográfica permitiu verificar o ponto de situação do concelho relativamente ao desenvolvimento turístico e ter noção de quais as ações a propor para por em prática a construção de um projeto de renome na área do Ecoturismo. Esta investigação serviu para construção da análise SWOT culminando com o traçado do plano de intervenção.

Do estágio poderia ter surgido também a possibilidade da iniciação do Plano de Intervenção, cenário que não se veio a desenvolver, tendo permitido uma maior aproximação ao estudo e implementação de um projeto de melhoria do ecoturismo no concelho que seria mais pertinente para a empresa, assim como para o Relatório de Estágio no Mestrado de Ecoturismo.

8. Análise SWOT setorial da atividade turística do território

O propósito da utilização da análise SWOT¹¹ prende-se com o interesse em conseguir sumarizar uma realidade existente, proporcionando uma visão holística dessa realidade, baseada em duas tipologias de fatores, os internos (Pontos Fortes e Fracos) figura 38, que podem ser alterados ou influenciados e os externos (Oportunidades e Ameaças) figura 39, que são fatores externos e não são, por isso, controlados pela entidade em análise. Após efetuada a interpretação da SWOT poder-se-á proceder á identificação de uma estratégia para usufruir das vantagens apontadas pelos pontos fortes e oportunidades minimizando os impactes dos pontos fracos e ameaças (Brigs, 1999, p.29).

Com base no trabalho desenvolvido anteriormente, que permitiu um conhecimento aprofundado sobre a realidade turística do concelho, apresentamos de seguida uma análise SWOT. Como foi referido anteriormente, esta ferramenta é muito útil para definir uma estratégia de desenvolvimento tendo por base os fatores internos, ou seja, aqueles que de alguma forma podem ser controlados pela região, e os fatores externos, os que influenciam a realidade, mas são suscetíveis de controlar.

¹¹ SWOT é a sigla dos termos ingleses Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças)

Análise Interna

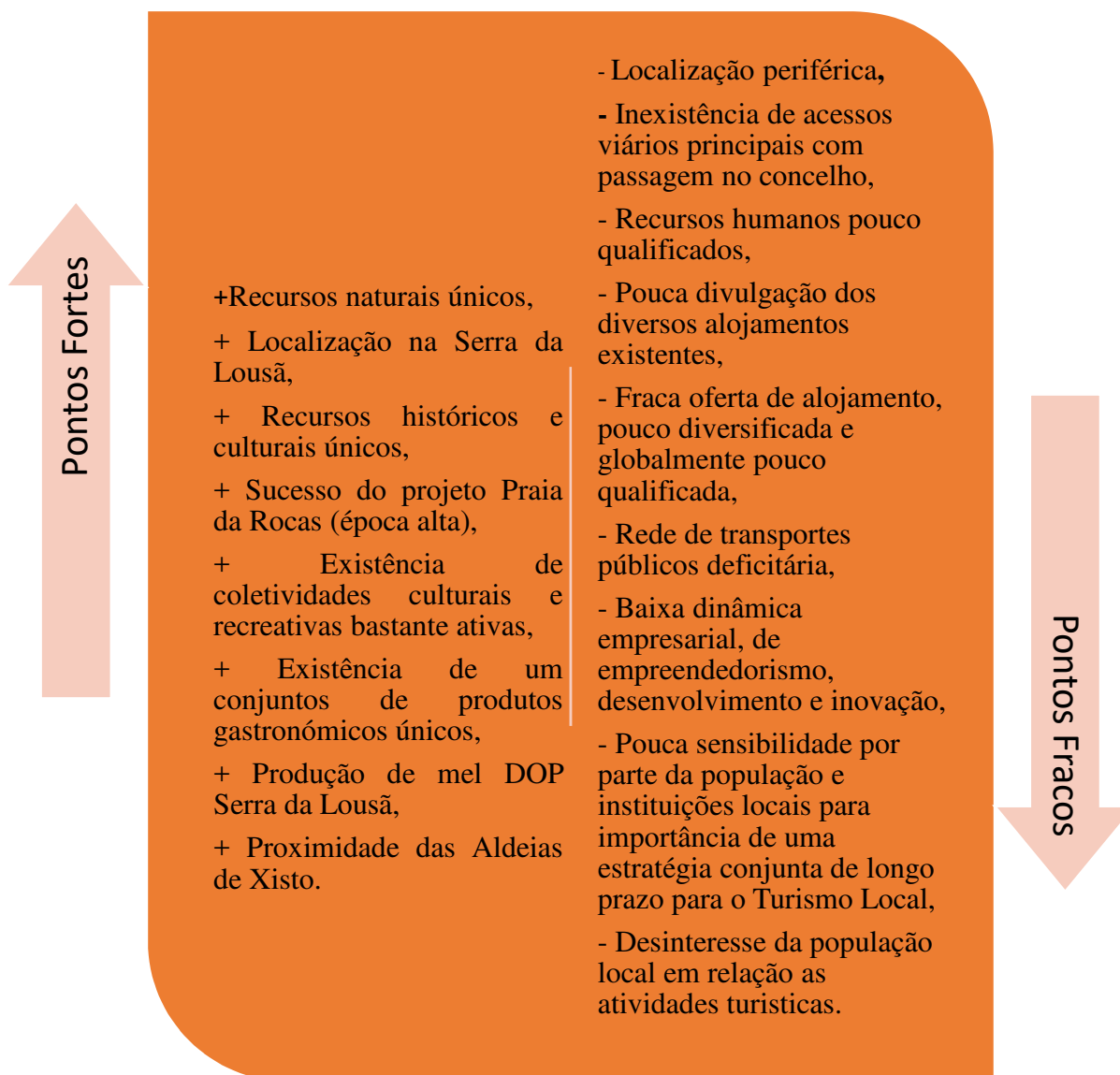


Figura 37 - Análise SWOT- Análise Interna

Fonte: Elaboração própria

Análise Externa

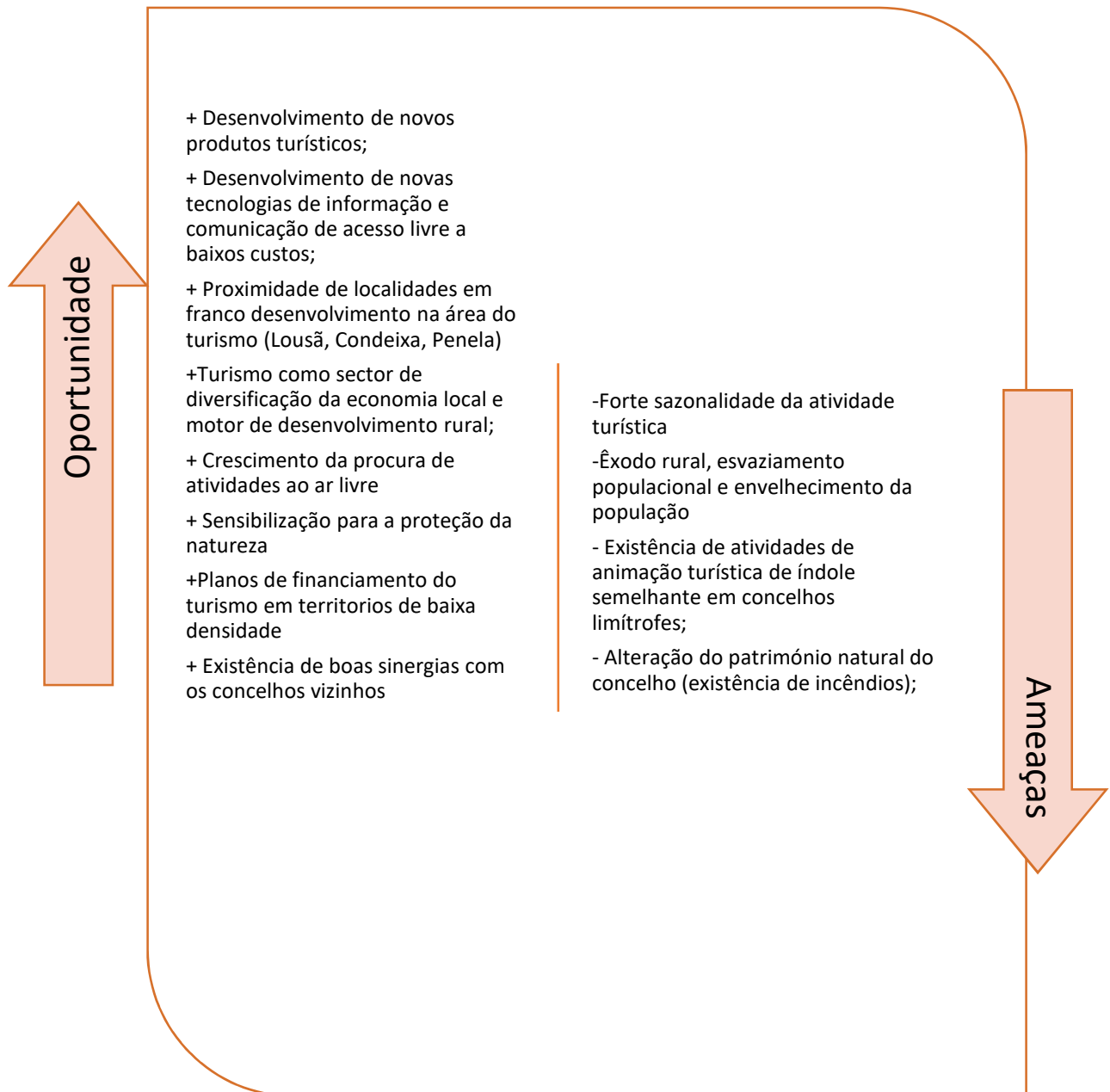


Figura 38- Análise SWOT- Análise Externa

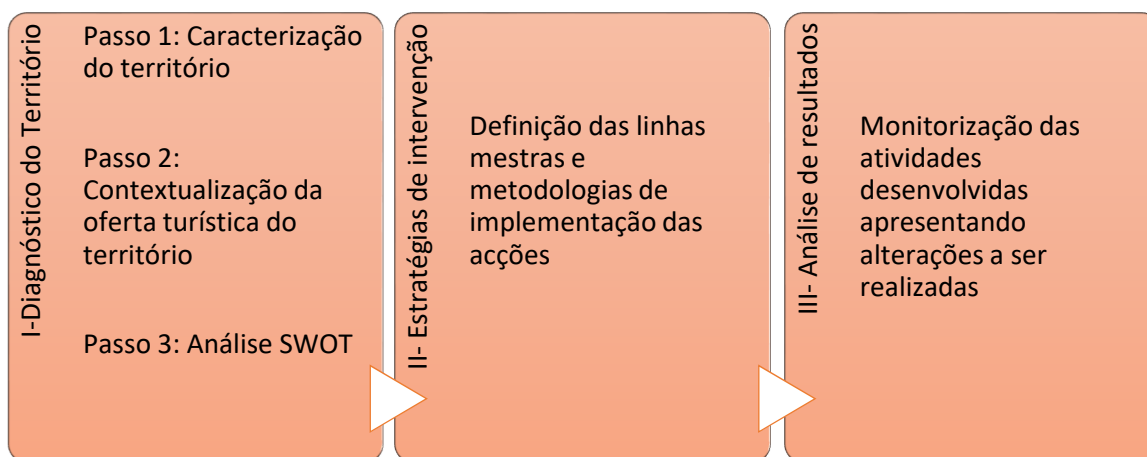
Fonte: Elaboração própria

9. Plano de intervenção de dinamização ecoturística para o concelho de Castanheira de Pêra

Nesta última parte do trabalho, pretende-se identificar um conjunto de propostas, a que chamamos plano de intervenção, baseados nos princípios basilares do ecoturismo e tendo em vista o desenvolvimento do turismo sustentável no concelho.

Para a criação do plano de intervenção ter-se-ão de ter em consideração as diversas etapas, apresentadas no quadro 10:

Quadro 10- Plano de Intervenção ecoturística para o concelho de Castanheira de Pêra



Fonte: Elaboração própria adaptado de Delloite (2015)

A primeira etapa consistiu no diagnóstico do território realizado anteriormente, que permitiu um conhecimento detalhado, em termos da sua caracterização geográfica, socioeconómica, turística, e que permitiu a identificação dos pontos fortes e fracos, das oportunidades e das ameaças – análise SWOT

Assim, esta segunda etapa compreende o plano de intervenção, onde são propostas as estratégias de intervenção (atividades) bem como a metodologia e os objetivos a atingir.

Segundo Inskeep (1991) durante o processo do planeamento deve-se ter em atenção, nomeadamente a avaliação do produto turístico e do mercado existente; a seleção de locais específicos a ser desenvolvidos; a averiguação da viabilidade económica, dos impactes ambientais e socioculturais bem como a análise da capacidade de carga e das relações do projeto com a comunidade e com as relações regionais.

Tendo em conta esta análise procurou-se apresentar um plano de dinamização ecoturística - plano de intervenção, com horizonte temporal de 2018 a 2020, que permitirá a qualificação, diferenciação e inovação da oferta turística, com o intuito de promover o posicionamento competitivo do destino Castanheira de Pêra ao nível ecoturístico. Neste sentido, o objetivo geral deste plano de dinamização consiste na promoção e divulgação dos

diversos valores naturais, patrimoniais e socioeconómicos do concelho tendo em vista um desenvolvimento turístico sustentável.

Para o plano de dinamização/intervenção foram identificados os seguintes objetivos específicos:

- a) Recuperar e revitalizar as infraestruturas
- b) Desenvolver novos produtos ecoturísticos de acordo com os recursos endógenos com benefícios para os agentes locais;
- c) Apostar no marketing e na comunicação como ferramenta de promoção turística do concelho.
- d) Incentivar o empreendedorismo e formação em atividades relacionadas com o ecoturismo.

Depois de definidos os objetivos do plano de dinamização, foram identificadas propostas de ação e respetivas metodologias e /ou recursos a utilizar, bem como a sua calendarização, conforme se apresenta no quadro 11.

A última etapa, relativa à análise de resultados, será posta em prática após a implementação do plano de intervenção. Como em qualquer plano, esta fase é de grande importância na medida em que permite a avaliação e a monitorização dos resultados obtidos e a necessidade de reestruturar e direcionar esforços, verificando quais as atividades que produziram efeitos positivos, quais as que não estão a desenvolver-se de modo previsto e ainda verificar lacunas existentes nas propostas realizadas do plano de intervenção, com a propósito de corrigir e adequar o plano com vista a assegurar a sustentabilidade do projeto.

Como analisámos anteriormente, o ecoturismo é um fenómeno complexo e integra um grande conjunto de atores como os turistas, os residentes, os fornecedores de serviços/produtos, os gestores e múltiplas funções, por vezes com interesses diferentes. Neste sentido, e tal como defendem Lessard *at al* (1999), o ecoturismo envolve um processo contínuo de ações, avaliação, monitorização, investigação e ajustamentos com o objetivo de melhorar a implementação e alcance das metas e resultados.

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

Quadro 11- Proposta de plano de dinamização/intervenção 2018/2020

Proposta de Plano de dinamização/intervenção 2018-2020				
Objetivo Geral: Todo o Plano tem como mote a promoção, divulgação dos diversos valores naturais, patrimoniais e socioeconómicos presentes no concelho perante os diferentes públicos-alvo visando uma prática de sustentabilidade económica, social e ambiental.				
Objetivos	Propostas de ação/ Estratégias	Metodologias/Recursos a utilizar	Público/espacos alvo	Calendarização
Recuperar e revitalizar as infraestruturas existentes	- Requalificação das acessibilidades e das áreas envolventes à Ribeira de Pêra em pontos de interesse naturais ou construídos.	- Melhorar a qualidade de pavimentação das estradas municipais que dão acesso às aldeias mais pitorescas do concelho e a pontos de interesse. Exemplo a ligação ao Trevim/Santo António das Neves/ Poços da Neve - Solicitar às Infraestruturas de Portugal a melhoria dos acessos aos concelhos limítrofes permitindo um maior fluxo de turistas entre os mesmos. - Proceder à limpeza das áreas envolventes à ribeira permitindo o acesso ao curso de água, de acordo com os PARU	Acessos concelhios	2018-2020
	- Promoção da melhoria da rede de transportes, às cidades mais próximas (Coimbra e Leiria) e as sedes	- Realizar acordos entre a Câmara Municipal e empresas de transportes públicos que permitam um acesso mais célere ao concelho de Castanheira de Pêra, de modo que o concelho possa ser visitado não só por quem se desloca usando automóvel, mas fomentando o uso de transportes alternativos como o autocarro, diminuindo a pegada ambiental do uso dos automóveis.	Visitantes e residentes	janeiro-março 2018

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

	de concelho limítrofes			
	- Disponibilização ao público um conjunto de meios de transportes alternativos para visitar o concelho e estimular o uso de transportes mais ecológicos	- Apresentar ao público um serviço de aluguer de bicicletas, este serviço pode ser disponibilizado pela Prazilândia no espaço da Praia das Rocas. - Disponibilizar alternativas às convencionais bicicletas e disponibilizar bicicletas e scooters elétricas. - Criar um ponto de carregamento de veículos elétricos.	Turistas/Visitantes/ Residentes	A partir de abril 2018
	-Elaboração de um plano de sinalética turística para todo o concelho que permita promover a visita dos principais locais com elementos naturais ou patrimoniais com interesse turístico, facilitar a circulação e informação ao turista e identificar	- Afixar painéis informativos de fácil perceção, com uma imagem uniformizada e apelativa em locais de interesse turístico, expondo os principais roteiros e circuitos descrevendo a história, tradição e cultura associada ao património em causa, bem como informações úteis e de condições de visita. Este passo deverá ser efetuado em conjunto com a Prazilândia e uma equipa de consultoria especializada na implementação destes projetos ou usufruindo da parceria existente entre a Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria (CIMRL) e a Universidade de Coimbra e Instituto Politécnico de Leiria.	Espaços de interesse concelhio	janeiro-março 2018

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

	no terreno os principais roteiros e circuitos definidos.			
	- Requalificação do património associado às atividades tradicionais e industriais: moinhos, lagares, poços de gelo e antigas indústrias de lanifícios.	- Proporcionar aos proprietários a possibilidade de requalificar espaços associados às atividades artesanais do concelho de modo a retratar a identidade cultural/social concelhia, formando uma rede de espaços museológicos a integrar a Rede de Museus da Região de Leiria pertencente à CIMRL possibilitando a realização de exposições temporárias itinerantes, conferências, colóquios ou ações de formação acedendo ao financiamento proporcionado pelo CENTRO2020.	Património concelhio	Ano 2018 a 2020
Desenvolver novos produtos ecoturísticos de acordo com os recursos endógenos com benefícios para os agentes locais; ¹²	- Promoção de um conjunto de atividades turísticas visando o ecoturismo	- Realizar de visitas organizadas ao património paisagístico onde é efetuada a interpretação da paisagem e como a paisagem tem vindo a ser usada ao longo do tempo pela população local. - Realizar atividades de colheita castanha/azeitona associando a esta atividade confeção de produtos gastronómicos com a castanha e azeite. Promover a experimentação e participação ativa nas atividades já	Público em geral	Preparação das atividades durante o ano a ser implementadas no ano seguinte De 2018 para 2019 e de 2019 para 2020

¹² Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos (PROVERE)

		<p>que esta proporciona ao turista um maior grau de aprendizado e relacionamento com o património existe.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realizar passeios micológicos e fitológicos - Efetuar <i>workshops</i> fitológicos e que visem apresentar o uso das plantas no dia-a-dia (alimentação ou cosmética) - Propor atividades de formação em apicultura em conjunto com a Lousamel ou PFLOR (Associação dos Produtores e Proprietários Florestais do Concelho de Pedrogão Grande) - Proporcionar a oportunidade de realização de workshops de proteção e preservação de espécies piscícolas existentes nas zonas ribeirinhas, - Proceder à preparação de concursos fotográficos e formações de Fotografia de Natureza a ser promovida pela Prazilândia em conjunto com a Lousitânea. - Proceder á criação de jogos interativos de <i>birdcatching</i>, <i>plantcatching</i> - Proporcionar a possibilidade de realização de festas temáticas, <i>Peddy papers</i>, aulas de atividade física ao ar livre e jogos tradicionais usando o espaço e recursos existentes na Praia das Rocas. 		
--	--	---	--	--

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

	- Realização de acordos com escolas ou centros de atividades de tempos livres	- Implementar um conjunto de atividades educativas de modo a fomentar a frequência regular das crianças ao concelho realizando atividades de consciencialização ambiental, representando uma forma de impulsionar a visita dos familiares.	Crianças e Jovens residentes ou visitantes	Preparar de janeiro de 2018 a junho 2018 para implementar no ano Letivo seguinte, (setembro 2018 a junho 2019) Preparar de setembro a junho para ano letivo seguinte
	- Divulgação de concursos gastronómicos - Provas de novos produtos gastronómicos usando produtos endógenos como o mel, a castanha, as plantas da serra e o azeite.	- Incentivar as unidades de restauração e população do concelho a participar em concursos gastronómicos premiando os melhores produtos e dando a possibilidade de estes serem associados á Marca Castanheira de Pêra - Realizar <i>workshops</i> de culinária com produtos endógenos dando-lhe uma roupagem gourmet estes poderão acompanhados pelas escolas de ensino profissional da região.	Unidades locais de restauração e população residente	Meses de outubro e janeiro de 2018, 2019, 2020
	- Estimulação do fabrico de produtos artesanais dando-lhes novos <i>designs</i> e utilizações (novas	- Produção de produtos para sua posterior apresentação em Feiras e Exposições e venda na Loja da Marca/ Posto de Turismo	População local	Durante todo o ano 2018/2019/2020

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

	aplicações para os tecidos utilizados nos barretes de campino e subprodutos da apicultura)			
	- Promoção da criação de percursos e rotas onde se possa praticar <i>trail</i> , <i>running</i> ou pedestrianismo, integrando percursos pelos antigos e atuais locais de culto e de devoção popular (igrejas/capelas), atividades económicas (lagares, moinhos, antigas fabricas de têxteis) bem como histórias e lendas locais.	-Preparar conjunto de suportes físicos/virtuais a ser utilizadas durante os percursos consoante estes sejam efetuados, com guia ou individualmente e através da disponibilização de materiais adequados como folhetos informativos, guias móveis como <i>smartphones</i> ou GPS usando as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) como suporte. Os guias e folhetos deverão incluir informação técnica sobre as principais características naturais do percurso, esquema com a rota, recomendações, duração, grau de dificuldade, acessos, infraestruturas e serviços de apoio. Este ponto vai ao encontro do projeto “Leiria Terra de Maravilhas” que a aponta para a criação e promoção de rotas turísticas intermunicipais centradas em recursos distintivos, artes, saberes e sabores da Região de Leiria, aliando a componente lúdica de passeio com a possibilidade de observação da fauna e da flora presentes.	Público em geral	Ano 2018

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

<p>Apostar no marketing como ferramenta de promoção turística do concelho.</p>	<p>- Elaboração de um plano de marketing, fundamentado num estudo de mercado aprofundado, permitindo posicionar o concelho enquanto destino turístico perante o mercado interno e externo, assim como assegurar a coerência entre a oferta e a procura, respondendo às expectativas e tendências de consumo, empregando uma comunicação da oferta turística do concelho adequada</p>	<p>- Identificar o público-alvo para o produto ecoturismo</p> <p>- Apontar estudo de <i>benchmarking</i> (locais com similaridades com o concelho onde sejam praticadas atividades de ecoturismo)</p> <p>- Definir os vários pontos do marketing mix, Produto, Preço, Distribuição e Promoção.</p>	<p>Público em geral</p>	<p>Primeiro semestre de 2018</p>
--	--	--	-------------------------	----------------------------------

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

	ao perfil dos turistas.			
	- Conceção de uma marca distintiva para ecoturismo usando por exemplo o “Laínte” como linguagem diferenciadora	- Criar uma imagem forte, inovadora e apelativa, com <i>slogan</i> e logótipo próprios, atribuindo uma imagem positiva do concelho para os residentes e turistas, sendo utilizada por todos as entidades em todos os suportes e meios de comunicação de divulgação turística do concelho aquando a representação em exposições, feiras de turismo e outros eventos e iniciativas de divulgação turística. - Trabalhar a promoção da Marca fazendo a o marketing cruzado em conjunto com a Marca existente, Praia das Rocas caso de sucesso, utilizar o poder da marca Praia das Rocas para publicitar a nova marca. Vendendo por exemplo produtos da Nova Marca durante a época balnear.	Público em geral	Primeiro semestre de 2018
	- Criação de um <i>site</i> de divulgação turística	- Elaborar uma interface de contato online/site funcional e visualmente apelativo de divulgação turística, composto por informação completa e atualizada sobre os atrações, eventos e atividades turísticas oferecidas, preços e caraterísticas dos produtos, métodos de aquisição adaptando-se a um mundo cada mais voltado para o virtual permitindo uma maior rapidez de resposta, simplificação do processo de compra. O <i>site</i> deverá ser desenvolvido em articulação	Público em geral	Primeiro semestre de 2018

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

		com o Turismo do Centro, com o Turismo de Portugal e a Prazilândia.		
	- Divulgação junto dos operadores turísticos o produto para captação de novos públicos	- Organizar reuniões de trabalho e viagens de visita para divulgação da oferta turística do concelho, esta tarefa será aplicada à Prazilândia em conjunto com as empresas turísticas locais.	Operadores e agentes turísticos	Primeiro semestre de 2018
Incentivar o empreendedorismo e formação profissional em atividades relacionadas com o ecoturismo	- Execução de conjunto de ações de formação profissional na área de turismo, certificadas pela DGERT (Direção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho)	- Criar um grupo de programas específicos de formação de atividades turísticas, nomeadamente nas áreas de turismo de natureza, turismo cultural, de animação e eventos, de restauração e hotelaria de consonância com as necessidades concretas das empresas de forma a adaptarem-se melhor às constantes alterações do mercado, estas formações permitiram a sensibilização da população e instituições locais para importância de uma estratégia de qualificação dos recursos humanos como base fundamental para um turismo sustentável. As formações no espaço da Prazilândia podem ser atribuídas ao IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional) e ao LPN (Liga para a Proteção da Natureza), Escola Superior Agrária de Coimbra e QUERCUS	Público diversificado (Profissionais do sector turismo, desempregados do concelho e limítrofes)	Anualmente
	- Promoção o empreendedorismo	- Efetuar programas de incentivo à criação e dinamização de projetos ou atividades turísticas		De 2018 a 2020

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

	local associado a atividades turísticas	inovadoras, facultando consultoria e apoio à implementação dos novos projetos recorrendo ao PROGRAMA + EMPRESAS - Programa Intermunicipal de apoio à criação de emprego por conta própria, ao microempreendedorismo e à criação de empresas-apoio empreendedorismo e ao PROGRAMA + EMPRESAS - Programa Intermunicipal apoio à criação de emprego por conta própria, ao microempreendedorismo e à criação de empresas -apoio microempresas proporcionado pela CIMRL, Turismo de Portugal em conjunto com as instituições de crédito aderentes ¹³ e o Grupo de Ação Local (GAL) Pinhais do Zêzere ¹⁴		
		- Executar concurso de ideias por parte de alunos do concelho e dos concelhos vizinhos, conduzindo ao envolvimento das faixas etárias mais jovens e proporcionando-lhes uma maior sensibilização para o sector do ecoturismo, tendo como prémios atribuídos, atividades na praia da Rocas estes concursos serão fomentados pela Prazilândia e Escolas e Agrupamentos de Escolas	Comunidade escolar local e de concelhos limítrofes	Segundo período letivo

¹³(Turismo de Portugal, 2016)

¹⁴ Função do GAL apoiar a criação do próprio emprego ou empresa por desempregados ou inativos que pretendam voltar ao mercado de trabalho e o investimento para a expansão de pequenas e microempresas existentes de base local ou para a criação de novas empresas e pequenos negócios, designadamente na área da valorização e exploração de recursos endógenos, do artesanato e da economia verde, que sejam geradores de novos empregos, além da conservação, proteção, promoção e desenvolvimento do património natural e cultural.(“DLBC - Desenvolvimento Local de Base Comunitária,” 2016)

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

	- Criação de incentivos à fixação de empresas turísticas	- Implementar um programa de incentivos à fixação de empresas na área do turismo, composta por uma linha de apoio financeira para o sector, suporte para agilização dos processos de licenciamento, serviços técnicos municipais e assistência à realização de candidaturas para acesso a sistemas de incentivos financeiros às atividades turísticas, sendo apoiado pela Câmara Municipal de Castanheira de Pêra em conjunto com a Pinhais do Zêzere	Tecido empresarial	2018-2020
	- Execução de parcerias com outros concelhos de baixa densidade	- Fomentar um sistema de parcerias para promoção e partilha de experiências de modo a possibilitar uma intervenção mais ativa em matéria de política e instrumentos de promoção conjunta do desenvolvimento turísticos destas comunidades, exemplo dos projetos mencionados por Carvalho (2009) em territórios de baixa densidade como são as Aldeias Vinhateiras do Douro (Norte), as Aldeias Históricas de Portugal (Centro), as Aldeias do Xisto (Centro), as Aldeias de Água (Alentejo), as Aldeias com Castelo e Património (Alentejo), as Aldeias de Mina (Alentejo), as Aldeias do Algarve (Algarve)	Concelho e outros concelhos baixa densidade	2018-2020

Conclusão

Tendo em consideração os diversos aspetos investigados no que concerne a prática do ecoturismo terá que existir uma cada vez maior sensibilidade por parte dos agentes planeadores e *stakeholders* para proceder ao desenvolvimento das atividades turísticas assentando nas premissas do turismo sustentável, tendo em conta todos os efeitos negativos e positivos que são implementados no território (solos, biodiversidade, estruturas, pessoas) e tomando medidas para amenizar os efeitos negativos já inferidos, de modo a não chegar a pontos de rutura do território, não pensando só no turismo como atividade geradora de rendimentos e importante no desenvolvimento económico.

Considerando a definição atribuída pela TIES (2015) que menciona que o ecoturismo são “viagens responsáveis a áreas naturais conservando o meio ambiente, sustentando o bem-estar das populações locais, envolvendo a interpretação e educação (dos visitantes e funcionários)”, dever-se à ter consideração não só as indicações anteriores no que se concerne à sustentabilidade, mas ter em consideração que a população residente e o visitante são elementos fundamentais no sucesso da prática do ecoturismo, para tal na prática do ecoturismo será fulcral que a população local tenha competências para dar a conhecer o território e seus recursos, estando sensibilizados e fomentando a sua preservação. É significativo estimular práticas para dar a conhecer os territórios aos visitantes fazendo com que estes desenvolvam o seu aprendizado, com o máximo de atividades multissensoriais, podendo ouvir, cheirar, ver, provar e mexer, de modo a identificar-se com o território sentindo-se um pouco também parte dele, e sendo despertados para a participação na proteção do mesmo.

No entanto, para o sucesso dos esforços há que ter em conta o planeamento estratégico e seguir as diretivas apontadas a nível nacional e internacional, diretivas estas que cada vez mais estão focadas na sustentabilidade, e não pensar nas orientações como um entrave à realização de projetos e no termo sustentabilidade como um chavão frequentemente usado em termos teóricos, mas sem demais interesses. O planeamento na área de turismo permitirá assim um desenvolvimento ordenado com olhos no futuro e não algo a curto prazo, orientando estratégias para o desenvolvimento e inovação, valorização da oferta, qualificação dos recursos humanos e apoio ao investimento, recorrendo às entidades publicas em conjunto para coordenar os esforços para este desfecho.

O estágio realizado deu a conhecer uma realidade até então desconhecida, por falta de conhecimento pessoal do concelho em questão. Este período permitiu obter importante conhecimento empírico, participar nas atividades realizadas, interagir com os indivíduos, averiguar na primeira pessoa os aspetos positivos e negativos das atividades realizadas e apontar melhorias, participar em tomadas de decisões e orientar as atividades sempre que necessário. Todas estas participações foram importantes para complementar o relatório e a sua fundamentação científica, mas também com intuito de servir de aprendizagem para aplicação em situações futuras. O estágio permitiu também observar o interesse, a expectativa e a descoberta despertados pelas atividades realizadas, nos participantes.

Já o estudo de caso, permitiu a análise de diversos aspetos do concelho, conseguindo compreender o seu estado de desenvolvimento, o seu enquadramento histórico, conhecendo as suas gentes, a sua gastronomia, os seus saberes, através da vivência.

Deste modo, este estudo está fundamentado não só numa base científica resultante da pesquisa bibliografia, mas também na experiência e conhecimento adquiridos durante o período de estágio. Foi verificado que pouco está a ser realizado fora da gestão da empresa Prazilândia a nível de atividades ecoturísticas.

O concelho de Castanheira de Pêra apresenta um conjunto de recursos naturais e culturais, que lhe conferem uma identidade muito própria, possibilitando a promoção do território associado aos princípios de Ecoturismo.

Por outro lado, Castanheira de Pêra para se apresentar como destino ecoturístico deverá trabalhar em conjunto com outros territórios limítrofes com características semelhantes (outros territórios de baixa densidade) de modo a criar uma estratégia mais robusta e que possa ter maior visibilidade por parte dos turistas.

O concelho, apesar de deter um importante conjunto de características naturais, culturais e ambientais, ainda não conseguiu tirar proveito dessa identidade, necessitando de mobilizar esforços a curto prazo para que o território se desenvolva de forma equilibrada ao longo de todo o ano e não apenas no período estival. e que o concelho não tem uma política robusta de desenvolvimento turístico. Apesar do seu reconhecimento como um destino de verão, sol e praia, resultante da existência do complexo da Praia das Rocas, é necessário desenvolver estratégias de desenvolvimento de produtos e atividades turísticas diferenciadas das existentes de modo a potenciar o desenvolvimento sustentável da atividade turística e atenuar o fenómeno da sazonalidade.

Para o sucesso do projeto Castanheira de Pera como destino de ecoturístico será necessário o envolvimento de todos os atores locais, e também a confluência de recursos

financeiros e humanos visando diminuir os fatores negativos e potenciando os positivos como a melhoria da qualidade de vida da população residente, diminuição de problemáticas como o desemprego e a desertificação do território, manutenção e promoção de áreas protegidas. Para isso, é necessário desenvolver uma estratégia baseada em metodologias sustentáveis visando a viabilidade económica e sociocultural e tendo sempre presente o envolvimento e a participação da comunidade local.

O ecoturismo no concelho deverá ter como enfoque complementar, melhorar e qualificar os serviços e produtos existentes visando promover o concelho no território nacional, mas também no território espanhol ou outros territórios que tenham mais propensão a usufruir de atividades ecoturísticas.

O plano de intervenção de dinamização ecoturístico proposto permitiria orientar para o alcance das diretivas referidas anteriormente, no entanto apesar da possibilidade de ser colocado em prática teria de reunir um grande conjunto de esforços não só a nível municipal, mas a nível regional e quiçá nacional, na estruturação de equipas especializadas para análise e implementação de outras temáticas ligadas por exemplo, às obras públicas, ao marketing e à gestão de recursos humanos, com o intuito de realizar os procedimentos de uma forma adequada à realidade. No entanto a criação destas equipas e posteriores estudos e implementações levariam à necessidade de uma maior dimensão temporal do que a prevista em muitos dos projetos, pela morosidade que está associada a muito destes procedimentos. O outro elemento primordial para a realização de qualquer projeto é a alocação de recursos financeiros, e tratando-se Castanheira de Pêra um concelho de pequenas dimensões (a nível populacional) os recursos que são distribuídos ao concelho possivelmente serão menores que em concelhos de maiores dimensões, daí haver a necessidade de reunir esforços para captar para o concelho o investimento necessário para levar a cabo as propostas efetuadas, seria imprescindível que houvesse uma equipa multidisciplinar para compor propostas para desencadear a atribuição desses fundos, recorrendo às entidades que têm a gestão destes recursos, como seriam o Turismo do Centro encabeçado pelo Turismo de Portugal, Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria, a CCDR-C, IEFPP entre outros.

Na realização deste estudo as limitações prenderam-se essencialmente com a débil existência de dados estatísticos referentes à procura turística, dispersão e falta de tratamento de dados, permitindo efetuar a análise qualitativa de alguns dados e assim definir um público-alvo, inviabilizando a apresentação de propostas mais adequadas às suas necessidades e preferências. Deste modo numa investigação futura deverá ser considerada a aplicação de metodologias qualitativas que permitam para além de determinar o indicador

anterior, investigar a predisposição dos visitantes para a participação em atividades ecoturísticas, assim como, perante a população local verificar qual a opinião que têm relativamente à do ecoturismo no concelho e se consideram que este tem capacidade para potenciar o seu território. Apesar destas recomendações considera-se que nesta fase de investigação a metodologia aplicada foi a mais adequada.

Fontes de informação e referências bibliográficas

Agüera, F. O. (2014). Los impactos económicos, sociales y medioambientales negativos en el ecoturismo: una revisión de la literatura. *Nómadas: Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas*, Vol. 42, 2, pp.139-148.

Antunes, A. M. (2012). *O ecoturismo como valorização do território: Contributos para aumento da oferta turística existente na comunidade intermunicipal do médio Tejo*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Baldios da Lousã. (2015). *Quem somos*. Disponível em: <http://www.baldioslousa.com/sobre-nos/>

Barreto, K. (2004). *Monografia do concelho de Castanheira de Pêra*. (3ª edição). Castanheira de Pêra: Câmara Municipal de Castanheira de Pêra.

Benbasat, I., Goldstein, D., Mead, M. (1987, setembro). The case research strategy in studies of information systems. *MIS Quarterly*, Vol. 11, 3, pp. 368-386

Bento, A. (2012, abril). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade?. *Revista JA* (Associação Académica da Universidade da Madeira), 64, ano VII, pp. 40-43

Brigs, S. (1999). *Marketing para o turismo no século XXI*. (1ª edição). Mem Martins: CETOP

Buckley, R. C. (2001). Environmental Impacts. In Weaver. D. (Ed.), *The encyclopedia of ecotourism* (p. 379). London: CABI Publishing.

Buckley, R. C., & Clough, E. (1997). Who is selling Ecotourism to whom? *Annals of Tourism Research*, 24,(2), 479–480. [http://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)80025-4](http://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)80025-4)

Carvalho, P. (2009). Planeamento, Turismo e Património em Territórios de Baixa

Densidade. *Biblos: Revista da Faculdade de Letras de Coimbra*, 7, 483-504. Doi: http://doi.org/10.14195/0870-4112_7_22

Castro, S. (2009). *Micoturismo-Enquadramento Estratégico em Áreas Protegidas*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.

Ceballos, L. H. (1987). The future of ecotourism. *México Journal*, 1(1987), 1.

CIC.(2015). *Deliberação da CIC Portugal 2020: Classificação de Municípios de baixa densidade para aplicação de medidas de diferenciação positiva dos territórios* [Em linha][Consult. 17 outubro 2016]. Disponível em <https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Legislacao/Deliberacoes-CIC/Db-CIC-Terr-Baixa-Densidade-26Mar2015.pdf>

CIMRL. (2015). *Pacto para o desenvolvimento e coesão territorial para a região de Leiria no período 2014-2020* [Em linha] [Consult. 9 março. 2016]. Disponível em https://ww2.cimregiaodeleiria.pt/files/Documentto_Final_Pacto_CIMRL_set2015.pdf março/2017

Coccossis, H. (1996). Tourism and Sustainability: Perspectives and Implications. In Priestley, G.; Edwards, J; Coccossis, H. *Sustainable Tourism? European Experiences* (p. 1). Wallingford, UK: CAB International.

Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas* (2ª Ed). Coimbra: Almedina

CMCP. (2011) *Plano municipal de defesa da floresta contra incendios de Castanheira de Pêra* http://www.cm-castanheiradepera.pt/images/upload/pdf-files/obras/rev-pdm/CADERNO%20I_PLANO%20DE%20ACCAO.pdf

CMCP. (2014). *Plano Diretor Municipal de Castanheira de Pêra*. [Em linha] [Consult. 18 março. 2016]. Disponível em <http://www.cm-castanheiradepera.pt/pdm.asp>

Cunha, L. (2001). *Introdução ao Turismo*. (2ªEd). Lisboa: Editora Verbo

Cunha, L. (2003). *O Turismo Português: Evolução e Perspectivas*. (1ª Ed). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

DGT(2015) *Uma visão integrada para o território*. Lisboa: Direção Geral do Território.

Decreto-Lei nº 137/2014 de 12 de setembro. *Diário da República nº 176*, Série I. Presidência de conselho de ministros. Lisboa

Delloite Consultores S.A. (2015). *Plano de Intervenção para o Turismo Equestre no Alentejo e Ribatejo Estratégia de consolidação Índice*. [Em linha][Consult. 4 jan. 2017] https://www.visitalentejo.pt/fotos/editor2/Quem%20somos/estrategia_de_consolidacao_final.pdf.

Despacho 8864/2013 de 8 de julho. *Diário da República nº 129*, Série II. Ministério da economia e do emprego. Lisboa.

Dinis, S. (2005). *O ecoturismo: um instrumento para o desenvolvimento sustentável?* (Tese de Mestrado) Universidade Técnica de Lisboa

DLBC (2016). *Desenvolvimento Local de Base Comunitária*. [Em linha][Consult. 23 mar. 2017]. Disponível em <http://www.centro.portugal2020.pt/index.php/dlbc-desenvolvimento-local-de-base-comunitaria>>.

Gama, R, Barros, C. (2009) Marketing territorial como instrumento de valorização dos espaços rurais: uma aplicação na rede das Aldeias de Xisto. *Cadernos de Geografia*, 28/29. pp. 93-106

E.U.(2016). *EUROPA - Regulamentos, diretivas e outros atos legislativos*. [Em linha][Consult. 20 nov. 2016]. Disponível em WWW:<URL:https://europa.eu/european-union/law/legal-acts_pt>.

Fennell, D. A. (2008). *Ecotourism* (1ª ed.). London: Taylor&Francis Group.

Ferretti, E. R. (2002). *Turismo e Meio Ambiente*. (1ª Ed.). São Paulo: E. R. LTDA

Flora-On: Flora de Portugal Interactiva. (2014) Sociedade Portuguesa de Botânica.
Disponível em: www.flora-on.pt

Fonseca, R.(2012). *Metodologia do trabalho científico* (1ª Ed.). Curitiba: IESDE Brasil

Hetzer, W. (1965) Environment, tourism, culture. *Links* (July), pp. 1-3

ICNF(2016) *Sítio de interesse comunitário da Serra da Lousã* [Em linha][Consult. 27 julho 2016]. Disponível em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/resource/docs/sic-cont/serra-da-lousa>

Inskeep, E. (1991). Planning Urban and Other Forms of Tourism. In Inskeep (Ed.), *Tourism Planning* (pp. 237–245). New York: V. N. Reinhold

INE (2016). *Estatísticas do Turismo 2015*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P. [Em linha][Consult. 13 outubro 2016]. Disponível em https://ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=265863749&att_display=n&att_download=y

Jardim Botânico UTAD (n.d.). *Prunus lusitanica*. [Em linha] [Consult. 15 abr. 2016]. Disponível em https://jb.utad.pt/especie/prunus_lusitanica.

Lei nº 58/98 de 18 de agosto. *Diário da República n.º 189/98*, Série I-A. Empresas Municipais, Intermunicipais e Regionais. Lisboa

Lei nº 107/2001 de 8 de setembro. *Diário da República n.º 209*, Série I-A, Estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural. Lisboa

Lei n.º 33/2013, de 16 de maio. *Diário da República n.º 94*, Série I, estabelece o regime jurídico das áreas regionais de turismo de Portugal continental, a sua delimitação e características, bem como o regime jurídico da organização e funcionamento das entidades regionais de turismo

Lessard, G., Jensen, M., Crespi, M. and Bourgeron, P. (1999) *A general framework for integrated ecological assessments*. In: Cordell, H.K. and Bergstrom, J.C. (eds) *Integrating Social Sciences with Ecosystem Management*, Champaign, Illinois: Sagamore Publishing

Lindberg, K. (2001). Economic Impacts. In D. B. Weaver (Ed.), *The Encyclopedia of Ecotourism* (p. 363). Wallingford, UK: CABI Publishing

Lousitânea (n.d.). Liga de Amigos da Serra da Lousã | Aldeias do Xisto. [Em linha] Disponível em <http://aldeiasdoxisto.pt/entidade/211>

Martínez-roget, F., Carlos, J., Núñez, E. (2015) Chaves do êxito do Turismo em Espaço Rural (TER): evidências a partir da lealdade turística na Rede das Aldeias do Xisto. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais (RPER)*, 40, pp.65-81

Naturlink(2016) *A ligação à Natureza*. Disponível em <http://naturlink.pt/>

OMT. (2016). *Definition | Sustainable Development of Tourism*. [Em linha][Consult. 28 nov. 2016]. Disponível em <http://sdt.unwto.org/content/about-us-5>.

Programa Bandeira Azul | Associação Bandeira Azul da Europa. (n.d.). *Património Natural e Cultural* [Em linha] [Consult. 15 nov. 2016]. Disponível em <http://bandeiraazul.abae.pt/plataforma/index.php?p=theme&s=patrimonio>.

PORDATA (2016) *Quadro-resumo: Castanheira de Pêra* [Em linha] [Consult. 19 março 2016]. Disponível em [http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Castanheira+de+Pêra+\(Município\)-6897](http://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Castanheira+de+Pêra+(Município)-6897)

PORDATA. (2016). *Balança de viagens e turismo - Portugal*. [Em linha] [Consult. 14 abr. 2016]. Disponível em <http://www.pordata.pt/Portugal/Balança+de+viagens+e+turismo-2583>

Portugal2020 (n.d.). *O que é o Portugal 2020*. [Em linha] [Consult. 16 maio 2017]. Disponível em <https://www.portugal2020.pt/Portal2020/o-que-e-o-portugal2020>

Praia das Rocas (2015) *Praia das Rocas*. Disponível em <http://www.praiadasrocas.com/>
Prazilândia, Turismo e Ambiente E.M. (n.d.). *Entidade gestora Prazilândia* [Em linha] [Consult. 20 out. 2015]. Disponível em <http://www.prazilandia.pt>.

Sánchez, S., López. T. (2012) - Gastronomy as a tourism resource: profile of the culinary tourist. *Current Issues in Tourism*. 15, (3), 229–245. Doi:10.1080/13683500.2011.589895

Scheyvens, R., & Scheyvens, R. (1999). Ecotourism and the Empowerment of Local Communities Ecotourism and the empowerment of local communities. *Tourism Management*. 20, (2), 245–249. [http://doi.org/10.1016/S0261-5177\(98\)00069-7](http://doi.org/10.1016/S0261-5177(98)00069-7)

Silva, A. P., Vicente, H. P., & Baptista-Ferreira, J. (2013). *Guia do Colector de Cogumelos - para os cogumelos silvestres comestíveis com interesse comercial em Portugal*. Disponível em www.icnf.pt/portal/agir/boapratric/resource/doc/guia-colet-cog

Turismo do Centro (2015) *Anuário Estatístico do Centro 2014*, INE, Lisboa.

Turismo de Portugal. (2014). *Para O Desenvolvimento Do Turismo Em Portugal. Turismo 2020*. [Em linha] Disponível em http://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Turismo2020_Parte I_mercados - SWOT.pdf.

Turismo de Portugal. (2016). *Linha de apoio à qualificação da oferta*. [Em linha] [Consult. 17 mar. 2017]. Disponível em www.turismodeportugal.pt/Português/ÁreasAtividade/ApoioaoInvestimento/Documents/FICHA LINHA DE APOIO À QUALIFICAÇÃO DA OFERTA 2016.pdf.

Turismo Portugal IP. (2014). *Turismo 2020- Plano de acção para o Turismo e Desenvolvimento de Portugal 2014-2020*. [Em linha] [Consult. 21 novembro 2016]. Disponível em http://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Turismo2020_Parte%20I_mercados%20-%20SWOT.pdf

Turismo de Portugal (2016) Registo Nacional de Empreendimentos Turísticos [Em linha] [Consult. 20 outubro 2016] Disponível <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNET/Registos.ConsultaRegisto.aspx?Origem=CP&MostraFiltro=True>

Turismo de Portugal (2016) Registo Nacional de Alojamento Local [Em linha] [Consult. 20 outubro 2016] Disponível em [RNALhttps://rnt.turismodeportugal.pt/RNAL/ConsultaRegisto.aspx?Origem=CP&FiltroVisivel=True](https://rnt.turismodeportugal.pt/RNAL/ConsultaRegisto.aspx?Origem=CP&FiltroVisivel=True)

Ventura, S. (2010) *Góis: Bases para um Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo*. (Tese mestrado). Escola Superior de hotelaria e Turismo do Estoril.

Via Michelin (n.d) *Via Michelin mapas e itinerários*. Disponível em: <https://www.viamichelin.pt/>

Wearing, S. (2001). Exploring Socio-Cultural Impacts on Local Communities. In D. B. Weaver (Ed.), *The Encyclopedia of Ecotourism* (p. 395). Wallingford, UK: CABI Publishing.

TIES (n.d.) *What is ecotourism* [Em linha] [Consult. 27 nov. 2016] Disponível em <http://www.ecotourism.org/what-is-ecotourism>

TIES (n.d.). *Who are eco-tourists?* [Em linha] [Consult. 28 nov. 2016]. Disponível em www.ecotourism.org/book/who-are-eco-tourists.

TIES (n.d.) How has ecotourism evolved over the years?[Em linha] [Consult. 21 março 2016]. Disponível em <https://www.ecotourism.org/book/how-has-ecotourism-evolved-over-years>

Trans Serrano (n.d) *Historial*. [Em linha] [Consult. 15 nov. 2016]. Disponível em <http://www.transserrano.com/historial>.

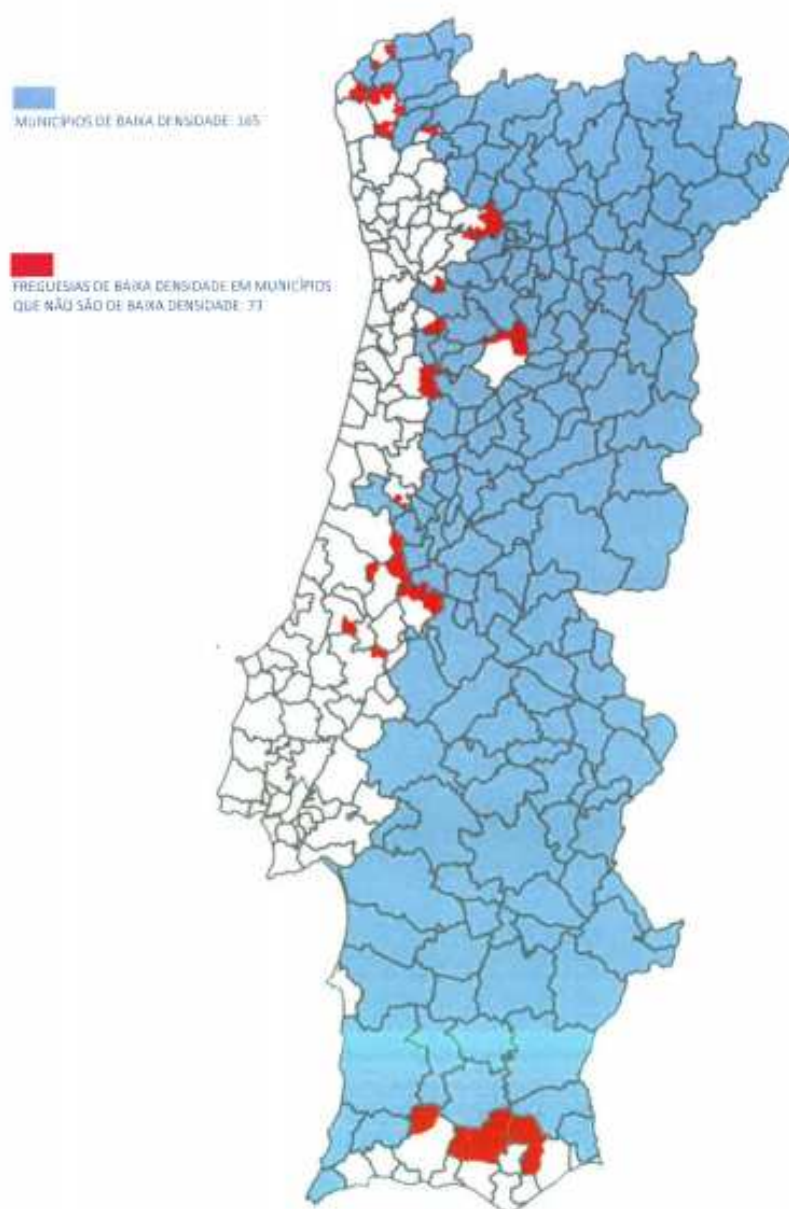
WTTC (2016) *Redefine Tourism*. [Em linha] [Consult. 28 novembro 2016].Disponível em <http://www.wttc.org/mission/tourism-for-tomorrow/redefine-tourism/>

ANEXOS

Anexo I- Estatísticas do turismo no centro 2015



Anexo II- Mapa e tabela das regiões com denominação de territórios de baixa
densidade



MUNICÍPIOS DA BAIXA DENSIDADE			
1	Abrantes	41	Celorico de Basto
2	Aguar da Beira	42	Chamusca
3	Alandroal	43	Chaves
4	Alcácer do Sal	44	Cinfães
5	Alcoutim	45	Constância
6	Alfândega da Fé	46	Coruche
7	Aljô	47	Covilhã
8	Aljezur	48	Crato
9	Aljustrel	49	Cuba
10	Almeida	50	Elvas
11	Almodôvar	51	Estremoz
12	Alter do Chão	52	Évora
13	Alvaiázere	53	Fafe
14	Alvito	54	Ferreira do Alentejo
15	Ansião	55	Ferreira do Zêzere
16	Arcos de Valdevez	56	Figueira de Castelo Rodrigo
17	Arganil	57	Figueiró dos Vinhos
18	Armamar	58	Fornos de Algodres
19	Arouca	59	Freixo de Espada à Cinta
20	Arraiolos	60	Fronteira
21	Arronches	61	Fundão
22	Avis	62	Gavião
23	Balão	63	Góis
24	Barrancos	64	Gouveia
25	Beja	65	Grândola
26	Belmonte	66	Guarda
27	Borba	67	Idanha-a-Nova
28	Boticas	68	Lamego
29	Bragança	69	Lousã
30	Cabeceiras de Basto	70	Mação
31	Campo Maior	71	Macedo de Cavaleiros
32	Carrizeda de Ansiães	72	Mangualde
33	Carregal do Sal	73	Mantelgas
34	Castanheira de Pêra	74	Marvão
35	Castelo Branco	75	Meda
36	Castelo de Vide	76	Melgaço
37	Castro Daire	77	Mértola
38	Castro Marim	78	Mesão Frio
39	Castro Verde	79	Miranda do Corvo
40	Celorico da Beira	80	Miranda do Douro

MUNICÍPIOS DA BAIXA DENSIDADE	
81	Mirandela
82	Mogadouro
83	Molimenta da Beira
84	Monção
85	Monchique
86	Mondim de Basto
87	Monforte
88	Montalegre
89	Montemor-o-Novo
90	Mora
91	Mortágua
92	Moura
93	Mourão
94	Murça
95	Nelas
96	Nisa
97	Odemira
98	Oleiros
99	Oliveira de Frades
100	Oliveira do Hospital
101	Ourique
102	Pampilhosa da Serra
103	Paredes de Coura
104	Pedrógão Grande
105	Penacova
106	Penalva do Castelo
107	Penamacor
108	Penedono
109	Peneja
110	Peso da Régua
111	Pinhel
112	Ponte da Barca
113	Ponte de Sor
114	Portalegre
115	Portel
116	Póvoa de Lanhoso
117	Proença-a-Nova
118	Redondo
119	Reguengos de Monsaraz
120	Resende
121	Ribeira de Pena
122	Sabrosa
123	Sabugal
124	Santa Comba Dão
125	Santa Marta de Penaguião
126	Santiago do Cacém
127	São João da Pesqueira
128	São Pedro do Sul
129	Sardoal
130	Sátão
131	Sela
132	Sernancelha
133	Serpa
134	Sertão
135	Sever do Vouga
136	Soure
137	Sousel
138	Tábua
139	Tabuaço
140	Tarouca
141	Terras de Bouro
142	Tondela
143	Torre de Moncorvo
144	Trancoso
145	Valpaços
146	Vendas Novas
147	Viana do Alentejo
148	Vidigueira
149	Vieira do Minho
150	Vila de Rei
151	Vila do Bispo
152	Vila Flor
153	Vila Nova da Barquinha
154	Vila Nova de Cerveira
155	Vila Nova de Foz Côa
156	Vila Nova de Paiva
157	Vila Nova de Poiares
158	Vila Pouca de Aguiar
159	Vila Real
160	Vila Velha de Ródão

MUNICÍPIOS DA BAIXA DENSIDADE

161	Vila Verde
162	Vila Viçosa
163	Vimioso
164	Vinhais
165	Vouzela

FREGUESIAS DE BAIXA DENSIDADE EM MUNICÍPIOS QUE NÃO SÃO DE BAIXA DENSIDADE

Águeda

União das freguesias de Belazaima do Chão, Castanheira do Vouga e Agadão
União das freguesias do Prêstimo e Macieira de Alcoba

Amarante

Ansães
Candemil
Gouveia (São Simão)
Jazente
Rebordelo
Salvador do Monte
União das freguesias de Aboadela, Sanche e Várzea
União das freguesias de Bustelo, Carneiro e Carvalho de Rei
União das freguesias de Olo e Canadelo
Vila Chã do Marão

Amares

Bouro (Santa Marta)
Goães
União das freguesias de Caldelas, Sequeiros e Paranhos
União das freguesias de Vilela, Seramil e Paredes Secas

Caminha

Dem
União das freguesias de Arga (Baixo, Cima e São João)
União das freguesias de Gondar e Orbacém

Castelo de Paiva

Real

Condeixa-a-Nova

Furadouro

Guimarães

União das freguesias de Arosa e Castêlões

Loulé

Alte
Ameixial
Salir
União de freguesias de Querença, Tôr e Benafim

FREGUESIAS DE BAIXA DENSIDADE EM MUNICÍPIOS QUE NÃO SÃO DE BAIXA DENSIDADE

Marco de Canaveses

Várzea, Alviada e Folhada

Ourém

Espite

União das freguesias de Freixianda, Ribeira do Fárrio e Formigais

União das freguesias de Matas e Cercal

União das freguesias de Rio de Couros e Casal dos Bernardos

Pombal

Abiul

Ponte de Lima

Anais

Ardegão, Freixo e Mato

Associação de freguesias do Vale do Neiva

Bárrio e Cepões

Beiral do Lima

Boalhosa

Cabaços e Fojo Lobal

Cabração e Moreira do Lima

Calheiros

Estorãos

Friastelas

Gemicira

Gondufe

Labruja

Labrujó, Randufe e Vilar do Monte

Navió e Vitorino dos Piães

Poiães

Serdedeiro

Porto de Mós

São Bento

Santarém

União das freguesias de Casével e Vaqueiros

Silves

São Marcos da Serra

FREGUESIAS DE BAIXA DENSIDADE EM MUNICÍPIOS QUE NÃO SÃO DE BAIXA DENSIDADE

Tavira

Cachopo

Santa Catarina da Fonte do Bispo

Tomar

Olalhas

Sabacheira

União das freguesias de Além da Ribeira e Pedreira

União das freguesias de Casais e Alviobeira

União das freguesias de Serra e Juncelra

Vale de Cambra

Arões

Junqueira

Valença

Boivão

Fontoura

União das freguesias de Gondomil e Safins

União das freguesias de São Julião e Silva

Viana do Castelo

Montaria

Viseu

Calde

Cavernães

Cota

Ribafeita

São Pedro de France

União das freguesias de Barreiros e Cepões

Anexo III- Grelhas de observação

Categoria	Descrição	Localização
Rios/Ribeiras		
Serras		
Praias Fluviais		
Espaços naturais de recreio e lazer		

Categoria	Sub-Categoria	Descrição	Localização
Monumentos	Estações arqueológicas		
	Património classificado (Imóveis de interesse publico)		
	Locais com valor potencialmente arqueológico		
	Igrejas/ capelas/ ermidas		
	Palácios/Solares/ Casas apalaçadas		
	Fontes/Chafarizes/Aquedutos		
Artísticos	Museus		
	Grupos musicais		
Complementar	Parques/Jardins públicos		
	Lagares/Fornos		
	Pontes		
Etnográfico	Rancho folclóricos		
Industriais	Fábricas		

Categoria	Sub-categoria	Denominação
Gastronomia/Vinhos	Pratos típicos	
	Doces Típicos	
	Artigos típicos	

Categoria	Sub-Categoria	Descrição	Localização
Culturais	Artes e espetáculos		
Desportivos	Zonas de caça		
	Zonas de pesca desportiva		
	Campo de Ténis		
	Pavilhões multiusos		
	Campo polidesportivo		
	Campo de Tiro		
Recreativos	Piscinas de Recreio		

Categoria	Subcategoria	Descrição	Localização
Religiosos	Feiras/Romarias		
Desportivos			
Negócios	Feiras		

Nome	Tipologia	Localização	Nº Camas	Nº Quartos
		Total		

Categoria	Denominação
Circuitos Turísticos	

Anexo IV- Solicitação de informação relativamente à procura turística do
Concelho de Castanheira de Pêra INE



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Pedido de Informação

Número de entrada: PED-275382115

E-mail: silviatavaresbraga@ua.pt

Bom dia. Caros senhores sou estudante de mestrado e estou a fazer uma tese para a qual necessito dos dados de oferta e procura turística relativa ao Concelho de Castanheira de Pêra, não encontro disponível no site nenhuma informação referente a este concelho. O meu muito obrigada, Sílvia Braga.



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Envio de Resposta

Data: 27-10-2016

N/ Refª: PED-275382115

Caro/a Utilizador/a,
Sílvia Braga

Agradecemos o seu pedido n.º PED-275382115.

Lamentamos, mas a informação ainda não se encontra disponível, a mesma tem data prevista de saída para o final do mês corrente.

Colocamo-nos ao V. dispor para eventuais esclarecimentos.
Com os nossos cumprimentos,

Apoio a Clientes

INE - Instituto Nacional de Estatística, IP

Nº 808 201 808 (rede fixa)

Nº 218 440 695 (outras redes)

9:00 às 17:00 - dias úteis

Pedidos de Informação

Visite o INE em www.ine.pt

Escolha **Contacte-nos**

Selecione **Pedidos de Informação/Esclarecimentos** ou siga este [link](#)

Fax: 218 454 084

Anexo V-Fauna existente no concelho de Castanheira de Pêra

Lista de anfíbios que ocorrem na Serra da Lousã

Nome científico	Nome vulgar
<i>Alytes obstetricans</i>	Sapo-parteiro
<i>Bufo bufo</i>	Sapo-comum
<i>Chioglossa lusitanica</i>	Salamandra-lusitânica
<i>Hyla arborea</i>	Rela
<i>Pleurodeles waltl</i>	Salamandra-de-costelas-salientes
<i>Rana iberica</i>	Rã-ibérica
<i>Rana perezi</i>	Rã-verde
<i>Salamandra salamandra</i>	Salamandra-de-pintas-amarelas
<i>Triturus boscai</i>	Tritão-de-ventre-laranja
<i>Triturus marmoratus</i>	Tritão-marmorado

Lista de répteis existentes na Serra da Lousã

Nome científico	Nome vulgar
<i>Anguis fragilis</i>	Cobra-de-vidro
<i>Chalcides bedriagai</i>	Cobra-de-pernas-pentadactila
<i>Elaphe scalaris</i>	Cobra-de-escada
<i>Lacerta lepida</i>	Lagarto-comum
<i>Lacerta schreiberi</i>	Lagarto-de-água
<i>Malpolon monspessulanus</i>	Cobra-rateira
<i>Mauremys caspica</i>	Cágado-comum
<i>Natrix maura</i>	Cobra-de-água-viperina
<i>Natrix natrix</i>	Cobra-de-água-de-colar
<i>Podarcis bocagei</i>	Lagartixa
<i>Podarcis hispanica</i>	Lagartixa
<i>Psammodromus algirus</i>	Sardanisca-do-mato
<i>Psammodromus hispanicus</i>	Sardanisca-do-mato-ibérica
<i>Tarentola mauritanica</i>	Osga
<i>Vipera latastei</i>	Víbora-cornuda

Aves que ocorrem na Serra da Lousã

Nome científico	Nome vulgar
ORDEM Podicipediformes	
<i>Tachybaptus ruficollis</i>	Mergulhão-pequeno
ORDEM Ciconiiformes	
<i>Ardea cinerea</i>	Garça-real
ORDEM Falconiformes	
<i>Buteo buteo</i>	Águia-de-asa-redonda
<i>Circus cyaneus</i>	Águia-cobreira
<i>Accipiter gentilis</i>	Açor
<i>Accipiter nisus</i>	Gavião-da-Europa
<i>Milvus migrans</i>	Milhafre-preto
<i>Circus pygargus</i>	Tartaranhão-caçador
<i>Circus cyaneus</i>	Tartaranhão-azulado
<i>Falco tinnunculus</i>	Peneireiro-comum
<i>Falco peregrinus</i>	Falcão-peregrino
ORDEM Galliformes	
<i>Alectoris rufa</i>	Perdiz-vermelha
<i>Coturnix coturnix</i>	Codorniz
ORDEM Charadriiformes	
<i>Scolopax rusticola</i>	Galinholo
ORDEM Gruiformes	
<i>Gallinula chloropus</i>	Galinha-de-água
ORDEM Columbiformes	
<i>Columba livia</i>	Pombo-doméstico
<i>Columba palumbus</i>	Pombo-torçaz
<i>Streptopelia turtur</i>	Rola-comum
ORDEM Cuculiformes	
<i>Cuculus canorus</i>	Cuco
ORDEM Caprimulgiformes	
<i>Caprimulgus europaeus</i>	Noitebó-da-Europa
ORDEM Strigiformes	
<i>Tyto alba</i>	Coruja-das-torres
<i>Athene noctua</i>	Mucho-galego
<i>Strix aluco</i>	Coruja-do-mato
ORDEM Apodiformes	
<i>Apus apus</i>	Andorinhão-preto
ORDEM Coraciiformes	
<i>Alcedo atthis</i>	Guarda-rios
<i>Upupa epops</i>	Poupa
ORDEM Piciformes	
<i>Picus viridis</i>	Pica-pau-verde
<i>Dendrocopos major</i>	Pica-pau-malhado-grande

ORDEN Passeriformes

<i>Galerida sp</i>	Cotovia
<i>Alauda arvensis</i>	Laverca
<i>Lullula arborea</i>	Cotovia-pequena
<i>Riparia riparia</i>	Andorinha-das-barreiras
<i>Ptyonoprogne rupestris</i>	Andorinha-das-rochas
<i>Hirundo rustica</i>	Andorinha-das-chaminés
<i>Delichon urbica</i>	Andorinha-dos-beirais
<i>Anthus pratensis</i>	Petinha-dos-prados
<i>Anthus campestris</i>	Petinha-dos-campos
<i>Motacilla flava</i>	Alvéola-amarela
<i>Motacilla cinerea</i>	Alvéola-cinza
<i>Motacilla alba</i>	Alvéola-branca
<i>Oriolus oriolus</i>	Papa-figos
<i>Sturnus unicolor</i>	Estorninho-preto
<i>Garrulus glandarius</i>	Gaio
<i>Pica pica</i>	Pega-rabuda
<i>Corvus corax</i>	Corvo
<i>Corvus corone</i>	Gralha-preta
<i>Cinclus cinclus</i>	Melro-de-água

<i>Troglodytes troglodytes</i>	Carriça
<i>Prunella collaris</i>	Ferreirinha-alpina
<i>Prunella modularis</i>	Ferreirinha-comum
<i>Cettia cetti</i>	Rouxinol-bravo
<i>Cisticola juncidis</i>	Fuinha-dos-juncos
<i>Hippolais polyglotta</i>	Felosa-poliglota
<i>Sylvia atricapilla</i>	Toutinegra-do-barrete-preto
<i>Sylvia communis</i>	Papa-amoras-comum
<i>Sylvia melanocephala</i>	Toutinegra-de-cabeça-preta
<i>Sylvia undata</i>	Carriça-do-mato
<i>Phylloscopus collybita</i>	Felosa-comum
<i>Regulus regulus</i>	Estrelinha-de-poupa
<i>Regulus ignicapillus</i>	Estrelinha-de-cabeça-listada
<i>Muscicapa striata</i>	Papa-moscas-cinza
<i>Ficedula hypoleuca</i>	Papa-moscas-preto
<i>Oenanthe oenanthe</i>	Chasco-cinza
<i>Oenanthe hispanica</i>	Chasco-ruivo
<i>Saxicola torquata</i>	Cartaxo-comum
<i>Saxicola rubetra</i>	Cartaxo-nordestino
<i>Monticola saxatilis</i>	Melro-das-rochas
<i>Monticola solitarius</i>	Melro-azul
<i>Phoenicurus phoenicurus</i>	Rabirruivo
<i>Enthacus rubecula</i>	Pisco-de-peito-ruivo
<i>Luscinia megarhynchos</i>	Rouxinol-comum
<i>Turdus merula</i>	Melro-preto
<i>Turdus iliacus</i>	Tordo-ruivo
<i>Turdus philomelos</i>	Tordo-comum
<i>Turdus viscivorus</i>	Tordeia
<i>Parus cristatus</i>	Chapim-de-poupa
<i>Parus caeruleus</i>	Chapim-azul
<i>Parus ater</i>	Chapim-preto
<i>Parus major</i>	Chapim-real
<i>Aegithalos caudatus</i>	Chapim-rabilongo
<i>Certhia branchyactyla</i>	Trepadeira-comum
<i>Sitta europaea</i>	Trepadeira-azul
<i>Passer domesticus</i>	Pardal-comum
<i>Passer montanus</i>	Pardal-montez
<i>Fringilla coelebs</i>	Tentilhão-comum
<i>Pyrrhula pyrrhula</i>	Dom-fafe
<i>Serinus serinus</i>	Chamariz
<i>Carduelis chloris</i>	Verdelhão
<i>Carduelis spinus</i>	Lugre
<i>Carduelis carduelis</i>	Pintassilgo
<i>Carduelis cannabina</i>	Pintarroxo
<i>Emberiza cia</i>	Cia
<i>Emberiza cirrus</i>	Escrevedeira-de-garganta-preta
<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre

Mamíferos que ocorrem na Serra da Lousã

Nome científico	Nome vulgar
ORDEM Insectivora	
<i>Erinaceus europaeus</i>	Ouriço
<i>Talpa occidentalis</i>	Toupeira
ORDEM Lagomorpha	
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Coelho
<i>Lepus granatensis</i>	Lebre
ORDEM Carnívora	
<i>Vulpes vulpes</i>	Raposa
<i>Mustela nivalis</i>	Doninha
<i>Mustela putorius</i>	Toirão
<i>Martes foina</i>	Fuinha
<i>Meles meles</i>	Texugo
<i>Lutra lutra</i>	Lontra
<i>Genetta genetta</i>	Geneta
<i>Felis silvestris</i>	Gato-bravo
ORDEM Artiodactyla	
<i>Sus scrofa</i>	Javali
<i>Cervus elaphus</i>	Veado
<i>Capreolus capreolus</i>	Corço

Anexo VI- Flora existente no concelho

A Flora que ocorre na Serra da Lousã

Nome científico	Nome vulgar
<i>Abies nordmanniana</i> (Steven) Spach	Abeto-do-Caucaso
<i>Abies numidica</i> De Lannoy ex Carr.	Abeto-da-Argélia
<i>Acacia dealbata</i> Link	Mimosa
<i>Acacia melanoxylon</i> R. Br.	Acácia
<i>Acer platanoides</i> L.	Acer-da-Noruega
<i>Acer pseudoplatanus</i> L.	Padreiro
<i>Ailanthus altissima</i> (Miller) Swingle	Ailanto
<i>Alnus glutinosa</i> (L.) Gaertner	Amieiro
<i>Alnus incana</i> (L.) Moench	Amieiro-branco
<i>Alnus viridis</i> (Chaix) DC	Amieiro-verde
<i>Arbutus unedo</i> L.	Medronheiro
<i>Betula alba</i> L.	Vidoeiro
<i>Castanea sativa</i> Miller	Castanheiro
<i>Cedrus atlantica</i> (Endl.) Carrière	Cedro-do-Atlas
<i>Cedrus deodara</i> (D. Don) G. Don in Loudon	Cedro-do-Himalaia
<i>Celtis australis</i> L.	Lódão
<i>Cercis siliquastrum</i> L.	Olaia
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i> (A. Murray) Parl.	Cipreste-de-Lawson
<i>Cryptomeria japonica</i> (L.fil.) D. Don	Criptoméria
<i>Cupressus arizonica</i> E.L. Green.	Cipreste-do-Arizona
<i>Cupressus glabra</i> Sudworth	Cipreste-glabro
<i>Cupressus lusitanica</i> Miller	Cipreste-do-Bussaco
<i>Cupressus macrocarpa</i> Hartweg	Cipreste-de-Lambert
<i>Cupressus sempervirens</i> L.	Cipreste
<i>Erica arborea</i> L.	Urze-branca
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thumb.) Lindley	Nespereira
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto
<i>Fagus sylvatica</i> L.	Faia
<i>Ficus carica</i> L.	Figueira
<i>Fraxinus americana</i> L.	Freixo-americano
<i>Fraxinus augustifolia</i> sbsp. <i>augustifolia</i>	Freixo
<i>Fraxinus excelsior</i> L.	Freixo
<i>Ilex aquifolium</i> L.	Azevinho
<i>Juglans regia</i> L.	Nogueira
<i>Juniperus communis</i> L.	Zimbro-comum
<i>Juniperus oxycedrus</i> L. subsp. <i>badia</i>	Zimbro
<i>Juniperus virginiana</i> L.	Zimbro-da-Virginia
<i>Larix decidua</i> Miller	Lárix-europeu
<i>Larix kaempferi</i> (Lamb.) Carr.	Lárix-do-Japão
<i>Juniperus communis</i> L.	Zimbro-comum
<i>Juniperus oxycedrus</i> L. subsp. <i>badia</i>	Zimbro
<i>Juniperus virginiana</i> L.	Zimbro-da-Virginia
<i>Larix decidua</i> Miller	Lárix-europeu
<i>Larix kaempferi</i> (Lamb.) Carr.	Lárix-do-Japão
<i>Laurus nobilis</i> L.	Loureiro
<i>Liriodendron tulipifera</i> L.	Liriodendro
<i>Morus nigra</i> L.	Amoeira-negra
<i>Olea europea</i> L.	Oliveira
<i>Phillyrea latifolia</i> L.	Aderno
<i>Picea abies</i> (L.) Karsten	Picea-comum
<i>Picea morinda</i> Link	Picea-do-Himalaia
<i>Picea rubens</i> Sarg.	Picea-vermelha-do-Canadá
<i>Picea sitchensis</i> (Bong.) Carrière	Picea-do-Sitka
<i>Pinus mugo</i> Turra	Pinheiro-de-Montanha
<i>Pinus nigra</i> Arnold	Pinheiro-Negro
<i>Pinus pinaster</i> Aiton	Pinheiro-bravo
<i>Pinus ponderosa</i> Douglas	Pinheiro-amarelo-do-oeste
<i>Pinus radiata</i> D. Don	Pinheiro-dde-Monterey
<i>Pinus rigida</i> Miller	Pinheiro-duro
<i>Pinus sylvestris</i> L.	Pinheiro-silvestre
<i>Platanus hybrida</i>	Plátano
<i>Populus nigra</i> L.	Choupo-negro
<i>Prunus avium</i> L.	Cerejeira-brava

<i>Prunus lusitanica</i> L.	Azereiro
<i>Pseudotsuga menziesii</i> (Mirbel) Franco	Pseudotsuga
<i>Pyrus communis</i> L.	Pereira
<i>Quercus ilex</i> L.	Azinhêira
<i>Quercus pyrenaica</i> Willd.	Carvalho-negral
<i>Quercus robur</i> L.	Carvalho-alvarinho
<i>Quercus rubra</i> L.	Carvalho-americano
<i>Quercus suber</i>	Sobreiro
<i>Robinia pseudoacacia</i> L.	Robínia
<i>Salix babylonica</i> L.	Chorão
<i>Sequoia sempervirens</i> (Lamb.) Endl.	Sequóia
<i>Sorbus aucuparia</i> L.	Tramazeira
<i>Thuja occidentalis</i> L.	Tuia-do-Canadá
<i>Thuja plicata</i> D. Don ex Lamb.	Tuia-gigante
<i>Tilia americana</i> L.	Tília-americana
<i>Tilia cordata</i> Miller	Tília-de-folhas-pequenas
<i>Tilia platyphyllos</i> Scop.	Tília-de-folhas-grandes
<i>Tilia tomentosa</i> Moench	Tília-prateada
<i>Ulmus minor</i> Miller	Ulmeiro

Os arbustos que ocorrem na Serra da Lousã

Nome científico	Nome vulgar
<i>Calluna vulgaris</i> (L.) Hull.	Torga
<i>Chamaespartium tridentatum</i> (L.) P. Gibbs	Carqueja
<i>Cistus albidus</i> L.	Roselha
<i>Corylus avellana</i> L.	Aveleira
<i>Crataegus monogyna</i> Jacq subsp. <i>brevispina</i>	Pilriteiro
<i>Erica lusitanica</i> Rudolphi	Urze-branca
<i>Erica umbellata</i> L.	Queiró
<i>Frangula alnus</i> Miller	Amieiro-negro
<i>Genista falcata</i> Brot.	Tojo-gadanhô
<i>Lavandula stoechas</i> L.	Rosmaninho
<i>Malus domestica</i> Borkh.	Macieira
<i>Phillyrea angustifolia</i> L.	Lentisco
<i>Prunus cerasus</i> L.	Ginjeira-galega
<i>Rhamnus alaternus</i> L.	Sanguinho-das-sebes
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro
<i>Sambucus racemosa</i> L.	Sabugueiro-alpino
<i>Ulex europaeus</i> L.	Tojo-molar
<i>Ulex minor</i> Roth.	Tojo
<i>Viburnum tinus</i> L.	Folhado
<i>Vitis vinifera</i> L.	Videira

Plantas Herbáceas que ocorrem na Serra da Lousã

Nome científico	Nome vulgar
<i>Antirrhinum majus</i> L.	Bocas-de-Lobo
<i>Aquilegia dichroa</i> Freyn	Aquilegia
<i>Digitalis purpurea</i> L. subsp. <i>purpurea</i>	Dedaleira
<i>Erythronium dens-canis</i> L.	Dente-de-cão
<i>Fragaria vesca</i> L.	Morangueiro-silvestre
<i>Geranium robertianum</i> L.	Erva-de-São-Roberto
<i>Gladiolus illyricus</i> Koch	Gladiolo
<i>Hedera helix</i> L. subsp. <i>canariensis</i> (Willd.) Coutinho	Hera
<i>Lonicera periclymenum</i> L.	Madressilva
<i>Narcissus bulbocodium</i> L. subsp. <i>bulbocodium</i>	Campainhas-do-monte
<i>Orchis mascula</i> (L.) L. subsp. <i>mascula</i>	Satírio-macho
<i>Primula vulgaris</i> Hudson	Primavera
<i>Ruscus aculeatus</i> L.	Gilbardeira
<i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy	Umbigo-de-Vênus
<i>Vicia sativa</i> L. subsp. <i>sativa</i>	Ervilhaca
<i>Viola riviniana</i> Reichenb.	Violeta

Pteridófitos que ocorrem na Serra da Lousã

Nome científico	Nome vulgar
<i>Asplenium billotii</i> F.W. Schultz	Fentilho
<i>Asplenium onopteris</i> L.	Avenca-negra
<i>Asplenium ruta-muraria</i> L.	Arruda-dos-muros
<i>Asplenium trichomanes</i> L.	Avencão
<i>Athyrium filix-femina</i> (L.) Roth	Feto-fêmea
<i>Ceterach officinarum</i> DC.	Doiradinha
<i>Dryopteris affinis</i> (Lowe) Fraser-Jenkins	Falso-feto-macho
<i>Dryopteris filix-mas</i> (L.) Schott	Feto-macho
<i>Osmunda regalis</i> L.	Feto-real
<i>Phyllitis scolopendrium</i> (L.) Newman	Língua-cervina
<i>Polypodium cambricum</i> L.	Polipódio
<i>Polystichum setiferum</i> (Forsk.) Woytnar	Fentana
<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn	Feto-ordinário

Anexo VII- Notícia na imprensa local referente à realização dos jantares
micológicos

Jantares Micológicos e de Plantas Silvestres em Castanheira de Pera

In Arquivo, Castanheira de Pera, Edição 151, Lazer, Negócios, Notícias, Por Terra, Turismo, Vida Social
Comentários fechados em Jantares Micológicos e de Plantas Silvestres em Castanheira de Pera

17 Novembro, 2015
243 Views

12



Depois do enorme sucesso do ano anterior, onde um número estimado em mais de 500 pessoas, de várias procedências nacionais e estrangeiras passaram pelo restaurante da Praia das Rocas para uma experiência gastronómica diferente, constituindo assim uma excelente iniciativa para a divulgação daquele espaço e também da região, a Prazilândia voltou este ano a apostar na gastronomia, retomando os Jantares Micológicos e de Plantas Silvestres.

Assim, as terças-feiras voltam a ser o dia da semana eleito para receber as novas experiências "gourmets", tendo-se realizado no dia 20 de Outubro o primeiro jantar da nova série, que contou com a presença de cerca de três dezenas de pessoas, de Castanheira de Pera e concelhos limítrofes, com a maioria a pertencer à numerosa comunidade estrangeira a residir na região.

Mais do que compostos por um ou mais pratos principais, estes jantares são antes uma degustação de várias especialidades, entre as quais os cogumelos e ervas silvestres são a tônica principal, mas não só. Do ano passado transitaram os tradicionais torresmos de porco e as castanhas, no seu aproveitamento culinário, quer como acompanhamento quer em sobremesa. E o bom azeite é um ingrediente fundamental, um "sine qua non" para o sucesso dos cozinhados.

Pela mesa desfilaram então os já referidos torresmos, um preparado com vários tipos de cogumelos silvestres, que tiveram como estrelas da companhia os *Boletus edulis* e *lactarius deliciosus* (uma espécie de *míscaço*), um guisado de grão de bico aromatizado com o cogumelo *Clitocybe odora*, *chícharos* e

O ecoturismo como potenciador dos territórios de baixa densidade- O caso de Castanheira de Pêra

espaguete aromatizados com saramago, e no final uma fantástica sopa de beldroegas, com os seus sabores antagónicos e agriços, um deleite para os sentidos.

Para sobremesa a escolha recaiu numa tarte de castanha, finalizada com um digestivo e calmante chá de calaminta. Por enquanto, e até começarem a aparecer os respectivos cogumelos, entre os quais o sugestivo "barba de bode", um fungo de cor negra, as deliciosas compotas são ainda e apenas uma recordação da época anterior, bem como o fantástico esparregado de urtigas e a sopa das mesmas!

Como a existência das estrelas principais destes jantares, os cogumelos e as plantas silvestres, está muito dependente das condições atmosféricas, não é seguro dizer até quando durarão os jantares, sendo certo que no ano passado decorreram entre Novembro e Maio.



Na cozinha está Sílvia Braga, que frequenta um Mestrado em Ecoturismo orientado pela Escola Superior Agrária e pela Escola Superior de Educação, de Coimbra, acompanhada pelo PCA da Prazilândia José Pais, que também supervisiona as recolhas dos ingredientes silvestres, e que durante e no final das refeições faz breves explicações do que os participantes estão a experimentar.

Como em tudo na vida, é de aproveitar enquanto há!

Marcações: 925 344 386 ou animacao@praiadasrocas.com

António B. Carreira